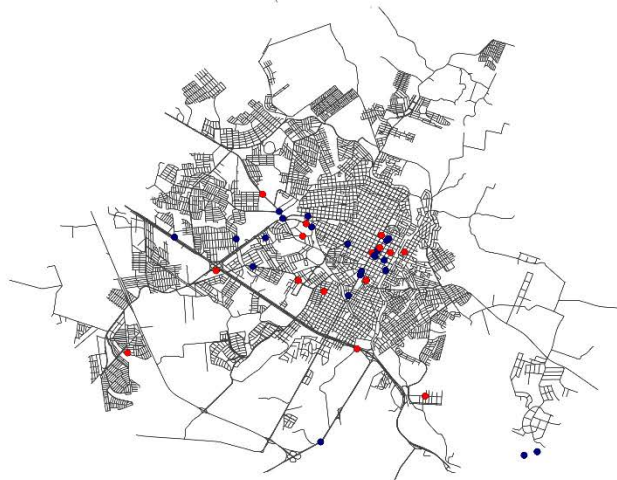
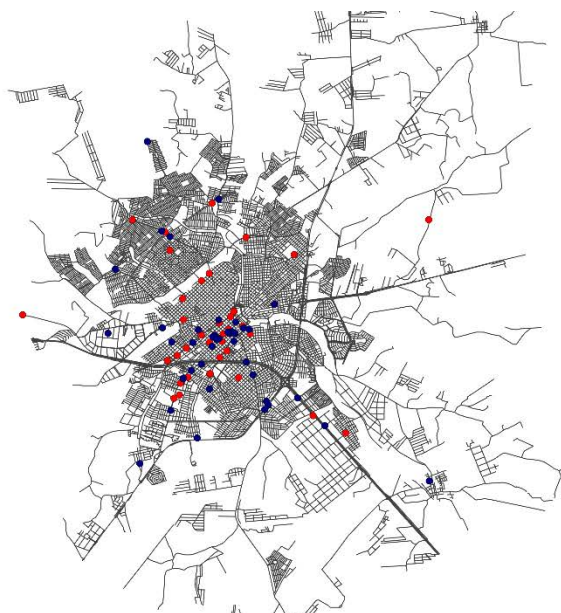
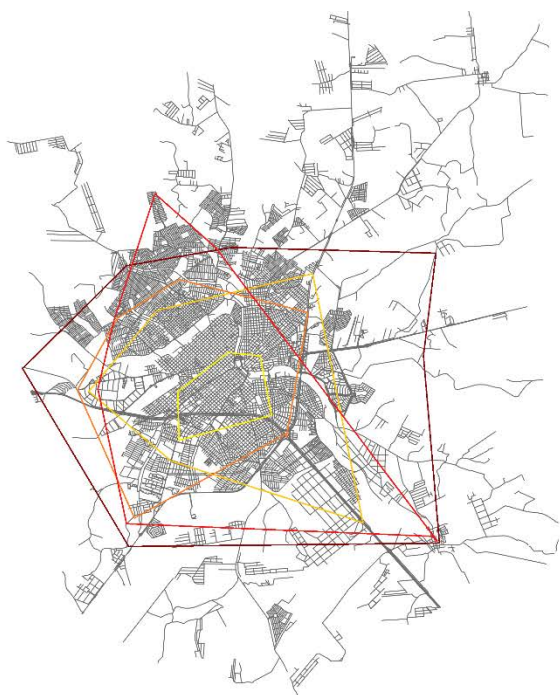


**AS LÓGICAS ESPACIAIS DO SETOR BANCÁRIO NAS CIDADES DE PRESIDENTE  
PRUDENTE E SÃO JOSÉ DO RIO PRETO: DA ESTRUTURA ESPACIAL  
CONCENTRADA À MULTICENTRALIDADE SELETIVA.**

**JULIANA SANTOS DE OLIVEIRA**





UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Presidente Prudente

JULIANA SANTOS DE OLIVEIRA

AS LÓGICAS ESPACIAIS DO SETOR BANCÁRIO NAS  
CIDADES DE PRESIDENTE PRUDENTE E SÃO JOSÉ DO RIO  
PRETO: DA ESTRUTURA ESPACIAL CONCENTRADA À  
MULTICENTRALIDADE SELETIVA.

Monografia apresentada ao Conselho de Curso de  
Geografia da FCT/UNESP, Campus Presidente  
Prudente, para obtenção do título de Bacharel em  
Geografia.

Orientadora: Maria Encarnação Beltrão Sposito.

Presidente Prudente (SP)  
Dezembro, 2015.

## FICHA CATALOGRÁFICA

S --- OLIVEIRA, Juliana Santos de.

As lógicas espaciais do setor bancário nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto: da estrutura espacial concentrada à multicentralidade seletiva. Juliana Santos de Oliveira. – Presidente Prudente: [s.n], 2015. \_f.130

Orientadora: Maria Encarnação Beltrão Sposito.

Trabalho de conclusão (Bacharelado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia.

Incluí bibliografia

Geografia 2. Geografia Urbana 3. Produção do Espaço Urbano. I. Sposito, Maria

## DECLARAÇÃO


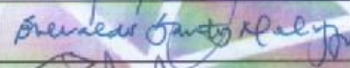

**JULIANA SANTOS DE OLIVEIRA**, RG. N.º 48.454.404-4, cumpriu sob minha orientação, 180 horas de Estágio Supervisionado e Trabalho de Graduação do Curso de Bacharelado em Geografia, desta Faculdade.

Título de Monografia: "**AS LÓGICAS ESPACIAIS DO SETOR BANCÁRIO NAS CIDADES DE PRESIDENTE PRUDENTE E SÃO JOSÉ DO RIO PRETO: DA ESTRUTURA ESPACIAL CONCENTRADA À MULTICENTRALIDADE SELETIVA**".

A Monografia foi apresentada, em defesa pública, no dia **15 de dezembro de 2015**, às 10h00min, na Sala de Reuniões do GASPEER.

Após as arguições e defesa do(a) candidato(a), foi atribuído o conceito A, com a nota 100 ( dez ).

Presidente Prudente, 15 de dezembro de 2015.

BANCA AVALIADORA	ASSINATURAS
Profa. Dra. Maria E. Beltrão Spósito (Orientadora)	
Prof. Dr. Everaldo Santos Melazzo	
Prof. Ms. Sérgio Braz Magaldi	

## Agradecimentos

A realização deste trabalho é fruto de esforços coletivos e de toda natureza e, por este motivo, meus agradecimentos dirigem-se a uma ampla gama de pessoas e também de instituições, que foram fundamentais durante todo o processo de desenvolvimento das pesquisas, que resultaram neste trabalho, assim como de meu processo de formação acadêmica.

Assim, gostaria de agradecer, em primeiro lugar e de forma efusiva, minha família, em especial meus pais e irmão, a quem devo a vida e a formação humana que me foi proporcionada com grande dedicação. A Ana, minha mãe, sou grata pelo carinho, dedicação e lições de amor, alegria, motivação e por seu espírito de profunda fé em mim e em meus sonhos, me forneceu toda ajuda, emocional e financeira, sem a qual este projeto não seria possível. A meu pai, Everaldo, sou grata pelo companheirismo, formação política, amor e exemplo moral inabalável, homem solidário e com profunda fé na humanidade. A meu irmão, Engels, sou grata pela irmandade de sempre e pela certeza de que teremos um ao outro até o fim de nossas vidas, porque, apesar dos dez anos de diferença, somos gêmeos univitelinos. Também reservo um espaço para agradecer a minha Avô Cida, que contra todas as probabilidades acreditou no meu sonho e me deu apoio até seu último dia de vida. A estes nunca poderei agradecer o suficiente.

À Bruno, meu companheiro e amigo, sou grata por todos os momentos que compartilhamos e, sobretudo, pelo crescimento, pessoal e intelectual, que foi potencializado por sua companhia. Sou grata pelo amor, compreensão e dedicação nos bons momentos e, sobretudo, nos momentos mais sombrios em que mais ninguém poderia estar ao meu lado com tamanha entrega. Agradeço pelos debates sobre geografia, filosofia, física e sobre todos os temas que nos instigam a saber mais sobre o mundo, minha mente e meu coração são mais felizes contigo.

Aos amigos e colaboradores da universidade agradeço pelas contribuições feitas nos mais diversos espaços de debates, conversas, viagens, aulas e em tantos outros momentos em que se foi oportuna a troca de ideias, afetos e compartilhamentos de toda natureza. Desta forma, agradeço ainda aos professores, que me proporcionaram uma formação ímpar, em especial, à Professora Maria Encarnação Beltrão Sposito, a quem sou grata não apenas pela orientação incansável, exemplar e inspiradora, mesmo em meus momentos de maior desmotivação, mas, sobretudo, pelo apoio nos momentos em que agiu também como amiga, dando conselhos e desempenhando funções que ultrapassam suas atribuições objetivas, sem ela este projeto também não teria o mesmo êxito.

Agradeço, também de forma especial, aos professores Ricardo Pires de Paula, Claudemira Ito e ao funcionário Guilherme O. Barros Ulhoa, que acreditaram na minha formação e me ajudaram em um dos momentos mais adversos pelos quais passei durante meu percurso na graduação.

Por fim, mas não com menor importância, agradeço à Universidade Estadual Paulista – Campus de Presidente Prudente, pelo apoio e estrutura à minha formação. Também à Universitat de Lleida que, durante o estágio de pesquisa no exterior, recebeu-me e deu todo suporte à minha estadia, em especial agradeço às professoras Maria Pilar Alonso Logronõ, Carmem Bellet e Ramón Morrel, também agradeço à amizade e apoio de Edu, além de todos os outros amigos a quem nunca poderei esquecer. E, principalmente, à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), que acreditou no meu potencial e financiou as pesquisas que deram suporte a este trabalho.

Com isso, agradeço a todas essas e todas as outras pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que este projeto, e também meu projeto de vida, se realizasse da melhor forma que poderia ser.

**OBRIGADA!**

## RESUMO

Este trabalho tem como intuito analisar as lógicas espaciais do sistema bancário em cidades médias, tomando como estudo de caso os municípios Presidente Prudente e São José do Rio Preto, no Estado de São Paulo, de forma a contribuir para a compreensão dessas lógicas a partir de três dimensões analíticas: - avaliação da intensidade e modo de redefinição da centralidade urbana nestas cidades a partir da análise das lógicas de localização dos equipamentos bancários; – verificação da relação entre essas lógicas e as práticas espaciais cotidianas dos cidadãos; - apreensão de como, a partir destas dinâmicas, amplia-se a segmentação socioespacial e a fragmentação socioespacial nas cidades sob análise.

**Palavras Chave:** Multicentralidade, Sistema bancário, lógicas espaciais, práticas espaciais, cidades médias, geografia econômica.

## **ABSTRACT**

This work aims to analyze the spatial logic of the banking system in medium cities, taking as case study the cities Presidente Prudente and São José do Rio Preto, in São Paulo, in order to contribute to the understanding of these logics from three analytical dimensions: - seeks to assess what intensity and how has redefined the urban centrality in these cities from the analysis of the logical location of banking equipment; - how this logical guide the everyday spatial practices of citizens; - and from these dynamics, increases to socio-spatial segmentation and socio-spatial fragmentation in cities under review.

Keywords: Multicentrality, Banking system, spatial logic, spatial practices, middle cities.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Evolução do número de sedes e agências de bancos no Brasil – 1941/2005 .....	21
Figura 2	Gráficos que representam a relação do número de agências em diferentes cidades e estados brasileiros. 2003.....	33
Figura 3	Fórmula do IDEAB(pib). 2003.....	34
Figura 4	Índice de distribuição espacial das agências bancárias pelo critério de população.....	35
Figura 5	Formula do IDEAB(pib). 2003.....	35
Figura 6	Figura 6 –Brasil. Índice de distribuição espacial das agências bancárias pelo critério de PIB. 2013.....	36
Figura 7	Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Nível de centralidade bancária segundo estudo da REGIC, 2010.....	85

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Número de sedes bancárias no Brasil por estado. 2014.....	29
Gráfico 2	Número de sedes bancárias em São Paulo por município. 2014.....	29
Gráfico 3	Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Evolução do número de estabelecimentos inaugurados nos cinco períodos elencados. Década de 1920 a 2013.....	55
Gráfico 4	Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Evolução do número de estabelecimentos com atividade encerrada nos cinco períodos elencados. Década de 1920 a 2013.....	56
Gráfico 5	Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Evolução do número total de estabelecimentos em funcionamento nos cinco períodos elencados. Década de 1920 a 2013.....	56
Gráfico 6	Presidente Prudente. Participação das instituições bancárias na instalação de equipamentos por período. 1930 a 2014.....	57
Gráfico 7	São José do Rio Preto. Participação das instituições bancárias na instalação de equipamentos por período. 1920 a 2014.....	58
Gráfico 8	Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Número de instituições bancárias atuantes (Concentração econômica), 1920 a 2014.....	59
Gráfico 9	Presidente Prudente. Evolução do número de agências bancárias e caixas eletrônicos nos cinco períodos delimitados. 1930 a 2014.....	60
Gráfico 10	São José do Rio Preto. Evolução do número de agências bancárias e caixas eletrônicos nos cinco períodos delimitados. 1920 a 2014.....	60
Gráfico 11	Presidente Prudente. Evolução da localização dos equipamentos bancários dentro e fora do centro (%) nos cinco períodos elencados. 1930 a 2014.....	61
Gráfico 12	São José do Rio Preto. Evolução da localização dos equipamentos bancários dentro e fora do centro (%) nos cinco períodos elencados. 1920 a 2014.....	62

Gráfico 13	Presidente Prudente. Distribuição de equipamentos bancários na região de influência da cidade. 2014.....	86
Gráfico 14	São José do Rio Preto. Distribuição de equipamentos bancários na região de influência da cidade. 2014.....	86
Gráfico 15	Presidente Prudente. Percentual de agências e Postos de atendimento (PAE e PAB) nos municípios da região de influência, 2014.....	87
Gráfico 16	São José do Rio Preto. Percentual de agências e Postos de atendimento (PAE e PAB) nos municípios da região de influência, 2014.....	87
Gráfico 17	Presidente Prudente. Fluxo de usuários de bancos nas principais vias de concentração de bancos do centro da cidade, 2014.....	98
Gráfico 18	São José do Rio Preto. Fluxo de usuários de bancos nas principais vias de concentração de bancos do centro da cidade, 2015.....	98
Gráfico 19	Presidente Prudente. Fluxo de usuários na principal área de concentração de bancos da Avenida Coronel José Soares Marcondes, 2014.....	101
Gráfico 20	São José do Rio Preto. Fluxo de usuários na principal área de concentração de bancos da Avenida Brigadeiro Faria Lima, 2015.....	101
Gráfico 21	Presidente Prudente. Comparação entre os fluxos de usuários de bancos no centro da cidade e na Av. Coronel José Soares Marcondes, 2014.....	103
Gráfico 22	São José do Rio Preto. Comparação entre os fluxos de usuários de bancos no centro da cidade e na Av. Brigadeiro Faria Lima, 2015.....	104
Gráfico 23	Presidente Prudente - Propósitos de deslocamento dos usuários de bancos para as duas áreas de concentração de serviços bancários, 2014.....	105
Gráfico 24	São José Rio Preto - Propósitos de deslocamento dos usuários de bancos para as duas áreas de concentração de serviços bancários, 2015.....	105
Gráfico 25	Presidente Prudente. Formas de deslocamento dos usuários nas duas áreas de concentração de bancos, 2014.....	112
Gráfico 26	São José do Rio Preto. Formas de deslocamento dos usuários nas duas áreas de concentração de bancos, 2014.....	113
Gráfico 27	Presidente Prudente. Nível de escolarização dos usuários nas áreas de concentração de bancos, 2014.....	114
Gráfico 28	São José do Rio Preto. Nível de escolarização dos usuários nas áreas de concentração de bancos, 2015.....	114
Gráfico 29	Presidente Prudente. Motivações dos usuários para utilização de bancos no centro da cidade, 2014.....	116
Gráfico 30	São José do Rio Preto. Motivações dos usuários para utilização de bancos no centro da cidade, 2015.....	117
Gráfico 31	Motivações dos usuários para utilização de bancos na Avenida Coronel José Soares Marcondes, 2014.....	118
Gráfico 32	Motivações dos usuários para utilização de bancos na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 2015.....	119

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Modelo de quadro e legenda para aplicação das enquetes.....	135
Tabela 2	Presidente Prudente. Bairro de origem dos usuários de bancos no centro da cidade, 2014.....	136
Tabela 3	São José do Rio Preto. Bairro de origem dos usuários e bancos no centro da cidade, 2015.....	137
Tabela 4	São José do Rio Preto. Bairros de origem dos usuários de bancos na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 2015.....	137
Tabela 5	Presidente Prudente. Bairros de origem dos usuários de bancos na Avenida Coronel José Soares Marcondes, 2015.....	138

## LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Localização dos municípios de Presidente Prudente e São José do Rio Preto (SP).....	17
Mapa 2	Presidente Prudente. Localização atual dos estabelecimentos bancários, 2014.....	46
Mapa 3	São José do Rio Preto. Localização atual dos estabelecimentos bancários, 2014.....	47
Mapa 4	Presidente Prudente. Evolução da localização de equipamentos bancários no primeiro período (1920 - 1970).....	65
Mapa 5	São José do Rio Preto. Evolução da localização de equipamentos bancários no primeiro período (1920 - 1970).....	66
Mapa 6	Presidente Prudente. Evolução da localização de equipamentos bancários no segundo período (1980 - 1990).....	67
Mapa 7	São José do Rio Preto. Evolução da localização de equipamentos bancários no segundo período (1980 - 1990).....	68
Mapa 8	Presidente Prudente. Principais vias de concentração de estabelecimentos bancários fora do centro.....	71
Mapa 9	São José do Rio Preto. Principais vias de concentração de estabelecimentos bancários fora do centro.....	72
Mapa 10	Presidente Prudente. Evolução da localização de equipamentos bancários no terceiro período (2000 - 2005).....	73
Mapa 11	São José do Rio Preto. Evolução da localização de equipamentos bancários no terceiro período (2000 - 2005).....	74
Mapa 12	Presidente Prudente. Evolução da localização de equipamentos bancários no quarto período (2006 - 2009).....	75
Mapa 13	São José do Rio Preto. Evolução da localização de equipamentos bancários no quarto período (2006 - 2009).....	76
Mapa 14	Presidente Prudente. Evolução da localização de equipamentos bancários no quinto período (2010 - 2013).....	77
Mapa 15	São José do Rio Preto. Evolução da localização de equipamentos bancários no quinto período (2010 - 2013).....	78
Mapa 16	Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Síntese da evolução do sistema bancário nos cinco períodos em análise, a partir de polígonos	80

	que representam a área aproximada de localização dos estabelecimentos bancários. 1920 a 2013.....	
Mapa 17	Presidente Prudente. Distribuição atual dos estabelecimentos bancários, 2014.....	81
Mapa 18	São José do Rio Preto. Distribuição atual dos estabelecimentos bancários, 2014.....	82
Mapa 19	Presidente Prudente. Localização do centro e das principais vias de concentração de bancos nesta área, 2014.....	94
Mapa 20	São José do Rio Preto. Localização do centro e das principais vias de concentração de bancos nesta área, 2014.....	95
Mapa 21	Presidente Prudente. Área de concentração de equipamentos bancários na Av. Cel. José Soares Marcondes, 2014.....	96
Mapa 22	São José do Rio Preto. Área de concentração de equipamentos bancários na Av. Brig. Faria Lima, 2014.....	97
Mapa 23	Presidente Prudente. Origem espacial dos usuários de bancos no centro da cidade, 2014.....	108
Mapa 24	São José do Rio Preto. Origem espacial dos usuários de bancos no centro da cidade, 2015.....	109
Mapa 25	Presidente Prudente. Origem espacial dos usuários de bancos na área de concentração da Av. Coronel José Soares Marcondes, 2015.....	110
Mapa 26	São José do Rio Preto. Origem espacial dos usuários de bancos na área de concentração da Av. Brigadeiro Faria Lima, 2015.....	111
Mapa 27	Síntesis de la evolución espacial del sector bancario en la ciudad de Presidente Prudente, 2014.....	127
Mapa 28	Situación actual de distribución de los equipos bancarios en la ciudad de Presidente Prudente, 2014.....	128
Mapa 29	Distribución y localización de las sucursales bancarias en Lleida, 2013.....	129
Mapa 30	Número y tipo de entidades financieras en la Provincia de Lleida, 2011.....	130

## SUMÁRIO

Apresentação.....	14
Introdução.....	15
1. As lógicas espaciais do sistema bancário no Brasil: da estrutura concentrada à dispersão.....	17
2. As lógicas do setor bancário e suas teorias de localização.....	23
3. Estruturação urbana e as lógicas espaciais do sistema bancário nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto: o centro e as centralidades.....	34
4. Evolução espacial do setor bancário nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto: da estrutura concentrada à policentralidade.....	44
5. Os efeitos espaciais das lógicas dos bancos em cidades médias: Discutindo os conceitos de diferenciação e fragmentação socioespaciais e práticas espaciais dos cidadãos no panorama atual.....	82
6. Considerações Finais.....	111
7. Referências.....	114
APÊNDICES.....	116

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido com base nos resultados de duas pesquisas, em nível de iniciação científica, a primeira desenvolvida durante 4 meses e intitulada: “As lógicas espaciais do sistema bancário: reestruturação das cidades de Marília, Presidente Prudente e São Carlos”, financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico Tecnológico (CNPq), e a segunda desenvolvida em duas fases, cada uma desenvolvida em 12 meses, sendo a primeira intitulada “As lógicas espaciais do sistema bancário: reestruturação na cidade de Presidente Prudente – SP” e a segunda fase intitulada “As lógicas espaciais do sistema bancário: reestruturação na cidade de São José do Rio Preto”, já finalizadas, sendo ambas vinculadas ao projeto temático “Lógicas econômicas e práticas espaciais: cidades médias e consumo” e financiadas pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Assim, sua estrutura seguirá organizada da seguinte forma: “Introdução”, em que sintetizamos a pesquisa e seu desenvolvimento; 1. “As lógicas espaciais do sistema bancário no Brasil: da estrutura concentrada à dispersão”, onde está apresentada a contextualização da evolução organizacional e espacial do setor bancário no Brasil; 2. “As lógicas do setor bancário e suas teorias de localização”, capítulo em que apresentamos e discutimos, de forma mais aprofundada, as determinações mais gerais das lógicas espaciais do sistema bancário; 3. “Estruturação urbana e as lógicas espaciais do sistema bancário nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto”, subdividido nos itens “3.1 Estruturação urbana de Presidente Prudente e São José do Rio Preto: centro, centralidade e os processos de reestruturação nas cidades” e 3.2 “Evolução espacial do setor bancário nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto: da estrutura concentrada à multicentralidade” e 3.3 “Os efeitos espaciais das lógicas espaciais dos bancos em cidades médias: Discutindo os conceitos de diferenciação e fragmentação socioespacial e práticas espaciais dos cidadãos no panorama atual”, onde debatemos, respectivamente, os processos de reestruturação urbana e das cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto; a evolução das lógicas espaciais dos bancos nestas cidades em conjunto com a análise de suas dinâmicas urbanas de estruturação e reestruturação; as práticas espaciais e os processos de segmentação e fragmentação socioespacial resultantes da materialização das lógicas espaciais do setor bancário nas cidades estudadas; 6. Considerações finais; 7. Referências Bibliográficas; e Apêndices, onde, no Apêndice I, apresentaremos alguns resultados das investigações realizadas nas cidades de Lleida, Espanha, durante o período de estágio de pesquisa no exterior, financiada pela FAPESP, onde buscamos avaliar os efeitos da crise econômica no setor financeiro e, em específico, seus rebatimentos no setor bancário que

sofreu intensa reestruturação, considerando como perspectiva central os efeitos espaciais desta reestruturação bancária na cidade de Lleida, já os Apêndices II e III contemplam informações complementares à pesquisa realizada no país.

## **1. INTRODUÇÃO**

Este trabalho tem como intuito analisar as lógicas espaciais do sistema bancário em cidades médias, com foco nos bancos de varejo, tomando como estudos de caso os municípios Presidente Prudente e São José do Rio Preto, no Estado de São Paulo, de forma a contribuir para a compreensão dessas lógicas a partir de três dimensões analíticas, a primeira que busca avaliar qual a intensidade e como tem se redefinido a centralidade urbana nestas cidades, a partir da análise das lógicas de localização dos equipamentos bancários; a segunda relativa a como essas lógicas orientam as práticas espaciais cotidianas dos cidadãos; e a terceira atinente aos modos como, a partir destas dinâmicas, amplia-se a segmentação e a fragmentação socioespaciais nas cidades sob análise. Para tanto, buscamos fazer uma análise integrada entre as lógicas espaciais mais gerais do sistema bancário, no Brasil e em outras partes do mundo (Apêndice I), e como estas se materializam nas cidades determinando e/ou reforçando processos e dinâmicas espaciais, buscando delimitar e compreender as principais mudanças ocorridas nessas lógicas, em múltiplas escalas, ao longo do tempo e do espaço. Parte-se da constatação de que as lógicas espaciais do sistema bancário no Brasil sofreram transformações importantes, gerando diversas configurações espaciais, contudo seletivamente desiguais no tempo e no espaço, sendo que estas alterações foram motivadas, dentre outros fatores, pela internacionalização da economia e maciça entrada de capitais estrangeiros, por processos de modernização orientados pelo uso das NTCIs (Novas Tecnologias de Comunicação e Informação) e pela crescente tecnificação do espaço, além do conjunto de regulamentações legais que impôs a este setor maior expansão e abrangência territorial de seus equipamentos e de seus serviços.

Assim, com base nos processos destacados e que redundaram em relevantes transformações nas lógicas espaciais do sistema bancário no país, buscaremos nos capítulos que compõem esta monografia, como já pormenorizado anteriormente, aclarar as reconfigurações espaciais engendradas por ele e como estas impactaram o território, sobretudo considerando sua lógica seletiva. Destacamos, ainda, aspectos destas mudanças que se deram conjuntamente às transformações na rede urbana no estado de São Paulo, enfocando como o reposicionamento das cidades médias na rede urbana paulista foi fundamental para o reforço de suas centralidades

bancárias, sobretudo considerando a crescente modernização de seus espaços e suas relevantes importâncias regionais.

Além disso, intentaremos, a partir da análise de estudos sobre teoria de localização, colocar em evidência aspectos centrais das lógicas espaciais do setor bancário, discussão fundamental para a compreensão das lógicas deste setor no Brasil e suas diferentes configurações escalares, passando por sua organização em nível mundial, nacional, regional e intraurbano, com foco para as cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto.

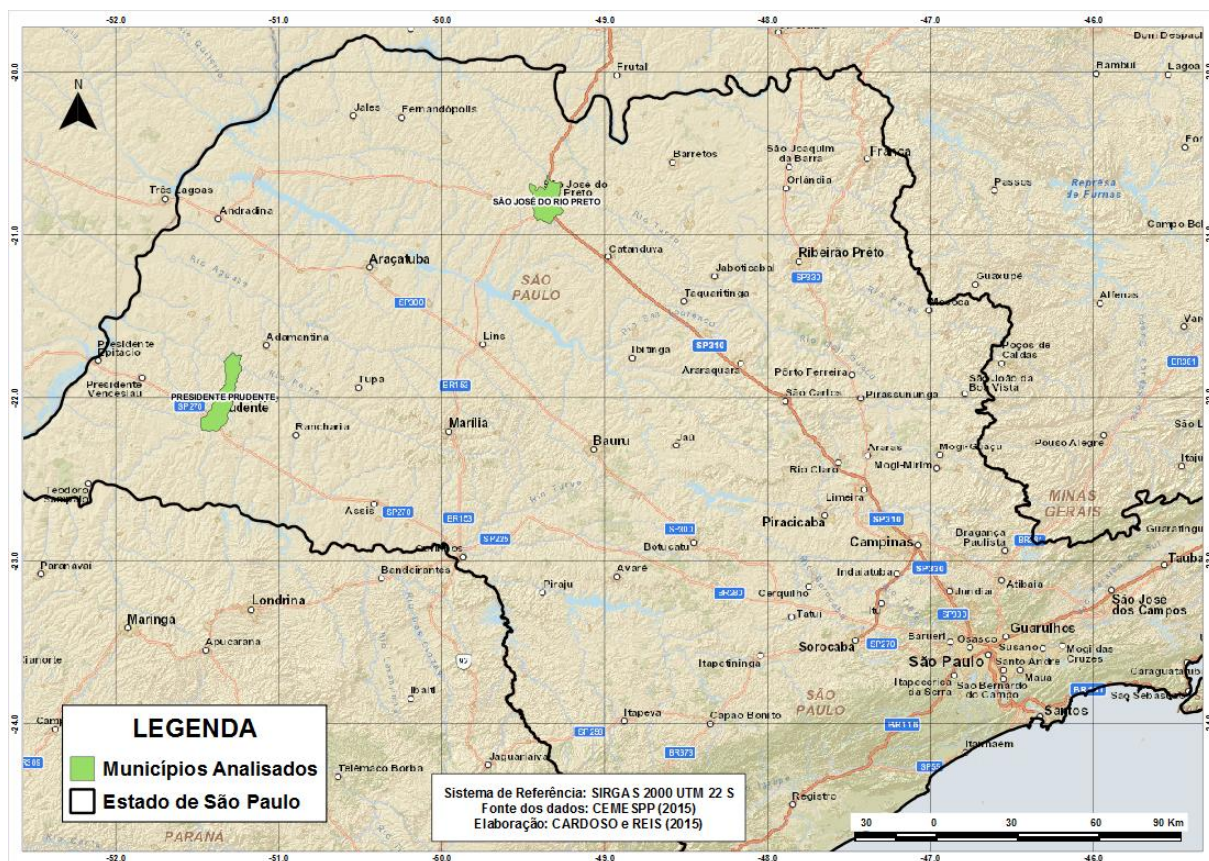
Desta forma, sobre as cidades destacamos que o município de Presidente Prudente localiza-se na região oeste do estado, a cerca de 550km da capital, mais precisamente na 10ª. Região Administrativa de São Paulo, da qual é sede, o que denota, portanto, que possui importante influência regional. Seu contingente populacional é de 207.610 habitantes (IBGE, 2010), contando com 41 Agências Bancárias e 78 Postos de Atendimento Bancário e Eletrônico, totalizando 119 estabelecimentos bancários.

Já São José do Rio Preto está localizado na região noroeste do estado de São Paulo a aproximadamente 450 Km da capital, com uma população de 408.258 habitantes, é sede de sua região administrativa, composta por 31 municípios, segundo dados do Censo IBGE (2010), e exerce importante influência regional, sobretudo, no que se refere ao oferecimento de comércio e serviços. O município conta com 93 Agências Bancárias e 146 Postos de Atendimento Bancário e Eletrônico, totalizando 239 estabelecimentos bancários.

No Mapa 1, o leitor encontra a localização destes dois municípios no território paulista e pode observar suas posições geográficas distantes da capital do estado de São Paulo.



Mapa 1 – Estado de São Paulo. Localização dos municípios de Presidente Prudente e São José do Rio Preto – 2015.



Elaborado por: REIS, B. P.

Portanto, como o título deste trabalho sugere, o foco central desta monografia é discutir as lógicas espaciais do sistema bancário, sendo que, para compreendê-las em toda sua complexidade, é necessário analisar e articular suas formas multiescalares de atuação. Neste sentido, consideramos relevante destacar que o que motiva, no primeiro e segundo capítulos deste trabalho, o aprofundamento do debate e análise das lógicas mais gerais do sistema bancário no Brasil, e em específico no estado de São Paulo, é o desejo de trazer à tona a dimensão multiescalar das ações deste setor, dado que, como destaca Corrêa (2012), “Os fenômenos, relações sociais e práticas espaciais mudam ao se alterar a escala espacial[...]” (CORRÊA, 2012, p.42), portanto,

“As duas escalas conceituais consideradas aqui são aquelas relativas à rede urbana e ao espaço intraurbano. Reportam-se a fenômenos e processos, assim como a representações cartográficas diferentes, mais são interdependentes, pois as ações que ocorrem em uma escala afeta a outra.” (CORRÊA, 2003 apud CORRÊA, 2012, p.43)

Assim, a partir desta análise escalar integrada, objetivamos nos munir de ferramentas para compreender e diferenciar as lógicas espaciais deste setor nas múltiplas escalas em que ele se

configura e atua, buscando traçar paralelos entre suas lógicas espaciais a nível global, nacional e regional, de forma mais breve, e local, de forma mais aprofundada, pois daremos destaque às estratégias espaciais dos bancos nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto.

Consideramos ainda de fundamental importância destacar os principais aspectos dos procedimentos metodológicos utilizados para realização das pesquisas desenvolvidas como base para este trabalho, sobretudo considerando que são informações elementares para compreensão das análises empreendidas nos capítulos seguintes, neste sentido, ao longo da realização dos trabalhos de investigação científica, foi adotada uma série de procedimentos metodológicos a fim de viabilizar a execução da pesquisa, dentre eles destacam-se a coleta de dados de fontes secundárias, aplicação de enquetes, observação de campo, representação de dados através da elaboração de mapas, tabelas e gráficos, além da revisão bibliográfica necessária ao embasamento teórico. Assim, buscaremos esclarecer as formas de elaboração e de utilização dessas ferramentas de pesquisa.

A revisão bibliográfica foi feita durante todo o transcorrer da pesquisa, sendo que, para incorporar as análises dos dados e sistematizar os conteúdos abordados foram feitos fichamentos de todas as obras, sendo estes posteriormente utilizados para composição das análises e da discussão teórica, o que pôde dar suporte às análises das dinâmicas e processos relacionados as lógicas espaciais do setor bancário em múltiplas escalas.

A coleta e sistematização dos dados primários, coletados através das observações de campo e aplicação de enquetes, e secundários, a partir da coleta de serie de dados históricos sobre a localização de estabelecimentos e equipamentos bancários nas duas cidades, obtidos através dos sites da FEBRABAN (<http://www.buscabanco.org.br/>) e Banco Central do Brasil (<http://www.bcb.gov.br/>), sendo que neste último a solicitação dos dados históricos foi feita através do canal *fale conosco – solicitação de informação*, também foi fundamental ao desenvolvimento da pesquisa e, conseqüentemente, deste trabalho de conclusão de curso, tendo sido sistematizados a partir de gráficos, individuais para cada cidade e comparativos, elaborados no *Excel*®, e mapas elaborados a partir do software de geoprocessamento *QGis*®, utilizando a ferramenta de geocodificação de endereços, *Geocode*®, que realiza geocodificação de endereços através do *Google Maps*®. Além disso, a sistematização desses dados, conjuntamente aos recursos analíticos fornecidos pela base teórica deste trabalho, nos possibilitou elaborar uma periodização das principais transformações no sistema bancário nas cidades estudadas, sendo esta apresentada no capítulo 3 deste trabalho.

As observações de campo também foram realizadas seguindo alguns critérios, sendo divididas em duas partes, a primeira que compreendeu à confirmação dos endereços de

estabelecimentos e equipamentos bancários disponibilizados pela FEBRABAN e Banco Central do Brasil nas duas cidades; já a segunda etapa consistiu na análise dos fluxos de usuários de bancos nas áreas destacadas para análise, sendo que, para o centro da cidade, foram escolhidas agências nas principais vias de concentração de bancos, na área *core* dos centros, seguindo um cronograma de períodos, sendo eles: 1º período – durante horário comercial e período de funcionamento das agências (entre as 10h00 e as 17h00); 2º período – após o fechamento das agências e da maior parte das atividades de comércio e serviços (após as 18:00hs). Os períodos foram escolhidos para que pudéssemos analisar os fluxos de pessoas durante e após o fechamento das agências e compreender a intensidade de sua centralidade ao longo do dia, além da compreensão da intensidade de fluxos de pessoas atraídos para o centro a partir da centralidade exercida pelos equipamentos bancários, também nas diferentes áreas do quadrilátero central, sobretudo considerando a relação entre centralidade bancária e centralidade exercida por outras atividades de comércio e serviços. O mesmo procedimento foi utilizado para as agências fora do centro tradicional.

Com relação ao procedimento de contagem de usuários que frequentam bancos, tanto no centro quanto nas outras áreas de concentração elencadas para a pesquisa, a metodologia compreendeu à contagem de todas as pessoas que acessaram certa agência durante 10 minutos, sendo que para a comparação dos fluxos de usuários entre o centro e as áreas de concentração de bancos fora dele, Av. Coronel José Soares Marcondes e Av. Brigadeiro Faria Lima, foram elencadas as agências que apresentaram os maiores fluxos de usuários durante os períodos de contagem.

É importante destacar que, em Presidente Prudente, os trabalhos de campo para observação de campo e aplicação de enquetes foram realizados nos dias: 24/03/2014; 26/03/2014, 16/05/2014 e 15/08/2014, já em São José do Rio Preto os trabalhos de campo foram realizados nos dias: 21/01/2015, 22/01/2015, 23/01/2015, 04/11/2015 e 05/11/2015.

Já com relação à escolha das áreas de concentração de bancos fora do centro das cidades, a metodologia baseou-se na escolha das vias com maior concentração de bancos fora do centro, sendo que a área de concentração, no interior destas vias, foi estabelecida considerando aglomeração de mais de dois bancos a menos de 50 metros de distância um do outro.

Com relação à realização das enquetes (Apêndice II), a elaboração do instrumento e aplicação foi feita de forma a buscar traçar um perfil dos usuários de certas agências bancárias, além de identificar os locais de origem dessas pessoas, formas de deslocamento, motivação de uso de bancos em certa área, dentre outros elementos. Pretendíamos compreender a centralidade exercida pelos equipamentos bancários na escala da cidade e também na escala regional, além

disso, também buscamos identificar, com as enquetes, com qual frequência esses usuários se deslocam até agências e caixas eletrônicos e como se deslocam, identificando assim alguns traços das práticas espaciais cotidianas dessas pessoas.

## **1. AS LÓGICAS ESPACIAIS DO SISTEMA BANCÁRIO NO BRASIL: DA ESTRUTURA CONCENTRADA À DISPERSÃO.**

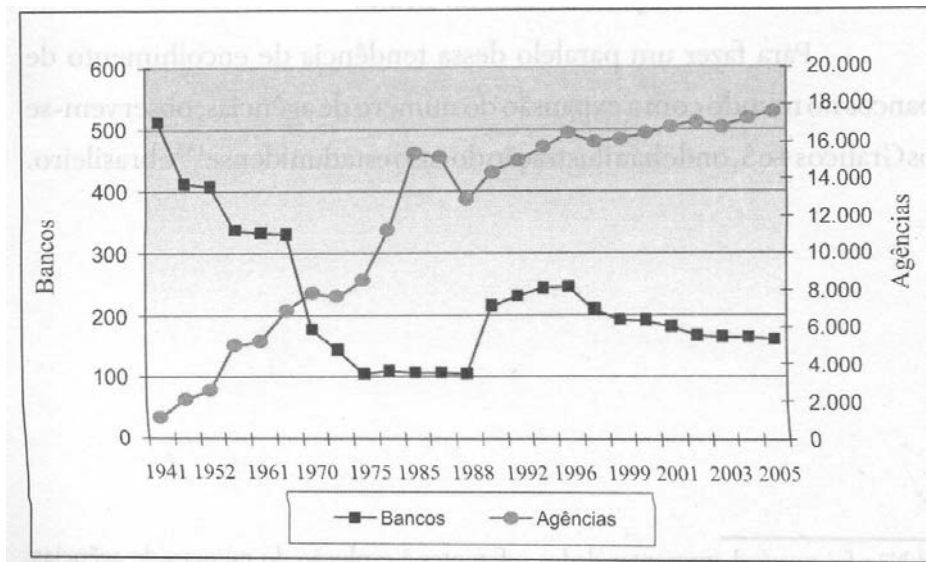
O sistema bancário no Brasil, como anunciado anteriormente, passou por diversas reconfigurações em suas lógicas espaciais, sendo que podemos tomar como ponto de partida das transformações mais profundas no setor a desregulamentação financeira iniciada pelos Estados Unidos nos anos 1970, que impulsionou a *mundialização financeira* (CHESNAIS, 1998), gerando reorganização e transformação dos territórios, sobretudo pelo crescente aumento dos fluxos de capitais que passam a atravessar as fronteiras nacionais. Com isso, segundo Dias (2009), “[...] a mundialização ou globalização financeira não constituiria um processo exógeno, que impactaria os países de cima para baixo, mas seria antes um processo geográfico.” (DIAS, 2009, p.97).

Desta forma, o rebatimento da globalização nos territórios e a entrada de capitais internacionais geraram mudanças econômicas e espaciais importantes, no caso do sistema bancário brasileiro, sobretudo no âmbito dos bancos de varejo. A reestruturação começou a acontecer, de forma progressiva, a partir de 1950, dado o aumento da entrada de capitais estrangeiros no sistema bancário brasileiro mas, sobretudo, por conta do fortalecimento de alguns bancos nacionais, o que gerou processos de aquisição de vários bancos regionais, muito presentes no interior do estado de São Paulo, dado intenso processo de interiorização possibilitado pela economia do café e expansão das ferrovias que gerou dinamização econômica desses espaços (SPOSITO, 1991). Esse processo de aquisições dos bancos regionais por um pequeno número de bancos nacionais imprimiu novas lógicas ao setor dada as diferenças organizativas e de abrangência de atuação entre os bancos regionais e as maiores instituições bancárias nacionais que dispunham de amplos recursos, financeiros e tecnológicos, o que possibilitou um crescimento e expansão desse setor no país, aumentando, progressivamente, disponibilidade de serviços bancários. Contudo, esse crescimento, inicialmente, ocorreu de forma concentrada nas grandes metrópoles nacionais, principalmente da Região Sudeste, o que levou o Estado brasileiro a constituir leis que regulassem tal evolução do número de agências bancárias nessas áreas concentradas. Videira (2009) pontua que:

No fim da década de 1960, para conter o número desenfreado de agências que surgiram, quase sempre se adensando nos grandes centros, como o eixo Rio-São Paulo, o governo impôs uma série de restrições, procurando controlar esse adensamento e, ao mesmo tempo, incentivar a localização em áreas desprovidas de atendimento bancário. (VIDEIRA, 2009, p.176).

A Figura 1 ilustra a evolução do sistema, mostrando que à medida que diminuía o número de bancos, aumentava o número de agências, ou seja, combinava-se concentração econômica com ampliação territorial do sistema.

Figura 1 – Brasil. Evolução do número de sedes e agências de bancos– 1941 a 2005.



Extraído de: Videira (2009) p. 175.

Como exemplo das restrições aludidas, a mesma autora cita a Instrução nº37, baixada em meados de 1951, que, por meio da adoção de critérios quantitativos, orientava a instalação de agências conforme o potencial econômico do lugar. Entretanto, mudanças contundentes só puderam ser percebidas em 1964, quando, segundo a mesma autora, “[...] o governo Castelo Branco promulgou a Lei nº 4.595, instituindo a reforma bancária, com a função primordial de organizar e dar as regras para o funcionamento do sistema financeiro e monetário nacional” (VIDEIRA, 2009, p.170), iniciativa que possibilitou maior disseminação de agências bancárias pelo território, como ocorreu com outros setores da economia.

Por outro lado, a partir da década de 1990, o Banco Central passou a criar, de forma progressiva, uma série de normas com vistas a adaptar o sistema financeiro à “opinião” internacional, que pregava a participação de capital estrangeiro nos sistemas financeiros dos países “emergentes” (DIAS, 2009). Assim, é

[..] nesse contexto que em agosto de 1995 a Exposição de Motivos nº311 do Ministro da Fazenda, aprovada pelo Presidente da República, expressa a posição do governo brasileiro, que passa a considerar do interesse do país maior participação do capital estrangeiro no sistema financeiro nacional. Em menos de três anos – outubro de 1995 a abril de 1998 – 14 bancos comerciais e múltiplos são autorizados a instalar-se no país, mediante aquisição do controle acionário de bancos nacionais – privados e públicos (...) (DIAS, 2009, p.7)

Desta forma, com a contínua e crescente abertura do mercado brasileiro para a entrada de capital e instituições financeiras internacionais, gerando um número ainda maior de fusões e aquisições bancárias, houve um intenso processo de concentração econômica deste setor no país, passando de 244 instituições bancárias para 160 (DIAS, 2009), como a Figura 1 mostra. Contudo, paralelamente ao processo de concentração econômica, ocorria uma expansão territorial sem precedentes, com a multiplicação das agências bancárias em alguns pontos do território, demarcando uma reestruturação espacial do sistema bancário no país que foi possibilitada, sobretudo, pelo aumento da densificação técnica do espaço, da qual as redes bancárias se beneficiaram amplamente, pois ao participar do financiamento dessa empreitada de modernização espacial, a partir do investimento em ramos de alta tecnologia, este setor criou para si as condições para que houvesse uma redefinição e modernização de sua própria estrutura interna, o que contribuiu para a maior rapidez na obtenção e troca de dados, ou seja, uma maior fluidez informacional do espaço e do sistema bancário recém-modernizados, proporcionando, também, redução de custos para os bancos, por exemplo, a partir da substituição de mão-de-obra pelas novas tecnologias de informação e comunicação (NTICs) (SPOSITO, 2007) impulsionando essa expansão acelerada, sendo que, como veremos adiante, esta etapa de modernização do setor bancário impactará, de forma profunda, suas lógicas espaciais no âmbito do espaço das cidades estudadas.

Entretanto, este processo de tecnificação do espaço e, em consequência, de novas lógicas de disseminação de agências pelo território, não ocorreu de forma homogênea, pelo contrário, escolheu cidades e áreas com maior densidade técnica e informacional que possibilitasse melhor aporte às suas atividades, gerando, assim, uma multiplicação de agências em cidades médias do estado de São Paulo que possuíam uma densidade técnica de seu espaço significativamente bem desenvolvida.

Com isso, percebemos que as escolhas locacionais dos bancos seguem uma lógica extremamente seletiva e, desta forma, “As vantagens locacionais são fortalecidas e os lugares passam a ser cada vez mais diferenciados pelo seu conteúdo [...]” (DIAS, 2007, p.3), sendo que essa diferenciação revela-se em duas escalas diferentes: a) na da rede urbana, já que tais

estratégias espaciais geraram o fechamento de agências bancárias em muitas cidades pequenas, reforçando o papel das maiores, com isso “Observamos que a hierarquia urbana interage com a organização do trabalho e com as formas organizacionais de produção das grandes firmas.”(DIAS, 2007, p.3); b) na escala das cidades, tais escolhas ampliam a segmentação socioespacial e podem, em algumas circunstâncias, gerar processos de fragmentação socioespacial ou acentuá-la, já que, no período atual, os bancos instalam suas agências e caixas eletrônicos em locais da cidade onde a densidade informacional e técnica é maior ou em locais estratégicos para acesso de seu público alvo, que usualmente são pessoas com renda mais elevada.

Contudo, qualquer que seja a lógica de localização dessas redes bancárias, há rebatimento direto no espaço urbano, como reforça Sposito (2007), “[...] o aumento no número de caixas eletrônicos altera de forma significativa as dinâmicas de estruturação do espaço urbano” (p.238), exatamente por conta desses fatores de localização que podem criar ou reforçar centralidades urbanas, e a autora ainda complementa:

Igualmente, o setor bancário é um vetor de redefinição dos papéis das cidades médias, uma vez que, em suas dinâmicas de reestruturação de gestão e funcionamento, os grandes conglomerados do setor financeiro e bancário fecharam unidades em cidades pequenas, ampliaram papéis das agências de cidades médias e grandes, concentraram papéis de comando em metrópoles nacionais e globais. (SPOSITO, 2007, p.238)

Desta maneira, e considerando os rebatimentos espaciais das lógicas do sistema bancário, buscaremos, a seguir, compreender como a redefinição dos papéis das cidades médias na rede urbana contribuem para sua centralidade bancária, considerando a lógica seletiva dos bancos e a importância crescente destas cidades no âmbito da rede urbana brasileira e, em especial, paulista.

Assim, podemos considerar, como destacado anteriormente, que o processo de globalização e a intensiva introdução do Brasil nos circuitos internacionais da economia redundaram em transformações profundas que, por sua vez, implicaram em reestruturação espacial e novas formas de uso do território. Ambas as dinâmicas geraram alterações na rede urbana, fazendo emergir novas características no processo de urbanização brasileira, ou seja, houve uma redefinição dos papéis e funções das cidades, principalmente, com a introdução do que Santos (1996) denomina ‘meio técnico-científico-informacional’, sobretudo a partir da década de 1960, que, segundo ele, é: “[...] o momento histórico em que a construção ou

reconstrução do espaço se dá com um crescente conteúdo de ciência, de técnicas e de informação.”, o que possibilita maior fluidez do território brasileiro desencadeando, algumas décadas mais tarde, um processo de desconcentração territorial da econômica capitalista, principalmente na “Região Concentrada” (SANTOS,1996).

Portanto, a partir dessas transformações que ocorreram no Brasil e no mundo, o interesse pelo estudo das cidades médias tem ganhado força e agregado cada vez mais análises ao estudo sobre a rede urbana, sobretudo por conta do seu rápido crescimento e intensa ampliação das funções urbanas dessas cidades, principalmente em nível regional, assim, segundo Branco (2007): “[...] o universo das cidades médias corresponderia à gama de centros regionais com posição hierárquica entre as metrópoles e os centros locais.” (BRANCO, 2007, p.95). Desta forma, pelo menos nas últimas quatro décadas, as cidades médias têm ganhado espaço e importância na rede urbana brasileira, não apenas pelo seu crescimento demográfico, mas também pelo adensamento da técnica em seu território, que desemboca em novas funções e papéis que essas cidades passam a desempenhar, como afirma Sposito (2007):

Se, em muitos casos, as empresas atuavam mais no território das metrópoles e capitais das unidades da federação, em um momento seguinte elas se deslocaram para as cidades de porte médio, num desdobramento lento e gradual, por causa do papel dessas cidades, direcionadas para mercados consumidores regionais crescentes e consistentes. (SPOSITO, 2001, p.219).

Portanto, essas cidades foram reposicionadas na rede urbana brasileira, gerando uma nova divisão interurbana do trabalho, ao exercerem funções mais relevantes orientadas a partir dos interesses de distribuição da produção industrial em escala nacional, e não exata e exclusivamente segundo suas funções de produção industrial, já que a maioria delas não são cidades industriais. Por isso, Sposito (2007) destaca que “[...] o consumo teve papel mais importante na orientação dos papéis intermediários dessas cidades do que propriamente a produção industrial.” (SPOSITO, 2007, p.39) e ainda hoje o é, já que exerce influência cada vez mais intensa e mais extensa em suas regiões polarizadas.

Assim, levando em conta que a área de influência das cidades médias é de extrema importância para a expansão e manutenção de suas funções urbanas, principalmente as relacionadas à prestação de serviços e ao comércio, torna-se preocupação da iniciativa privada e do poder público o aumento cada vez mais acentuado da densidade técnica dessas cidades que se traduz na melhoria e diversificação dos meios de transporte, telecomunicações e infraestrutura urbana, que “[...] propiciam maiores oportunidades de mobilidade territorial,



fortalecendo os papéis das cidades médias no cumprimento de funções e no oferecimento de bens e serviços para moradores de cidades pequenas e de áreas rurais de municípios de tamanhos diferentes.” (SPOSITO, 2007, p.44), o que agrega dinamismo aos seus espaços de consumo, fazendo em parte declinar algumas funções urbanas das cidades menores de suas regiões.

Com isso, dentre os vários ramos de atividades que compõem o setor de comércio e serviços e que se estabeleceram nessas cidades, contribuindo para a reestruturação urbana e de seus espaços, ainda em processo, é notável o papel das redes bancárias, setor que se aproveitou amplamente do adensamento da tecnificação e modernização dessas cidades, o que se evidencia a partir das reconfigurações do setor bancário, iniciadas na década de 1980, que redundaram, como vimos, em fechamento de estabelecimento em muitas cidades pequenas e, concomitantemente, em expansão das redes de agências e caixas eletrônicos em muitas cidades médias, inclusive as destacadas para este trabalho.

Portanto, é importante pontuar que essas redefinições dos papéis das cidades médias não se relacionam, apenas, a interesses e fluxos locais ou regionais, mas, sobretudo, a processos nacionais e globais, razão pela qual esta monografia procura focar suas análises na escala da cidade, mas também busca estabelecer relações com as escalas espaciais mais amplas, sendo exemplo desta articulação escalar o processo de reestruturação urbana, para o qual o setor bancário contribui de forma preponderante, já que é parte do processo mais amplo de produção do espaço urbano, em que impera a lógica da mercantilização, mas também gera desdobramentos na organização espacial das cidades. Da mesma forma, as lógicas de seletividade espacial engendradas pelos bancos não gera apenas reconfigurações a nível nacional e regional, senão, a nível local, já que, na escala intraurbana, as áreas também diferenciam-se pela densidade técnica e informacional, pelo nível de renda dos grupos sociais e pela centralidade exercida, fatores fundamentais para as lógicas de localização de setor bancário na escala das cidades.

Em suma, é com vistas às lógicas espaciais do sistema bancário que procuraremos, no próximo capítulo desta monografia, compreender melhor os fatores de localização fundamentais para as escolhas espaciais deste setor, considerando suas diferentes escalas de organização e de atuação, buscando, assim, construir um quadro teórico que nos auxilie na compreensão das lógicas dos bancos nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto.

## 2. AS LÓGICAS ESPACIAIS DO SISTEMA BANCÁRIO E SUAS TEORIAS DE LOCALIZAÇÃO.

A proposta central desta monografia, como já destacado, diz respeito à compreensão das lógicas espaciais do sistema bancário em Presidente Prudente e São José do Rio Preto, para tanto, discutir diferentes teorias sobre a localização bancária apresenta-se como etapa fundamental para iniciar ponderações mais aprofundadas sobre esse tema.

Nesse sentido, buscaremos abordar teorias que tratam das lógicas de localização do sistema bancário e sua organização, com ênfase nos estudos de casos brasileiros, mas também abordado discussões sobre lógicas de localização do setor bancário a nível internacional, intentando destacar as especificidades de tais lógicas. Entretanto, antes dessa análise central, faremos uma breve retomada do contexto de expansão do sistema bancário pelo território brasileiro, com o objetivo de destacar alguns aspectos que consideramos fundamentais para avaliar as lógicas espaciais deste setor no Brasil.

Como vimos, o sistema bancário, antes extremamente concentrado nas capitais, sobretudo em São Paulo, passou por um processo de desconcentração e difusão a partir da instauração de leis que passaram a incentivar a disseminação de equipamentos bancários de forma mais equilibrada pelo território, segundo Videira (2009) porém, não de forma aleatória, mas sim buscando se instalar em cidades que já possuíssem tanto uma posição de influência regional estratégica, quanto uma densidade técnica razoável para comportar as novas lógicas de estruturação da informação do sistema bancário, já que “As redes não se inscrevem no vazio, mas em espaços geográficos plenos de história, moldados pelo movimento incessante das disparidades sociais e regionais.” (DIAS, 2007, p.2), engendrando, assim, novas lógicas de organização espacial na medida em que esse processo leva ao fechamento de estabelecimentos bancários em cidades pequenas e aumentando sua concentração nas cidades maiores, inclusive em muitas cidades médias (SPOSITO, 2007).

Scherma chama atenção para uma síntese de questões que são centrais para compreender, de forma mais abrangente, a reestruturação espacial do sistema bancário no Brasil:

A quase extinção dos bancos regionais, o desenvolvimento técnico-informacional, a abertura de *fronts* agrícolas, a implantação de normas bancárias, a privatização e liquidação de bancos públicos, as novas formas de intermediação financeira (correspondentes bancários, lojas de crédito, etc.), bem como, a abertura de enclaves da agricultura moderna em regiões como o

nordeste são processos socioespaciais importantes a serem considerados na análise e explicação de topologias bancárias [...]. (SCHERMA, 2008, p.1198)

Portanto, a partir desse processo de desconcentração e disseminação do sistema bancário, formou-se uma rede densa e complexa de agências bancárias, elemento fundamental para a operacionalização deste sistema, já que “A rede de agências permite que a intermediação financeira se desenvolva e é também por meio dela que os bancos captam o dinheiro presente em cada lugar.” (SCHERMAN, 2008, p.1193). Tais agências também têm o papel de conduzir fluxos de dinheiro, na forma de crédito e outros serviços, a vários pontos do território, assim, fica evidente que “La intermediación financiera, mediante la banca comercial, es un servicio fundamental para el funcionamiento eficiente de la economía, y para que los beneficios de su crecimiento se difundan entre todos los integrantes de la sociedad.” (GARROCHO-RANGEL E CAMPOS-ALANÍS, 2010, p.413).

Scherman também chama atenção para o aspecto multiescalar dos processos ligados à organização do sistema bancário, frisando que o aumento ou diminuição de determinado elemento no espaço, no caso as agências bancárias, não se deve à influência apenas de aspectos locais, por exemplo, das cidades onde estão instaladas, mas, sobretudo, a um movimento global de forças econômicas mais gerais e que regem a distribuição geográfica das diversas variáveis sob o conjunto do espaço (SANTOS, 1996 apud SCHERMA, 2008). Desta forma, o sistema bancário apresenta uma forma de organização que articula escalas e na qual as transformações, em âmbito global, rebatem de forma marcante na escala regional e local, já que os bancos figuram como o principal intermediador financeiro da atualidade, gerando reorganização e transformação das lógicas de localização das redes bancárias a partir do desdobramento de ações empreendidas em diferentes escalas espaciais (DIAS, 2011).

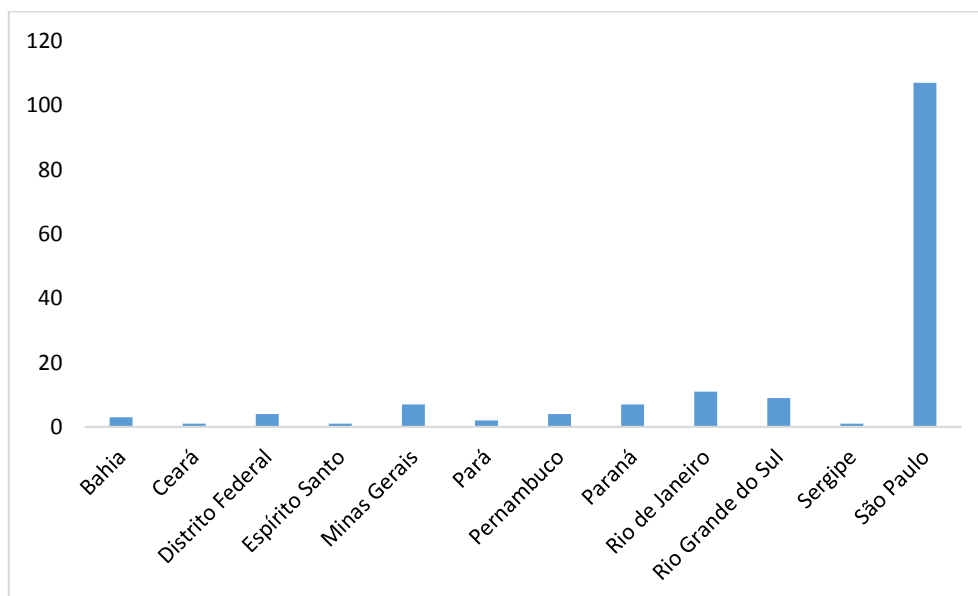
No desenrolar desse processo de expansão e disseminação das redes bancárias pelo território, como vimos, as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (NTICs) e o adensamento da técnica no espaço tiveram papel protagonista (SPOSITO, 2007), já que “O encontro entre a informática e telecomunicações encontra-se no centro dos debates relativos às transformações da ordem econômica mundial e dos territórios.”(DIAS, 2007, p.1) e, no que concerne ao sistema bancário, é questão central na medida em que a moeda, principal mercadoria com que lida o sistema bancário, é transformada, cada vez mais, “[...] em *pedaços de informação* transferidas através de sofisticadas redes de telecomunicações [...]” (SICSÚ E CROCCO, 2003, p. 87). Assim, a implantação dessas novas tecnologias é um elemento fundamental para se compreender as lógicas de localização da firma bancária, pois, como destacado por Dias (2007), “[...] a utilização das novas redes de telecomunicações pelas grandes

organizações econômicas constitui uma condição econômica necessária ao exame das incidências espaciais dessas mesmas redes.” (DIAS, 2007, p.2), já que essa reestruturação tecnológica possibilitou uma reestruturação organizacional do sistema bancário, com destaque para os bancos de varejo. Esta, por sua vez, desdobrou-se em sua lógica espacial, sobretudo materializada na escolha de cidades e áreas intraurbanas, com uma maior densidade técnica para instalação de seus equipamentos, o que leva a um constante processo de instrumentalização do território e a um constante trabalho de transformação do meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1996), requalificando os lugares para atender, de forma mais eficiente possível, às exigências do novo modo de operar o capitalismo mundial (SCHERMA, 2008), que se reflete, também, nas ações de gestão, funcionamento e organização espacial do sistema bancário, já que “[...] mudança técnica, mudança organizacional e mudança espacial estão articuladas num único conjunto – as firmas não podem conceber uma tecnologia sem articulá-la à organização do trabalho e à organização da produção.” (DIAS, 2007, p.3).

Entretanto, essa seletividade espacial, engendrada pelo sistema bancário a partir de sua modernização em articulação com sua reestruturação espacial, também reforça as desigualdades espaciais, já que considera o peso pré-existente das atividades econômicas e da tecnificação do espaço, pois “Ao mesmo tempo em que a teleinformática permite uma multiplicação de informações processadas, ela tende a agravar as desigualdades favorecendo áreas mais desenvolvidas.” (DIAS, 2007, p.4). Além disso, os centros de decisão do sistema bancário, sedes dos bancos, continuam extremamente concentrados nas capitais mais importantes do país, sobretudo na Região Sudeste e, em especial, na Região Metropolitana de São Paulo, como analisado nos estudos da REGIC (Região de influência das cidades), que oferece grande aporte em infraestrutura e alta tecnificação do espaço.

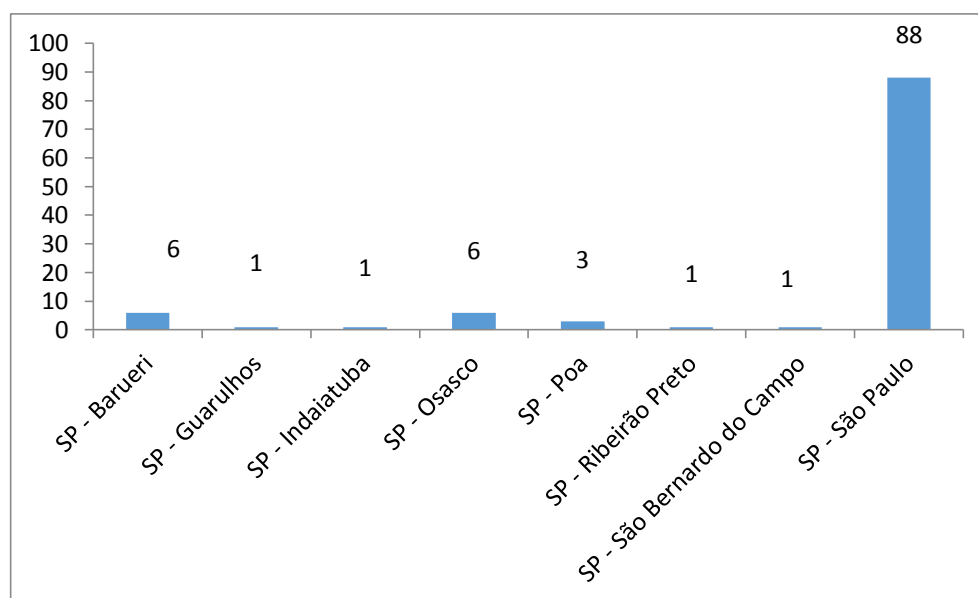
Os Gráficos 1 e 2 denotam a concentração espacial dos níveis de comando e decisão, no sistema bancário, no Estado de São Paulo e na cidade de São Paulo, respectivamente. No que tange especialmente ao Gráfico 2, destacamos que, entre as 107 sedes bancárias representadas, apenas duas – as localizadas em Ribeirão Preto e Indaiatuba – não se localizam na Região Metropolitana de São Paulo, mostrando que o grau de centralização é elevado. Já o gráfico 1 mostra a grande discrepância entre o número de sedes bancárias entre os estados, destacando-se, sobremaneira, São Paulo, mas também outras capitais da região sudeste, como Rio de Janeiro, Paraná, Minas Gerais e Rio Grande do Sul.

Gráfico 1 – Brasil Número de sedes bancárias por estado da federação. 2014.



Fonte: Banco Central, dados 2014.

Gráfico 2 – Estado de São Paulo. Número de sedes bancárias por município. 2014



Fonte: Banco Central, dados 2014.

A partir das considerações feitas sobre os aspectos fundantes para a reestruturação espacial do sistema bancário, e para a melhor compreensão de outros elementos constitutivos das lógicas locacionais deste setor, os autores Sicsú e Crocco oferecem ferramentas importantes ao traçar um paralelo entre a teoria de localização da firma industrial e da firma bancária, sendo o enfoque dado aos chamados bancos de varejo, cuja parte mais importante de sua lógica espacial é a decisão locacional de novas agências (SICSÚ E CROCCO, 2003) e é a este setor

que daremos destaque em nossa análise, apesar de utilizar como parâmetro de comparação as lógicas de localização industrial.

Para tanto, os autores elencam três elementos que constituem essa lógica: fatores associados aos transportes, fatores aglomerativos e fatores desaglomerativos. Destacam que o fator transporte, apesar de sua importância sobretudo para o transporte de valores, não é o de maior importância para a firma bancária, sobretudo porque os produtos oferecidos por ela, essencialmente serviços financeiros como saques, depósitos, empréstimos, seguros, etc., e dada a crescente modernização do setor, não necessitam de transporte, a não ser o transporte de valores, como destacado, e o transporte individual de cada indivíduo até o equipamento bancário, o que não gera grandes custos para o sistema. Desta forma, o transporte não é fator determinante na escolha locacional da firma bancária, já que ela, necessariamente, está presente no local de coleta do *insumo*, por intermédio das NITCs, e no local de entrega do *produto* (SICSÚ E CROCCO, 2003), neste sentido, “[...] a firma bancária se localiza, ao mesmo tempo, dentro do seu mercado fornecedor e dentro de seu mercado consumidor, que ocupam, portanto, o mesmo espaço físico.” (SICSÚ E CROCCO, 2003, p.94).

Outro elemento diz respeito aos fatores de aglomeração, que são definidos como aqueles que tendem a agrupar as atividades produtoras em um ponto do espaço (LEME, 1982, p.52 apud SICSÚ E CROCCO, 2003) e, quanto a isso, os autores destacam que estes fatores são muito importantes para a indústria e levaram, por exemplo, a uma concentração industrial intensa na região sudeste do país, sobretudo até 1980. Mesmo após o processo de desconcentração industrial, levou a uma nova concentração dessas plantas indústrias em novas áreas como, no caso paulista, num raio de aproximadamente 200km a partir da capital (SANTOS, 1993). Contudo, para a firma bancária, este fator tem desdobramentos menos elementares na explicação de sua lógica de localização, tendo impacto relevante apenas com relação à força de trabalho:

[...]tendo em vista a dependência das firmas financeiras de pessoal especializado, haveria benefícios para estas firmas caso estivessem localizadas próximo a um mercado de trabalho com mão de obra treinada e com algum grau de sofisticação; isto reduziria os gastos de admissão (com o auxílio de transferência de localidade concedido a trabalhadores) e de treinamento de mão-de-obra[...] (SICSÚ E CROCCO, 2003, P.94)

Entretanto, com a crescente substituição de mão-de-obra por equipamentos eletrônicos, considerando a modernização do sistema bancário pelo intensivo uso das NITCs, este fator tem importância cada vez menor, acentuando-se a relevância da tecnificação dos espaços como fator

decisivo de localização. Assim, o fator aglomerativo é considerado na teoria de localização da firma bancária, sobretudo para a análise de grandes centros financeiros, contudo, não é eficiente na explicação da localização, por exemplo, de agências bancárias isoladas (SICSÚ E CROCCO, 2003).

Por fim, destacam-se os fatores de desaglomeração, que dizem respeito aos limites impostos pelo próprio processo de aglomeração, sendo que os autores supracitados afirmam que este fator se aplica ao cálculo da firma bancária, contudo, não há evidências de que as forças aglomerativas tenham sido suficientemente fortes para gerar um processo de realocação das atividades dos grandes centros financeiros, tampouco indicam serem motivos de fechamento de agências ou não abertura de novas agências em certas localidades. (SICSÚ E CROCCO, 2003).

Assim, como foi sinteticamente argumentado, a teoria de localização da firma industrial pouco nos ajuda na compreensão das lógicas espaciais do sistema bancário e, a fim de trazer mais elementos explicativos destas lógicas, contribuindo para a construção de uma teoria da firma bancária, os autores Sicsú e Crocco elencaram outros fatores que influenciam, de forma mais contundente, a localização desses bancos. Um deles é o fator populacional, já que, segundo os autores, a distribuição espacial da população é ponto fundamental para a localização de equipamentos bancários, sendo que “[...] é de se supor que uma agência bancária estaria localizada onde estivessem os potenciais detentores de poupança.” (SICSÚ E CROCCO, 2003, p.97), desta forma, é de se esperar que, em regiões, ou cidades, onde seja maior o número de habitantes também será observado um maior número de agências.

Outro fator elencado foi o de renda, já que, como vimos, o tamanho populacional é importante, entretanto, o tamanho da renda local também influencia a disposição do setor bancário para abrir ou fechar certas agências, assim, também é de se esperar que regiões ou cidades com um maior nível de renda também possuirão um maior número de agências. (SICSÚ E CROCCO, 2003, p.97).

Isso nos leva ao terceiro fator elencados por Sicsú e Crocco, que é o de distribuição da renda, que é igualmente fundamental para as escolhas locacionais do sistema bancário já que “Duas regiões com o mesmo número de habitantes e renda, mas com distribuições distintas desta última, podem apresentar uma quantidade diferenciada de agências bancárias.” (SICSÚ E CROCCO, 2003, p.9).

Assim, uma região com uma melhor distribuição de renda necessitaria de uma rede bancária mais densa, que fosse capaz de capturar parte dessa renda, *seu insumo*, e também capaz de realizar a venda mais eficiente de seus produtos, crédito, seguros, etc., a um número maior de potenciais clientes. (SICSÚ E CROCCO, 2003), sendo o contrário verdadeiro, dado que

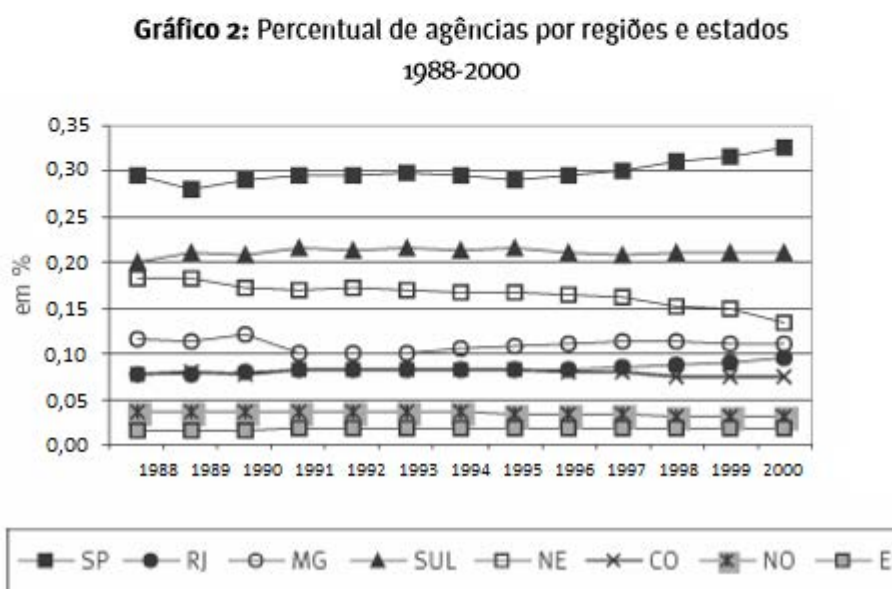
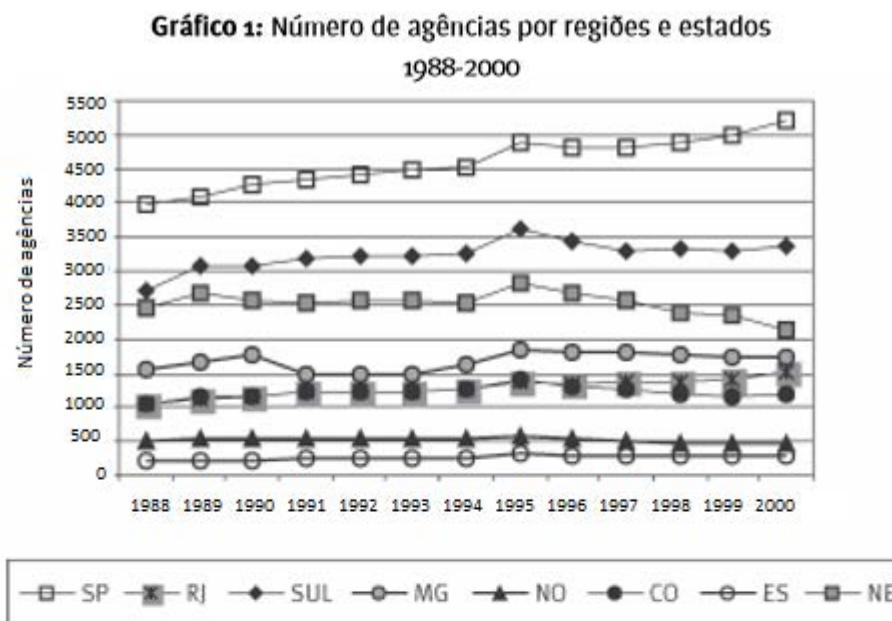
regiões ou cidades com uma distribuição mais desigual de renda possuiria menos equipamentos bancários disponíveis, além do que, considerando o fator renda, estes equipamentos estariam concentrados nas áreas onde reside uma população de maior poder aquisitivo.

Para demonstrar suas ponderações, os autores apresentam dois gráficos que representam a relação do número de agências em diferentes cidades e estados brasileiros, no primeiro podemos perceber um grande número de agências, em muito superior aos outros estados, em São Paulo, estado mais rico da federação, com destaque para um pico de crescimento a partir de 1995. Os outros estados também apresentam pico de crescimento a partir de 1995, o que é reflexo tanto da mais intensiva entrada de capitais estrangeiros como da maior modernização e expansão do setor. Podemos observar ainda a tímida participação das regiões nordeste e norte do país, regiões menores PIBs, seguidas da região Centro-oeste.

Já o gráfico 2, apresenta o percentual de agências por estados e regiões, com destaque, novamente, para o estado de São Paulo e para a região Sul do país, seguidos pelo nordeste, apesar da queda apresentada a partir de 1996, Rio de Janeiro e nas últimas colocações região Norte, ainda a mais deficitária do ponto de vista do oferecimento de serviços bancários, e Espírito Santo.



Figura 2 – Brasil. Número e porcentual de agências em diferentes regiões e estados brasileiros. 1988 a 2000.



Extraído de: Sicsú e Crocco, 2003, p. 2

Outro ponto muito interessante é que, com base na apresentação dos fatores população, renda e distribuição de renda, os autores elaboraram – o Índice de Distribuição Espacial de Agências Bancárias (IDEAB), usando como referência a quantidade de população – IDEAB (pop) e a renda – IDEAB (pib), para demonstrar se uma estado ou cidade é ou não concentrador

de agências no país. Poderemos ver a formula matemática utilizada para determinar o IDEAB(pop):

Figura 3 - Fórmula do Índice de Distribuição Espacial de Agências Bancárias (IDEABpib). 2003.

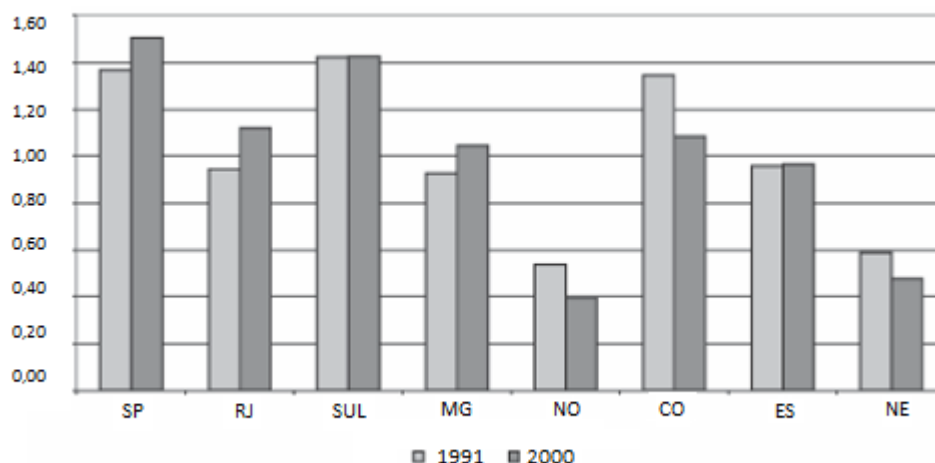
$$IDEAB(pop)_i^t = \frac{\frac{Pop_i^t}{Pop_t^{br}}}{\frac{NA_i^t}{NA_t^{br}}}$$

em que  $pop_i^t$  = população da região ou estado  $i$  no ano  $t$ ;  
 $pop_t^{br}$  = População do Brasil no ano  $t$ ;  
 $NA_i^t$  = número de agências da região ou estado  $i$  no ano  $t$ ;  
 $NA_t^{br}$  = número de agências no Brasil no ano  $t$ .

Fonte: Sicsú e Crocco, 2003.

Assim, se o IDEAB(pop) for igual à unidade, a região, o estado ou a cidade, possui uma quantidade de agências proporcional à sua população, ou seja, não é concentradora de agências. Já, se o IDEAB(pop) for maior que a unidade, significa que este estado, cidade ou região têm um número de agências mais do que proporcional ao tamanho da sua população, ou seja, é concentrador. Por outro lado, se o IDEAB(pop) é maior que zero e menor que a unidade, a cidade, o estado ou a região, possui uma quantidade de agências, em relação ao total de agências do país, menos do que proporcional ao tamanho da sua própria população, em relação à população do país, ou seja, pode ser considerado carente de agências por habitantes. (SICSÚ E CROCCO, 2003, p.101). Para exemplificar a aplicação desse índice, vejamos o gráfico da Figura 4, com os índices de diversas regiões e estados do Brasil, sendo que o estado de São Paulo segue sendo um dos grandes concentradores de agências do país, com relação a sua população, seguido por Rio de Janeiro e Região Sul e centro oeste, já Minas Gerais e Rio de Janeiro, apenas após o ano 2000, ficam acima do índice que indica maior concentração de agências em relação à população. Por outro lado, dos estados com índice menor de concentração de agências em relação à população, destaca-se a região Norte, com índice muito abaixo do ideal de equiparação entre agências e população, seguida pelo nordeste com índices bastantes parecidos à região norte, também o estado do Espírito Santo com índices abaixo de uma unidade nos dois períodos, e Rio de Janeiro e Minas Gerais com índices abaixo de 1 no ano de 1991.

Figura 4 – Brasil. Índice de distribuição espacial das agências bancárias pelo critério de população.



Fonte: Sicsú e Crocco, 2003.

Na sequência, na Figura 5, podemos observar a fórmula do Índice de Distribuição Espacial de Agências Bancárias associado à renda (IDEAB<sub>pib</sub>), sendo que se o índice for igual à unidade, a cidade, o estado ou a região possui uma quantidade de agências, com relação ao total e agências do país, proporcional ao tamanho do seu PIB, relativamente ao PIB nacional, ou seja, não é concentrador de agências. Se o IDEAB(pib) for maior que a unidade, a cidade, estado ou região possui uma quantidade de agências, com relação ao total e agências do país, mais do que proporcional ao tamanho do seu PIB, relativamente ao PIB nacional, ou seja, é concentrador de agências. Por fim, se o IDEAB(pib) for maior que zero e menor que a unidade, a cidade, estado ou região possui uma quantidade de agências, com relação ao total e agências do país, menos do que proporcional ao tamanho do seu PIB, relativamente ao PIB nacional, ou seja, pode ser considerado carente de agências bancárias (SICSÚ E CROCCO, 2003, p. 102)

Figura 5 - Formula do IDEAB(pib). 2003.

$$IDEAB(pib)_{ano}^i = \frac{\frac{PIB_i^i}{PIB_{Pais}^i}}{\frac{NA_i^i}{NA_{Pais}^i}}$$

em que  $PIB_i^i$  = PIB da região ou estado  $i$  no ano  $t$ ;

$PIB_{Pais}^i$  = PIB do Brasil no ano  $t$ ;

$NA_i^i$  = número de agências da região ou estado  $i$  no ano  $t$ ;

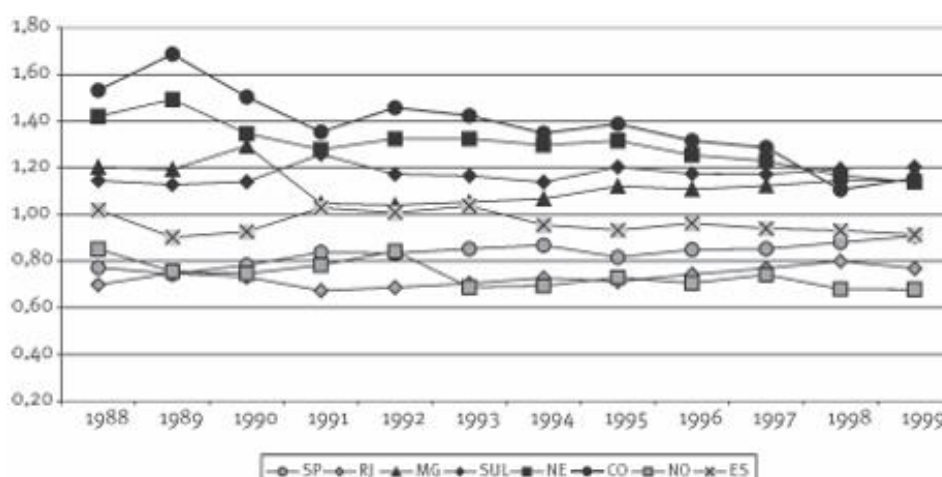
$NA_{Pais}^i$  = número de agências no Brasil no ano  $t$ .

Fonte: Sicsú e Crocco, 2003.

Como exemplo ilustrativo da aplicação desse índice, podemos observar o gráfico 5, na figura 6, que apresenta a evolução do IDEAB(pib) no país, com destaque para as regiões centro-oeste e nordeste como os maiores concentradores de agências em relação ao PIB, sendo que

esta posição se dá por conta dos menores PIBs dessas regiões em contraposição ao número de agências oferecidos, seguidos por Minas Gerais e região Sul. Já dos que estão abaixo do índice para concentração de agências com relação ao PIB destacam-se Espírito Santo, Região norte, Rio de Janeiro e São Paulo, sendo que a posição dessas últimas como menos concentradoras de agências em relação ao PIB se dá por conta dos altos índices de riquezas produzidas por estes estados, o que causa uma discrepância em relação ao número de agências que seria ideal para a correspondência entre PIB e agências bancárias.

Figura 6 –Brasil. Índice de distribuição espacial das agências bancárias pelo critério de PIB. 2013.



Extraído de: Sicsú e Crocco, 2003 p. 27.

A partir das variáveis apresentadas no IDEAB, podemos perceber as disparidades existentes entre estados, regiões e, também, cidades, no que diz respeito ao número de agências, já que essa diferenciação faz parte da estratégia do setor bancário de possuir equipamentos em uma determinada localidade de acordo com o tamanho de sua população, renda ou distribuição de renda e, principalmente, o tamanho do PIB ali gerado, assim, como vimos a partir dos modelos gerados a partir dos IDEAB pop e IDEAB pib, essas lógicas geram discrepâncias no número necessário de agências para cada região, ou estado, de acordo com sua população ou PIB, gerando prejuízos no oferecimento desses serviços, sobretudo, nas regiões Norte e Nordeste do país em detrimento à concentração bancária excessiva, sobretudo em relação à população, nas regiões Sul e Sudeste. Além disso, “[...] o processo de fechamento e abertura de novas agências seria apenas um movimento de correção de distorções que existam no passado. Tal movimento pode ser interpretado como um movimento de harmonização espacial do número de agências [...]” (SICSÚ E CROCCO, 2003, p.104), harmonização com base nos

interesses de reprodução eficiente do capital das grandes instituições bancárias, já que, como pontuado pelos autores, a racionalidade desse processo é simples, à medida que o sistema bancário obtém maiores lucros quando recebe um volume maior de depósitos, volume do seu ativo, operações de crédito, etc., é mais provável que a instalação de seus equipamentos ocorra em localidades onde o PIB é maior (SICSÚ E CROCCO, 2003).

Além disso, outro aspecto importante, gerado por essa lógica de localização baseada no PIB, é que haja um PIB-piso, ou seja, localidade com um PIB menor que o estipulado como compensatório, isto é, que gere lucros razoáveis, não interessam ao sistema bancário, e estudos realizados pelos autores supracitados mostram que mais de 40% dos municípios brasileiros, no ano de 2000, não geravam PIB mínimo capaz de atrair agências.

Assim, essa lógica de localização das firmas bancárias gera, como destacado pelos autores, dois processos contraditórios. De um lado, o processo cumulativo enriquecedor, já que as instituições bancárias buscam se localizar onde exista maior índice de riqueza, o que gera confiança, fundamental para o sistema bancário, também sendo a localidade que possui bancos, beneficiada porque é capaz de gerar mais riqueza e mais confiança, culminando num processo cumulativo enriquecedor. Por outro lado, localidades que não possuem riqueza não são atraentes para o sistema bancário e, assim, tais localidades, sem a presença de bancos, gerarão menos riqueza, o que culmina na manutenção de sua baixa atratividade ao sistema bancário, ou seja, gera um processo cumulativo empobrecedor. Tanto este como o processo cumulativo enriquecedor geram um círculo virtuoso apontado por Dow (1999) (apud SICSÚ E CROCCO, 2003, p.104), isso porque,

Num mundo onde as finanças são o motor dos territórios, é evidente a necessidade, cada vez maior, de que os lugares sejam dotados de agências bancárias, pois através dessas modernas próteses, desenvolvem-se os mais diferenciados processos de intermediação financeira. (SCHERMA, 2008, p.193).

Em suma, a lógica que comanda a instalação das agências é estritamente uma lógica econômica, precisamente calculada para a realização ótima da rentabilidade financeira (SCHERMA, 2008), gerando esse círculo virtuoso, que é o desdobramento mais perverso da lógica espacial do sistema bancário que, para garantir a reprodução do seu capital, relega algumas localidades à dependência e à pobreza, enquanto enriquece a si e contribui para o enriquecimento desigual do território, já que “[...] a lógica de localização das empresas e

corporações, ou seja, a busca de mais-valia que se realiza em escala global, se impõe e prevalece sobre os interesses e a lógica local.” (SCHERMA, 2008, p.1205).

Desta forma, como veremos a seguir no âmbito das cidades estudadas, estas lógicas espaciais seletivas também geram e aprofundam as desigualdades espaciais, da escala intraurbana, a partir da concentração de equipamentos bancários em áreas voltadas às populações de maior poder aquisitivo; à escala regional, dado que as cidades são concentradoras de equipamentos bancários em relação às suas regiões administrativas, reproduzindo, assim, uma lógica de inclusão/exclusão de parcelas da população no que diz respeito ao uso de serviços bancários, onde aquelas populações mais dotadas de recursos financeiros são as mais beneficiadas pelo oferecimento de serviços bancários, enquanto as populações mais empobrecidas são as parcelas excluídas do oferecimento desses mesmos serviços, assim os espaços luminosos, como destacado por Santos (1994), coincidem com os espaços de maior concentração e centralidade bancária, enquanto os espaços opacos continuam relegados à exclusão de toda espécie, inclusive a exclusão a serviços bancários.

### **3. ESTRUTURAÇÃO URBANA E AS LÓGICAS ESPACIAIS DO SISTEMA BANCÁRIO NAS CIDADES DE PRESIDENTE PRUDENTE E SÃO JOSÉ DO RIO PRETO: O CENTRO E AS CENTRALIDADES.**

Neste capítulo, buscaremos realizar uma análise conjunta das relações entre os processos de estruturação das cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto e a evolução das lógicas de localização dos equipamentos bancários nestas cidades, buscando compreender como as mudanças na estrutura urbana das cidades contribuíram para transformações nas lógicas do setor bancário e como este, a partir de suas novas escolhas locacionais, contribuiu para redefinições no centro e nas centralidades nestas cidades, portanto, o esforço será no sentido de buscar evidenciar a relação dialética entre os processos de estruturação e reestruturação das cidades e a materialização das lógicas espaciais do sistema bancário em seus espaços intraurbanos, para tanto, buscaremos discutir e analisar o processo de estruturação das cidades em estudo e, conjuntamente, debater os conceitos de centro e centralidade.

Assim, para abordar os aspectos centrais do processo de estruturação das cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, buscando compreender os processos fundamentais para o surgimento destas cidades e os elementos determinantes dos processos de reestruturação de seus espaços intraurbanos. Para tanto, discutiremos os conceitos de centro e centralidade

com o objetivo de subsidiar teoricamente as análises sobre as dinâmicas de estruturação e reestruturação nestas cidades, abordagem fundamental para compreendermos, mais adiante, as transformações e permanências nas lógicas espaciais do setor bancário.

Assim, para dar início às discussões, é fundamental destacar que, no que concerne ao processo de ocupação e desenvolvimento do Estado de São Paulo, é imprescindível a compreensão do processo de expansão cafeeira, sendo que, segundo Abreu (1972), “O ponto inicial da cultura cafeeira no Brasil foi o Rio de Janeiro. Daí ela se espalhou por São Paulo, sul de Minas Gerais e Espírito Santo.” (ABREU, 1972, p. 31), em São Paulo a ocupação ocorreu, inicialmente, no Vale do Paraíba, serra da Mantiqueira e Serra do Mar, entretanto, em meados do século XIX, a marcha do café começa a tomar outros rumos em direção a uma nova área do Estado, o Oeste paulista (ABREU, 1972), isso porque “Os estímulos constantes do mercado internacional e os primeiros sinais de exaustão do solo no Vale do Paraíba, levaram os plantadores a avançarem pelo oeste em busca de terras virgens.” (ABREU, 1972, p.32). Assim, até os anos de 1930 a rede urbana paulista implantou-se, preponderantemente, em função da economia cafeeira (SPOSITO, 1991), sendo importante frisar que “[...] não apenas a produção cafeeira impulsionou esta conformação, mas também todos os desdobramentos da acumulação que esta produção permitiu, como a abertura de estradas de ferro, bancos, indústrias, expansão comercial e da rede de eletricidade [...]”. Com isso, não se pode perder de vista que, quando se fala em economia cafeeira, devemos nos referir à complexidade e à multiplicidade de aspectos econômicos, sociais e políticos envolvidos nesta nova etapa de acumulação capitalista no Estado de São Paulo, que envolve, ao mesmo tempo, capital agrário, capital industrial, bancário e comercial (SILVA, 1976 apud SPOSITO, 1991).

Portanto, as cidades do interior paulista foram fundadas ou, em alguns casos, redinamizadas a partir da atividade cafeeira, sendo que os povoamentos despontavam ao longo da ferrovia para dar suporte à economia cafeeira em pleno desenvolvimento. Como destacado por Whitacker (1997), o processo de urbanização não surgiu no campo, mas em função do campo, com base nas negociações com terras e projetos de colonização mas, também, sob influência de novas determinações econômicas e é a partir destes processos da estruturação urbana que, progressivamente, vão “[...] redefinindo regiões e organizando uma primeira hierarquia no sistema de cidades do Estado.” (SPOSITO, 1991, p.71).

Assim, dentre os elementos principais que compuseram e possibilitaram o processo de expansão cafeeira destacam-se as ferrovias, modal de transporte que possibilitou a intensificação dos fluxos de pessoas e mercadorias entre a capital e o interior do Estado, sendo que os eixos das estradas de ferro Araraquarense, Sorocabana e Noroeste, compunham o

chamado “oeste pioneiro” em rápido processo de ocupação econômica (SPOSITO, 1991), sendo que as cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, localizadas na porção oeste do Estado, passaram por um processo mais intensivo de ocupação a partir da década de 1920 por conta da chegada, respectivamente, das ferrovias Sorocabana e Araraquarence à essas áreas na década anterior (SPOSITO, 1991). Com isso, Sposito (1991) chama atenção para “[...] o fato de que muitas cidades da rede urbana paulista foram fundadas para apoiar o loteamento e a venda de lotes rurais, estando suas origens estreitamente ligadas ao processo de mercantilização e especulação de terras.” (SPOSITO, 1991, p.72).

Entretanto, a crise da economia cafeeira, relacionada aos reflexos da crise internacional de 1929, constitui-se no principal marco da passagem de uma economia predominantemente apoiada na produção agrícola para uma economia com base na produção industrial, que ocorreu progressivamente até a metade da década de 1950 no Estado de São Paulo. Esta passagem possibilitou a, configuração de um novo padrão de acumulação capitalista que se refletiu em uma nova divisão social e territorial do trabalho, repercutindo no surgimento de novas atividades econômicas em cidades do oeste paulista, o que tem desdobramentos espaciais importantes no que diz respeito às funções e papéis urbanos de certas cidades, sobretudo, com relação às cidades de porte médio, tendo esta tendência se reforçado a partir da década de 1980 (SPOSITO, 1991), “ Tal período tem sido denominado como de “industrialização restringida”, e caracterizado por uma acumulação via expansão industrial, com fragilidade das bases técnicas e financeiras para a implantação do segmento de bens de produção.” (NEGRI, 1987 apud SPOSITO, 1991).

Contudo, neste período de crise da economia cafeeira as cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, por estarem mais distantes da capital e com uma economia menos consolidada, viram a crise ser superada pelo aumento da produção da pecuária extensiva, da produção do algodão e do amendoim, entre outros produtos, sendo a produção industrial muito menos importante. Todavia, “A subordinação crescente da agricultura à acumulação industrial provocou um grande impacto sobre as cidades, a partir do êxodo rural que deliberou.” (SPOSITO, 1991, p.78), sendo que, nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, este processo se materializou em um aumento relativo da população urbana e, também, nas regiões onde estão economicamente inseridas (SPOSITO, 1991). Assim, em decorrência deste crescimento populacional e da dinamização econômica destas cidades, a partir de 1970, passaram a ter um peso cada vez maior na rede urbana, que se tornou extremamente articulada por conta da acentuação da divisão territorial do trabalho entre as cidades da rede. A partir deste período as taxas de urbanização também se elevaram significativamente pelo interior, sobretudo



nas cidades maiores (SPOSITO, 1991). Por outro lado, no que diz respeito à evolução das atividades dos setores industrial e de serviços, a cidade de Presidente Prudente apresentou, respectivamente, taxas de crescimentos dessas atividades de 2,7% e 4,09%, já São José do Rio Preto apresentou, no mesmo período, respectivamente, taxas de crescimento de 5,48% e 7,02% dessas atividades em relação ao período anterior, portanto, mesmo que em patamares distintos, ambas cidades apresentam importante evolução no setor de comércio e serviços, sendo que São José do Rio Preto apresentou maior evolução no setor industrial com relação à cidade de Presidente Prudente, todavia, como destacado por Sposito:

A diferença entre os papéis econômicos desempenhados em função de uma nova divisão inter-regional do trabalho no Estado de São Paulo, não se traduz apenas pela maior ou menor expansão da indústria pelas diferentes regiões, mas sobretudo por um processo claro de interiorização da economia urbano-industrial (SPOSITO, 1991, p.94)

Assim, é este processo de ‘interiorização’ da economia que, paulatinamente, impulsionou as duas cidades em estudo para um reposicionamento na rede urbana, sendo que, sobretudo a partir da década de 1980, passaram por um reforço de seus papéis e funções na rede urbana consolidando seu posicionamento como cidades médias, reflexo dos processos de reestruturação urbana e das cidades (SPOSITO, 2001), desdobrando-se em mudanças importantes na estruturação e reestruturação de seus espaços intraurbanos, e é com base nesta perspectiva que buscaremos, a seguir, iniciar uma reflexão sobre os processos de estruturação e reestruturação das cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, centrando foco nos debates sobre os conceitos de centro e centralidade e buscando compreender as principais transformações no centro e na centralidade das cidades em destaque, sobretudo com a passagem da estrutura urbana monocêntrica para a multinucleada.

Assim, a discussão sobre centro e centralidade é fundamental, tanto para a compreensão da estruturação e reestruturação das cidades, quanto para a análise das lógicas espaciais do sistema bancário. Desta forma, buscaremos discutir esses conceitos a partir de autores como Whitacker (1997), Sposito (2001) e Villaça (2001), com o intuito de fazer uma construção que nos permita esclarecer e auxiliar no que tange aos objetivos deste trabalho. Dito isso, é primordial iniciarmos essa discussão a partir de um esforço de diferenciação analítica que Villaça (2001) faz para introduzir suas discussões sobre a estruturação do espaço intra-urbano, em que expõe as diferenças na análise das dinâmicas de estruturação regional e das cidades:

A estruturação do espaço regional é dominada pelo deslocamento das informações, da energia, do capital constante e das mercadorias no geral – eventualmente até da mercadoria força de trabalho. O espaço intra-urbano, ao contrário, é estruturado fundamentalmente pelas condições do deslocamento do ser humano, seja enquanto portador da mercadoria força de trabalho (...) seja enquanto consumidor [...]. (VILLAÇA, 2001, p.20)

Neste sentido, é possível considerar que para a estruturação do espaço intra-urbano é fundamental compreender os fluxos dos indivíduos e sua relação com o espaço das cidades, como também pontua Sposito:

[...] é fundamental não considerar apenas seus usos de solo (da cidade), mas também e, sobretudo, os fluxos gerados pelo arranjo resultante do que está localizado no território urbano (na escala intra e interurbana) eles mesmos estruturadores do espaço urbano e da constituição de redes urbanas. (SPOSITO, 2001, p.235).

Assim, é possível afirmar que as áreas mais dinâmicas das cidades são fundamentais para se compreender os processos de estruturação e reestruturação intraurbana, a começar pelo próprio centro (VILLAÇA, 2001), já que ele atrai e condiciona grandes fluxos de pessoas e de capital, e é por conta disso, que optamos por trabalhar conjuntamente os temas ‘estruturação das cidades’ e ‘centro e centralidade’, já que eles mantêm relações estreitas entre si.

Após os esclarecimentos acerca dos recortes analíticos, iniciamos as discussões mais conceituais discutindo a definição do que são os conceitos de centro e centralidade, para tanto, Villaça (2001) oferece vários elementos para compreender o processo de formação do centro no espaço das cidades, o que o autor denomina como *espaço intra-urbano*, construindo uma linha de raciocínio que nos remete ao surgimento e formação das cidades, a partir do que ele denomina de cooperação como força produtiva, sendo que esta só tem possibilidade de se desenvolver com a aglomeração dos homens e dos meios de trabalho, constituindo assim aglomerações urbanas, sendo que os primeiros núcleos urbanos das cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto conformaram-se próximos à ferrovia, sendo aquela originada “[...]de dois núcleos urbanos criados para ampararem as vendas de terras feitas pelo coronel Francisco de Paula Goulart e coronel José Soares Marcondes, que foram os responsáveis por sua fundação e sistemática colonização, respectivamente.” (ABREU, 1972, p.45), e esta originada por um núcleo inicial, desenvolvido em quadrícula, e situado junto à ferrovia e entre

dois córregos, Canela e Borá, hoje canalizados sob as duas principais vias da cidade, Bady Bassit e Alberto Andaló (PETISCO, 2007).

Entretanto, como pontua o autor, a aglomeração em um único ponto do espaço é impossível, logo alguns indivíduos serão obrigados a se afastar, assim “O processo contraditório entre a necessidade de aglomerar e ao mesmo tempo de se afastar de um ponto no qual todos gostariam de se localizar faz surgir o centro da aglomeração, nesse ponto.” (VILLAÇA, 2001, p.238). O autor ainda destaca que, com o surgimento dessas aglomerações urbanas, passam a se estabelecer relações sociais mais intensas e, portanto, atividades e interesses em comum, fazendo surgir cooperação e interdependência entre os indivíduos, e à medida que “[...] elas se organizam para produzir e consumir, passa a haver necessidades de instituições comuns. Surgem, então, os deslocamentos espaciais regulares e socialmente determinados [...]” (VILLAÇA, 2001, p.239), e é nesse contexto de relações sociais e espaciais que surge o centro da cidade, para onde convergem todos os deslocamentos, nas palavras do autor “[...] um ponto que otimiza os deslocamentos socialmente condicionados da comunidade com um todo – um centro” (VILLAÇA, 2001, p.239). Além disso, segundo Boddy (1971), citado por Villaça (2001):

O ‘urbano’ passa então a ser definido em termos dos efeitos particulares da intensidade das interações entre o social e o espacial, provocadas pela forma específica da articulação espacial da produção, da circulação e do consumo, na formação social. (BODDY, 1971 apud VILLAÇA, 2001, p.22)

Além disso, vale no âmbito desta análise, abriremos um parêntese para ressaltar que, nas sociedades contemporâneas:

[...] as diferentes classes sociais têm condições distintas de acessibilidade aos diferentes pontos do espaço urbano. Têm diferentes condições de manipular a acessibilidade ao centro e a localização do centro em relação a elas. Em tais sociedades, o centro não é mais o ponto que minimiza os deslocamentos de toda a comunidade, pois as diferentes famílias agora têm distintas condições e necessidades de deslocamento. (VILLAÇA, 2001, p.243)

Portanto, apenas uma parcela minoritária da população controla grande parte das decisões sobre a localização e até sobre os conteúdos dos centros das cidades, direcionando, desta forma, o ritmo e forma de estruturação intraurbana, como pôde ser demonstrado no caso da estruturação da cidade de Presidente Prudente, em que o poder de um proprietário de terras definiu, além da planta urbana, a localização do assentamento urbano que nascia.

Também, segundo Villaça, é no centro das cidades que “[...] está cristalizada a maior quantidade de trabalho socialmente necessário despendido na produção da aglomeração e pela aglomeração. Isso significa que nenhum outro ponto o supera em matéria de trabalho cristalizado, em valor de uso [...]” (VILLAÇA, 2001, p.241), portanto, o que o autor chama de *trabalho cristalizado*, ou seja, essa concentração de equipamentos de consumo, infraestrutura, instituições comuns, dentre outros, gera um aumento do valor de uso e de troca, cada vez maior, para o centro, já que a disputa pela a acessibilidade a esse ponto passa a ser cada vez mais acirrada. (VILLAÇA, 2001).

Contudo, como desdobramento desse reforço do valor de uso e do valor de troca do centro da cidade, é gerado um valor simbólico que paira sobre a apreensão do significado desse espaço, já que, como destacado pelo mesmo autor “Por sua vez, o valor material é a fonte de seu valor simbólico.” (VILLAÇA, 2001, p.241). Whitacker ainda reforça que:

O centro da cidade, por exemplo, é dotado historicamente de uma série de valores que vão sendo criados socialmente, em função das relações travadas no seio de uma sociedade que pode ser observada desde uma identificação com o lugar, ou com o lugar do poder. (WHITACKER, 1997, p.94)

Assim, dominar o centro da cidade representa, não só uma dominação objetiva de um espaço estratégico e com importante valor de uso, mas também de toda uma simbologia de poder que se estabelece nesses espaços que, segundo Villaça, são pontos altamente estratégicos para o exercício da dominação (VILLAÇA, 2001).

Entretanto, o crescimento da população, a generalização do uso do automóvel, o aumento do preço da terra e a disponibilidade limitada de espaço para desenvolvimento pleno das atividades de comércio e serviços, dentre outros aspectos, geram processos de reestruturação do centro e da centralidade nas cidades, o que Sposito (1991) delimita a partir de três processos específicos, a expansão da área central, o desdobramento da área central e o surgimento de novas centralidades, com a emergência de subcentros, consolidando uma estrutura poli(multi)nucleada nas cidades, dado que

[...] este processo de produção de novas formas/expressões da centralidade são reforçadores da noção de concentração, na medida em que produz as forma de centralidade, ao se exprimir numa “poli(multi)cebtralidade”, e portanto numa estrutura urbana multinuclear [...] (SPOSITO, 1991, p.282)

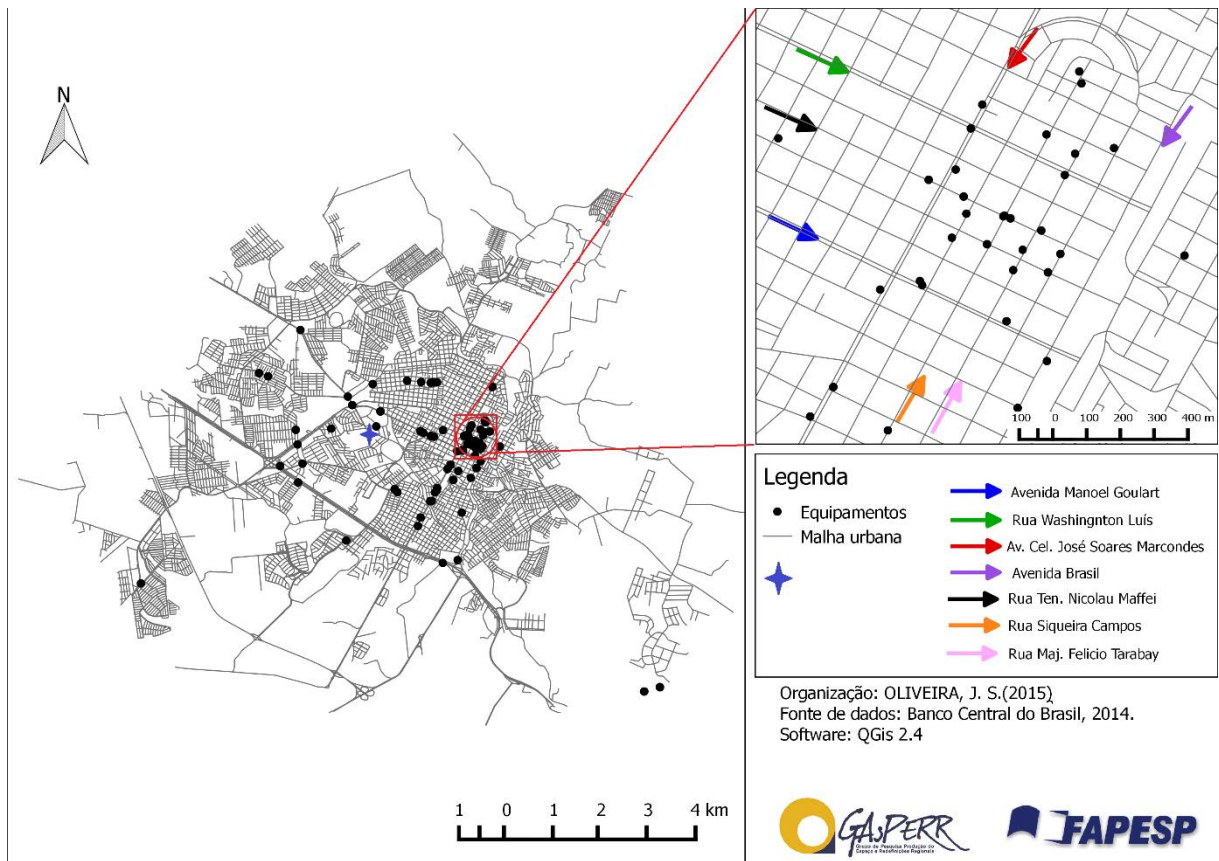
Assim, a autora ainda destaca que há uma diferença fundamental entre os conceitos de multicebtralidade e policebtralidade, afirmando que o processo de produção do espaço urbano,

a partir da conformação de “centralidades planejadas”, principalmente pelos agentes econômicos hegemônicos, redefine a centralidade nas cidades, sobretudo em termos socioeconômicos, afirmando que este processo

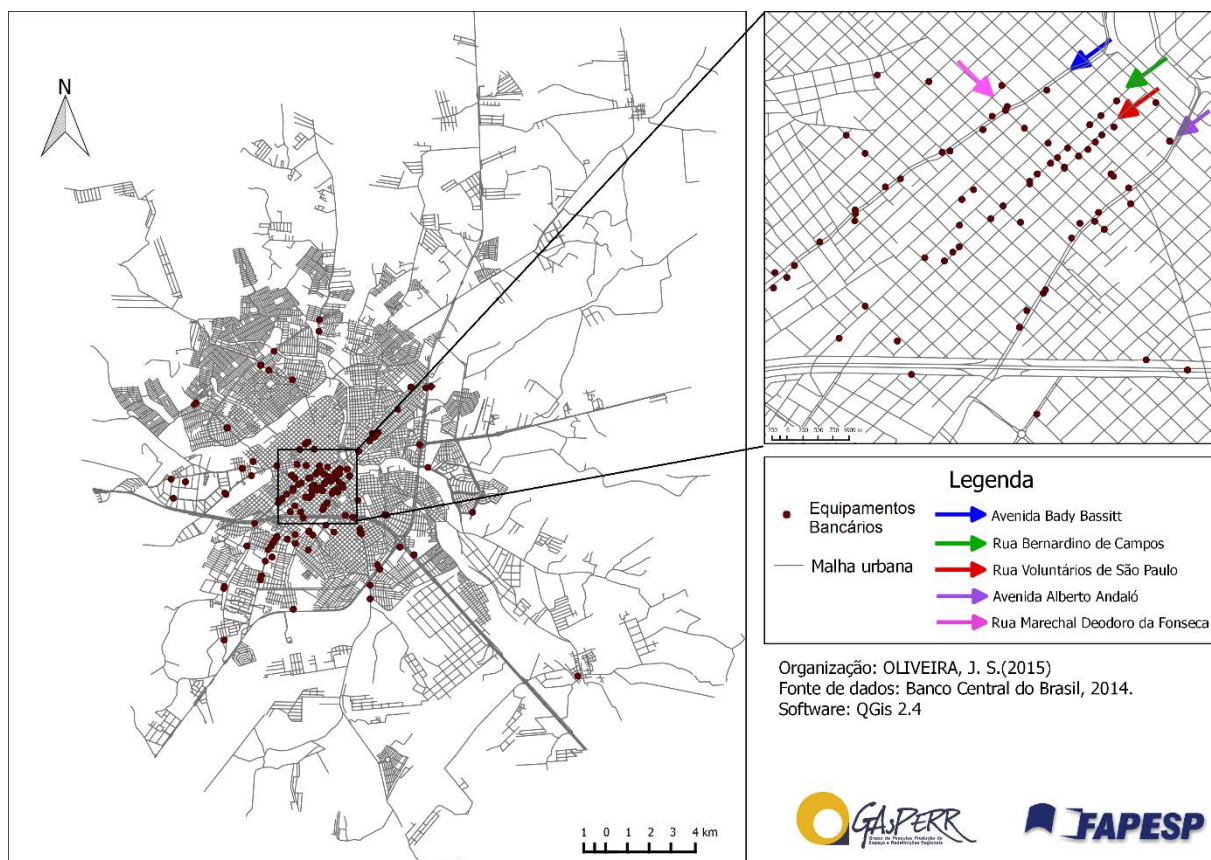
[...]não pode ser conceituado apenas como multicentralidade (fiel ao radical latino multi, que significa muitos), mas tem que ser entendido como policentralidade (atinente ao prefixo grego poli, cujo significado, vários, denota o sentido de diversidade), sendo que uma tendência sempre se combina à outra, mesmo que contraditoriamente, fazendo surgir uma multi(poli)centralidade. (SPOSITO, 2013, p.282)

A autora aponta para a conformação de novas áreas centrais que não são apenas reproduções do centro tradicional, mas, sobretudo, são centralidades produzidas a fim de atender diferentes grupos sociais, sobretudo considerando o poder aquisitivo, reforçando os processos de segregação e fragmentação socioespacial a partir da separação socioespacial dos consumidores (SPOSITO, 2013), e é neste sentido que consideramos a estrutura espacial do sistema bancário, na escala da cidade, como policêntrica, como pretendemos desenvolver mais nas seções seguintes desta monografia, dado que a dispersão seletiva deste setor privilegiou as áreas residenciais de mais alto padrão e os grupos sociais de maior poder aquisitivo, contribuindo, desta forma, para a segmentação socioespacial do consumo e reforçando os processos de fragmentação socioespacial nas cidades. Assim, como veremos a seguir, os mapas 2 e 3, ambas cidades apresentam maior concentração de estabelecimentos bancários na área central e no setor sul, setor onde reside, nos dois casos, as populações de maior poder aquisitivo.

Mapa 2 - Presidente Prudente. Localização atual dos estabelecimentos bancários, 2014.



Mapa 3- São José do Rio Preto. Localização atual dos estabelecimentos bancários, 2014.



Portanto, o que se constata é que este processo tem ocorrido com muita força nas cidades contemporâneas, inclusive em cidades médias, como destacado por Montessoro (2001) “[...] a ideia de centralidade única não é mais condizente com a realidade da maior parte das cidades brasileiras, como também de outros países.” (p.218). Sposito ainda destaca que:

Analisando o processo de urbanização do século XX, verifica-se que um dos fenômenos mais marcantes dentre as transformações por que passaram as cidades é o da multiplicação e diversificação de áreas de concentração de atividades comerciais e de serviços. (SPOSITO, 2001, p. 236)

Neste sentido, como destacado anteriormente, o crescimento populacional e, em consequência, o aumento da demanda do consumo nas cidades, leva a um processo de expansão do centro, que se realiza “[...] através da absorção de áreas/setores limítrofes ao centro, através do afastamento de sua população residencial e a transformação de seu uso de solo em comercial e de serviços.” (SPOSITO, 1991, p. 269). Neste sentido, as atividades de comércio e serviços passam a extravasar as vias tradicionais de concentração dessas atividades, se expandindo por novas áreas adjacentes ao centro. Entretanto, com o progressivo aumento do preço da terra e a saturação de áreas para desenvolvimento de novas atividades comerciais, redundando em uma

segunda etapa do processo de reestruturação do centro das cidades denominada como “desdobramento” da área central (CORDEIRO, 1980 apud SPOSITO, 1991), intensificado, sobretudo, a partir da década de 1980 e caracterizado como “[...] tendência à localização de atividades terciárias tipicamente centrais, ao longo de vias de maior circulação de veículos, traduzindo-se na configuração de eixos comerciais e de serviços importantes.” (SPOSITO, 1991, P.272), sendo que, na cidade de Presidente Prudente as vias privilegiadas pela instalação dessas atividades, em um primeiro momento, foram Av. Washington Luís, Cel. José Soares Marcondes e Av. Manoel Goulart, e em São José do Rio Preto as avenidas Alberto Andaló e Bady Bassit.

Ainda sobre o processo de “desdobramento” da área central Sposito (1991) destaca algumas características das vias para onde se direciona a instalação de atividades terciárias e quais as características destas atividades, sendo elas: vias que se localizam próximas ou que contornam o centro; caracterizam-se pela localização de atividades tipicamente centrais mas de forma especializada, sendo este nível de especialização de caráter funcional e/ou socioeconômico; e, em muitos casos, a especialização se traduz na procura dos segmentos de maior poder aquisitivo do mercado que, progressivamente, abandonam o centro tradicional das cidades (SPOSITO, 1991).

Contudo, paralelamente a este processo de “desdobramento” da área central a autora aponta para um terceiro processo de reestruturação do centro e das centralidades nas cidades, destacando a emergência de novas centralidades, a partir do surgimento de subcentros, o que foi motivado pelo crescimento horizontal das cidades, dinâmica que ocorreu de forma preponderante nos anos de 1980 e 1990 em Presidente Prudente e São José do Rio Preto, o que passa a impossibilitar a permanência de um único centro desempenhando as atividades de comércio e serviços, sobretudo por conta do aumento das distâncias entre o centro e as áreas mais afastadas das cidades (SPOSITO, 1991), em plena expansão, e também pelo que Whitacker denomina de “crise” do centro, que “(...) se daria principalmente pela defasagem entre a evolução temporal e a evolução espacial, ou seja, nesse período, essa concentração encontra limites na própria estrutura física e conjunto arquitetônico da área central.” (WHITACKER, 1997, p.165). Assim:

[...] a crescente necessidade de aumento de rapidez no ciclo de reprodução do capital, (...), faz necessário um incremento do setor terciário, e portanto, de sua expansão territorial, o que se dera, num primeiro momento na grandes cidades e vem agora ocorrendo nas cidades médias. (WHITACKER, 1997, p.274)



Portanto, “Tais subcentros podem ser caracterizados como áreas onde se alocam as mesmas atividades do centro principal com diversidade comercial e de serviços, mas em escala menor [...]” (SPOSITO, 1991, p.270), sendo que se organizam, na cidade de Presidente Prudente, os subcentros do Jardim Bongiovanni, em torno da UNOESTE, e entre os conjuntos habitacionais COHAB e CECAP, ao longo da década de 1980, e no bairro Ana Jacinta na década de 1990 (SPOSITO, 1991) (SPOSITO, 2010).

Já, em São José do Rio Preto, ao longo da década de 1980 consolida-se o subcentro do bairro Maceno (SPOSITO, 1991) e, ao longo da década de 1990 na Av. Mirassolândia e na extensão das avenidas Brigadeiro Faria Lima e Anísio Haddad (REIS FILHO, 2011). Portanto, como destacado pela mesma autora:

Se o **centro** se revela pelo que se localiza no território, a **centralidade** é desvelada pelo que se movimenta no território, relacionando a compreensão da centralidade, no plano conceitual, prevalentemente à dimensão temporal da realidade. (SPOSITO, 2001, p. 238 – grifo da autora).

Em síntese, “[...] ocorrem duas dinâmicas econômico-territoriais correlatas entre si: a de descentralização territorial dos estabelecimentos comerciais e de serviços e a de recentralização dessas atividades.” (SPOSITO, 2001, p.236), o que irá propiciar a reprodução de várias características centrais de forma especializada e segmentada nas cidades, sobretudo com a realocação de atividades, antes restritas ao centro, para outras áreas.

Com relação às novas centralidades que surgem a partir do processo de desdobramento da área central, podemos destacar a importância, sobretudo a partir da década de 1980, da instalação de *Shopping Centers* nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, assim Sposito (1991) destaca que:

“A localização de monopólio também se manifesta através de outra forma de concentração de atividades que tradicionalmente estiveram no centro principal. Estamos nos referindo aos *Shopping Centers*, que no Brasil emergiram reestruturando as metrópoles a partir dos anos 70, e se generalizaram (inclusive para as cidades de porte médio) na década de 80.” (SPOSITO, 1991, p.275)

Desta forma, podemos considerar que estes empreendimentos concentram atividades de comércio e serviços, antes exclusivas ao centro das cidades e aos eixos mais dinâmicos, contudo agora concentrados em uma nova localização, conformando uma nova e importante expressão de centralidade (SPOSITO, 1991), impulsionando a valorização e a ocupação de suas imediações por novas atividades terciárias, inclusive por

agências bancárias, sendo que estas não se restringem à instalar-se apenas nas vias próximas, como é possível observar na Av. Brigadeiro Faria Lima<sup>1</sup> em São José do Rio Preto, mas também no interior desses empreendimentos, como é o caso dos *Shopping Centers* Prudente Shopping e Prudente Parque Shopping, em Presidente Prudente.

Outro aspecto que se relaciona a essa dinâmica de poli(multi)nucleação das cidades são as novas escolhas locacionais das camadas de maior poder aquisitivo que têm se deslocado para áreas mais afastadas do centro da cidade (VILLAÇA, 2001). O mesmo autor ainda destaca que isso só foi possível com a construção de boas vias e a difusão do meio de transporte individual (automóvel), e isso também gerou um deslocamento de uma série de tipos de comércio e serviços, como escolas, hospitais, *shopping centers*, bancos, etc., para essa periferia mais abastada, gerando assim novos subcentros que atraem grande quantidade de fluxos, sendo que, dentre os ramos de comércio e serviços que reorientam suas lógicas locacionais para atender a estas camadas da população de maior poder aquisitivo, destaca-se o setor bancário, que busca instalar-se próximo a essa população. Assim,

“[...] verificamos que são exigidas mudanças de caráter estrutural na organização interna destas áreas urbanas, para atender de um lado esta necessidade estrutural de ampliação do consumo individual, e de outro, e também pela razão exposta, aproximando-se dos consumidores de forma seletiva.” (SPOSITO, 1991, p.281)

Com base nessas considerações, podemos concluir que novos fluxos são criados e redirecionados, gerando novos pontos da cidade que exercem uma atração desses contingentes, por conta de seu comércio e serviços, e esse processo de reconfiguração dos fluxos no espaço intra-urbano remete-nos à compreensão do que venha a ser o conceito de centralidade, já que, como destacado por Sposito (2001), é a partir desses nódulos de circulação intra e interurbana que a centralidade se revela, sendo que, é a partir da compreensão dessas dinâmicas de reestruturação do centro e das centralidades nas cidades que, a seguir, poderemos pormenorizar a evolução das lógicas espaciais dos bancos nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, sobretudo considerando que este setor se beneficiou e reforçou amplamente os processos de redefinição da centralidade nestas cidades.

---

<sup>1</sup> Esta área será melhor analisada nas próximas seções desta monografia.

#### **4. EVOLUÇÃO ESPACIAL DO SETOR BANCÁRIO NAS CIDADES DE PRESIDENTE PRUDENTE E SÃO JOSÉ DO RIO PRETO: DA ESTRUTURA CONCENTRADA À POLICENTRALIDADE.**

Neste capítulo, para além das determinações mais gerais da teoria da localização da firma bancária, abordadas no capítulo 3, buscaremos nos aprofundar nas análises das determinações próprias das cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto em relação às lógicas espaciais deste setor.

Garrocho-Rangel e Campos-Alanís, a partir de um estudo realizado na Área Metropolitana de Toluca, no México, apontam aspectos chave para a compreensão da lógica espacial da firma bancária nas cidades, afirmando que este setor visa maximizar três elementos fundamentais: “[...] 1) la accesibilidad de los clientes potenciales (su demanda); 2) la venta de servicios bancarios; y 3) las ganancias de la firma en su conjunto.” (GARROCHO-RANGEL E CAMPOS-ALANÍS., 2002; Willer, 1990). Os autores ainda apontam outras variáveis importantes, como os atrativos das áreas onde os bancos procuram se instalar, os custos de transporte, a qualidade das vias e as percepções diferenciadas dos clientes, sobretudo com relação a percepção de segurança e também a motivação econômica dessas instituições, sempre buscando as áreas onde residem os clientes potenciais com maiores rendimentos. Outro aspecto destacado por eles, e também discutido por Scherman (2008), diz respeito à tendência de aglomeração das agências bancárias, que se agrupam nos espaços intraurbanos, mesmo em situação de concorrência direta (GARROCHO-RANGEL E CAMPOS-ALANÍS, 2010).

Além disso, é possível perceber a forte tendência de localização dos estabelecimentos bancários em áreas mais centrais das cidades, já que “[...] existe um grau de inércia na localização de centros financeiros uma vez que tais localizações coincidem com a localização de riquezas antigas que, originalmente, inspiraram confiança no sistema bancário” (DOW, 1999 apud SICSÚ E CROCCO, 2003, p.41). Os centros das cidades inspiram essa confiança como lugar das atividades centrais, do exercício do poder e da gestão, portanto, há certa monopolização dessas áreas centrais tradicionais pelos segmentos econômicos de comércio e serviços que possuem maior capitalização (WHITACKER, 1997), já que:

“Localizam-se na área central aquelas (atividades) que são capazes de transformar custos locacionais elevados e ampla acessibilidade em lucros maximizados: são as atividades voltadas para um amplo mercado, nacional, regional ou abrangendo toda a cidade.” (CORRÊA, 1995, p.44).

Entretanto, Garrocho e Campos, apontam para uma nova tendência de maior dispersão desses estabelecimentos, que buscam “[...] lograr una mayor cercanía con la demanda que se ha extendido en la ciudad.” (GARROCHO-RANGEL E CAMPOS-ALANÍS, 2010, p.419), assim, surgem novas áreas de concentração bancária, sobretudo onde vive uma população de maior renda, mas também sob outras determinações, como em eixos especializados e com concentração de outras atividades de comércio e serviços.

Com isso, há uma mudança importante na estrutura de organização do sistema bancário, em que se passa de uma estrutura monocêntrica para uma estrutura policêntrica (GARROCHO E CAMPOS, 2010), desta forma, podemos identificar pistas que apontam para a relação entre a estruturação do sistema bancário e as transformações no espaço intraurbano, já que, como afirmado pelos mesmos autores, “[...] la accesibilidad al sistema bancario responde, en gran parte, a las características económicas de la ciudad y a los nuevos patrones de localización del sector comercio[...].” (GARROCHO E CAMPOS, 2010, p.444). Desta forma, os autores afirmam que os *shopping centers*, novos centros comerciais e subcentros, por exemplo, oferecem opções de localização muito apreciadas pelos bancos, já que nesses espaços também se concentram diversas atividades de comércio e serviços que utilizam de forma intensa os serviços bancários. (GARROCHO E CAMPOS, 2010).

Por fim, são apontadas três estratégias locacionais centrais do sistema bancário no espaço intraurbano,

[...] 1) orientarse a segmentos del mercado específicos (a ciertas actividades en servicios públicos y privados, así como reducirlos grupos de población de mayores ingresos); 2) organizarse en forma de clusters (para aprovechar diversas economías de aglomeración, así como reducir los costos de búsqueda y adquisición de servicios a sus clientes potenciales); y 3) ubicarse en las vialidades más importantes (de preferencia en centros o plazas comerciales).”

Em suma, são esses elementos apresentados, e outros discutidos anteriormente, que nos guiarão nas análises dos dados coletados para as duas cidades, sobretudo os relativos à localização dos estabelecimentos bancários e sua evolução, buscando fazer uma retrospectiva da evolução do número e da localização dos equipamentos bancários nas cidades elencadas para este trabalho. Analisaremos os resultados obtidos, acerca da evolução espacial do sistema bancário, demarcando cinco períodos delimitados por metodologia<sup>2</sup> que privilegia a

---

<sup>2</sup> Essa periodização foi elaborada a partir dos dados coletados de fonte secundárias, sobretudo junto ao site da Febraban e Banco Central do Brasil, e também com base nas análises oferecidas pelos referenciais teóricos utilizados ao longo desta monografia, buscando destacar os marcos de transformações nas lógicas espaciais do setor, delimitando períodos onde estas transformações tiveram mais força na reestruturação espacial do setor.

periodização a partir dos principais marcos determinadores de mudanças nas lógicas locais dos bancos, buscando articular as transformações ocorridas no setor em suas múltiplas escalas de atuação, com destaque para a escala das cidades. São eles:

- a) Décadas de 1920 a 1970, período de forte concentração bancária no centro principal, setor organizado em uma estrutura monocêntrica, com presença majoritária de bancos nacionais e regionais e pouca, ou nenhuma, presença de caixas eletrônicas, período com organização do setor bancário fortemente pautada na atuação dos bancos regionais e baixa modernização do setor;
- b) Décadas de 1980 e 1990, período de franca expansão do setor bancário, com multiplicação dos caixas eletrônicos e forte dispersão dos equipamentos pela cidade, com destaque para o início da formação de áreas de concentração bancária fora do centro, período demarcado por forte modernização do setor e intensiva entrada de capitais estrangeiros que potencializaram os processos de aquisição e fusão de bancos regionais;
- c) 2000 a 2005, consolidação das áreas de concentração de equipamentos bancários fora do centro e continuidade do processo de dispersão de equipamentos, com a consolidação da estrutura espacial policêntrica do setor, período de retração do número de agências bancárias pelo efeito da modernização do setor que gera sua reestruturação espacial a nível nacional;
- d) 2006 a 2009, período de maior crescimento do número de estabelecimentos bancários, com destaque para os caixas eletrônicos e para instalação de agências fora do centro principal, período demarcado por novos processos de aquisição importantes e que levam a uma nova expansão de estabelecimentos pelo território;
- e) 2009 a 2013, período de retração no crescimento do número de agências, mas continuidade no processo de dispersão de equipamentos privilegiando as áreas fora do centro principal.

Essa periodização, como poderá ser observado nos mapas e gráficos, ajuda a elucidar, conjuntamente a outras análises, quais são as principais transformações ocorridas nas lógicas espaciais dos bancos nas cidades de São José do Rio Preto e Presidente Prudente, em conjunto com as transformações ocorridas em múltiplas escalas, inclusive, fornecendo-nos elementos para a confirmação da hipótese de que tais lógicas reforçam a segmentação e fragmentação

socioespaciais nestas cidades, a partir da consolidação da estrutura espacial policêntrica do setor.

Analisando o crescimento e adensamento da rede bancária nas duas cidades, pôde-se perceber uma evolução significativa no segundo período, entre as décadas de 1980 e 1990, quando o número de estabelecimentos inaugurados mais que triplicou com relação ao período anterior, no caso de Presidente Prudente, passando de 31 para 96 e, no caso de São José do Rio Preto, a tendência foi a mesma, contudo em proporções muito maiores de crescimento, sendo que o número de estabelecimentos inaugurados passou de 38, no primeiro período, para 230 no segundo e o número total de equipamentos em funcionamento passou de 38 para 153.

Como vimos, essa expansão tem relação com a reestruturação do setor no país, que ocorreu a partir da entrada massiva de capital internacional e adaptação do sistema financeiro brasileiro aos padrões internacionais, o que levou, como já vimos, a uma série de fusões e aquisições de bancos locais e regionais por grandes bancos de capital internacional, também à maior dispersão dos fixos bancários, fazendo adensar a rede pelo território brasileiro, e à intensiva modernização do setor, sobretudo com a ampla instalação de postos de atendimento eletrônicos (PAE) (DIAS, 2009).

Este crescimento se manteve nos períodos posteriores, quando os estabelecimentos totais em funcionamento (Gráfico 5) passaram, respectivamente, na cidade de Presidente Prudente, de 94, no terceiro período, para 110 no quarto período e 119 no quinto período, sendo que o número se mantém até 2014.

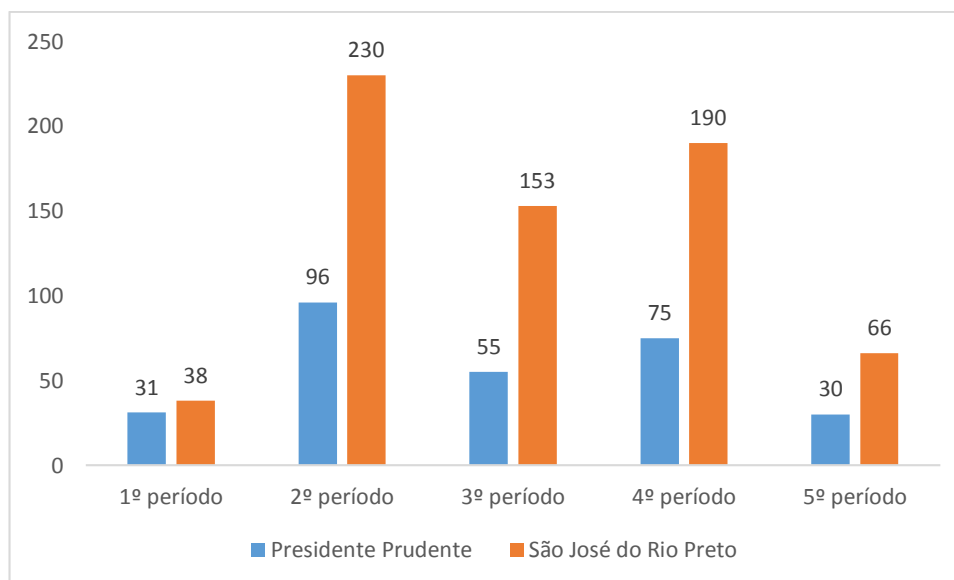
Já na cidade de São José do Rio Preto há uma certa variabilidade no crescimento do número de estabelecimentos totais em funcionamento, sendo que passaram, respectivamente, de 212 no terceiro período, para 263 no quarto período, havendo leves quedas no quinto período e, no ano de 2014, em que os números passaram, respectivamente, de 252 para 242.

Já no que se refere à evolução do número de estabelecimentos bancários inaugurados ao longo dos cinco períodos (Gráfico 3), podemos perceber uma flutuação, sobretudo, no terceiro e quinto períodos, nas duas cidades, sendo que naquele a queda pode se explicar pelo fato de, no período anterior (1980 e 1990), ter havido uma grande expansão do setor bancário nas duas cidades, sendo que este sofreu alguns ajustes posteriormente, sobretudo considerando processos de fusões que ocorreram entre os anos de 2005 e 2008. Já a queda no número de estabelecimentos inaugurados no quinto período, pode ser explicada pela relativa “saturação” do setor nestas cidades que, como vimos, em relação a outras cidades de suas regiões administrativas, concentra grande número de equipamentos bancários. Contudo, mais especificamente a partir do quarto período, podemos identificar alguns picos de crescimento do

número de estabelecimentos bancários nas cidades, com destaque para o ano de 2006, pico de crescimento relacionado à reestruturação do Banco Santander Brasil S.A, que instalou 40 novos equipamentos em Presidente Prudente e 70 em São José do Rio Preto, apresentando forte expansão da sua rede, sobretudo, por conta da aquisição do banco Banespa, banco estatal que durante muitas décadas figurou como um dos mais importantes do Estado (VIDEIRA, 2007).

Por outro lado, como poderemos ver no Gráfico 4, o número de unidade com atividade encerrada também nos auxilia na compreensão das tendências de evolução do setor nas duas cidades, sendo que, no primeiro período, por conta da variada gama de bancos e número limitado de estabelecimentos, sobretudo agências, não houve registro de fechamento em nenhuma das duas cidades, contudo, a partir do período seguinte, por conta dos intensos processos de fusões, aquisições, modernização do setor e, como veremos nos mapas a serem inseridos ainda neste capítulo , acelerado crescimento das cidades, novas lógicas se impõem ao sistema bancário, sendo que os maiores picos de fechamento de estabelecimento bancários se deram respectivamente, para as duas cidades, no segundo e quarto períodos.

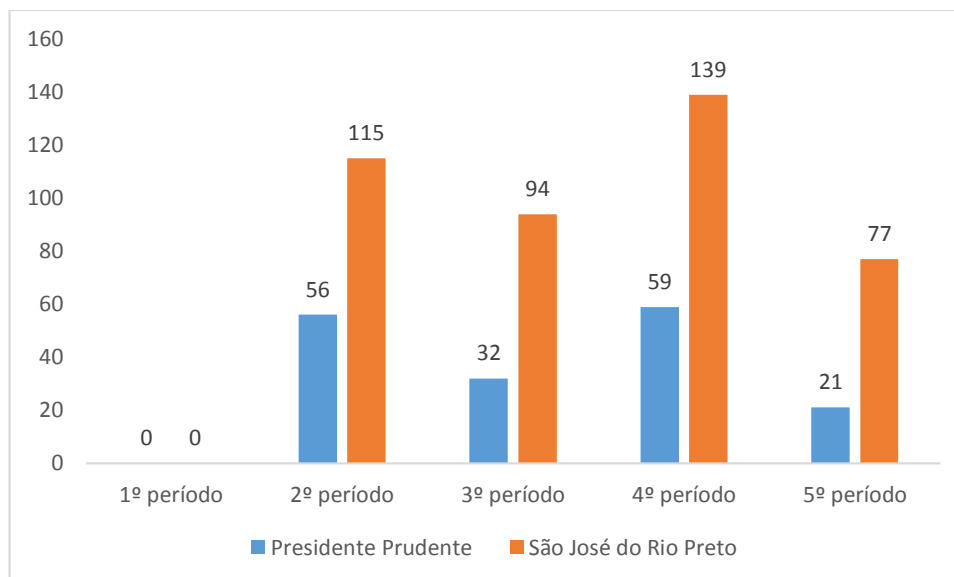
Gráfico 3 - Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Evolução do número de estabelecimentos inaugurados nos cinco períodos elencados. Década de 1920 a 2013



Elaborado por: OLIVEIRA, J. S.

Fonte: Banco Central do Brasil, 2014.

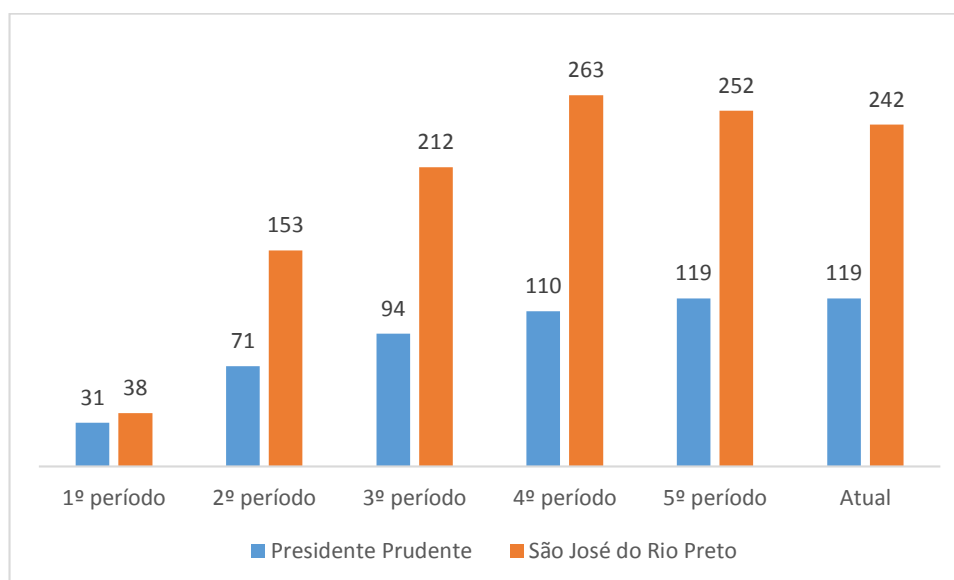
Gráfico 4 - Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Evolução do número de estabelecimentos com atividade encerrada nos cinco períodos elencados. Década de 1920 a 2013



Elaborado por: OLIVEIRA, J. S.

Fonte: Banco Central do Brasil, 2014.

Gráfico 5 - Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Evolução do número total de estabelecimentos em funcionamento nos cinco períodos elencados. Década de 1920 a 2013



Elaborado por: OLIVEIRA, J. S.

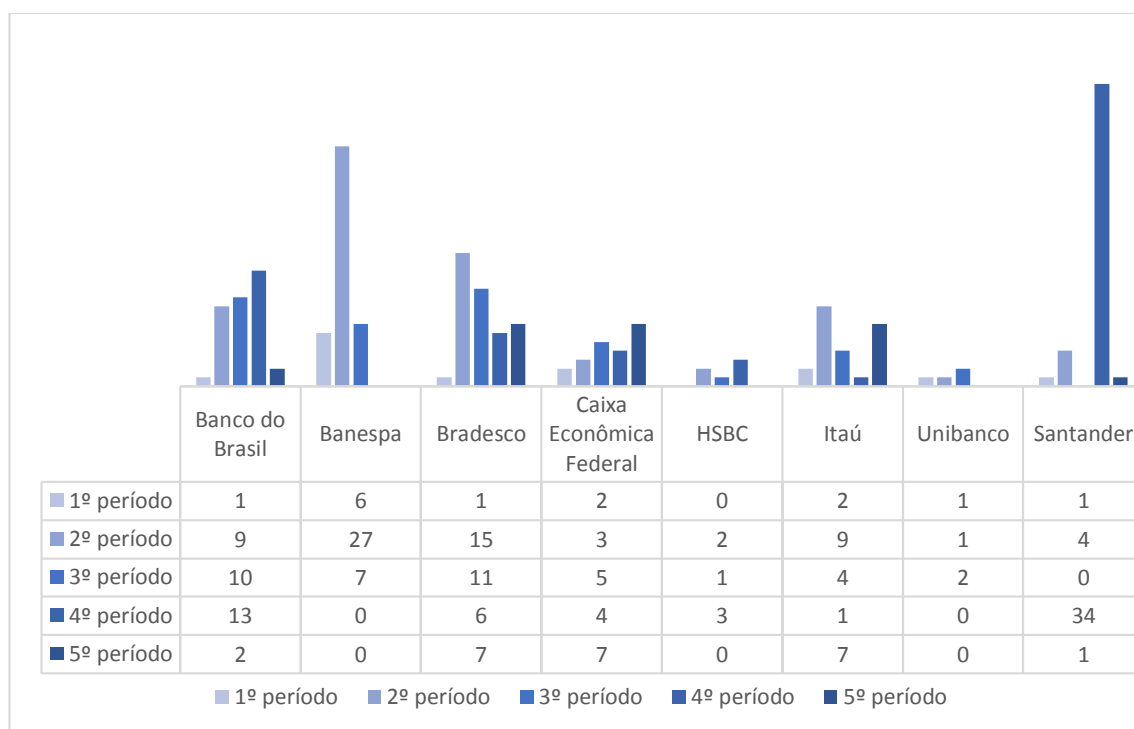
Fonte: Banco Central do Brasil, 2014.

Já no que concerne à participação das diferentes instituições bancárias na instalação de novos equipamentos (Gráficos 6 e 7), podemos observar variações. No primeiro período, destacam-se os bancos Banespa e Itaú como os mais atuantes nas duas cidades, no segundo período o banco Banespa continua com destaque no número de unidades instaladas, entretanto,



ganham importância os bancos Bradesco e Itaú, também com relação às duas cidades. Já no terceiro e quarto períodos, os dois principais bancos públicos se destacam, Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal, o que é resultado de um movimento de maior atuação e expansão dos bancos públicos pelo território nacional (VIDEIRA, 2007), contudo o Bradesco continua figurando como um dos bancos mais atuantes juntamente com o Banco Santander que, como vimos, passa por um processo de grande expansão, sobretudo na cidade de São José do Rio Preto. Por fim, o quinto período caracteriza-se, nas duas cidades, pela participação mais equilibrada entre as várias instituições bancárias atuantes.

Gráfico 6 - Presidente Prudente. Participação das instituições bancárias na instalação de equipamentos por período. 1930 a 2014<sup>3</sup>.

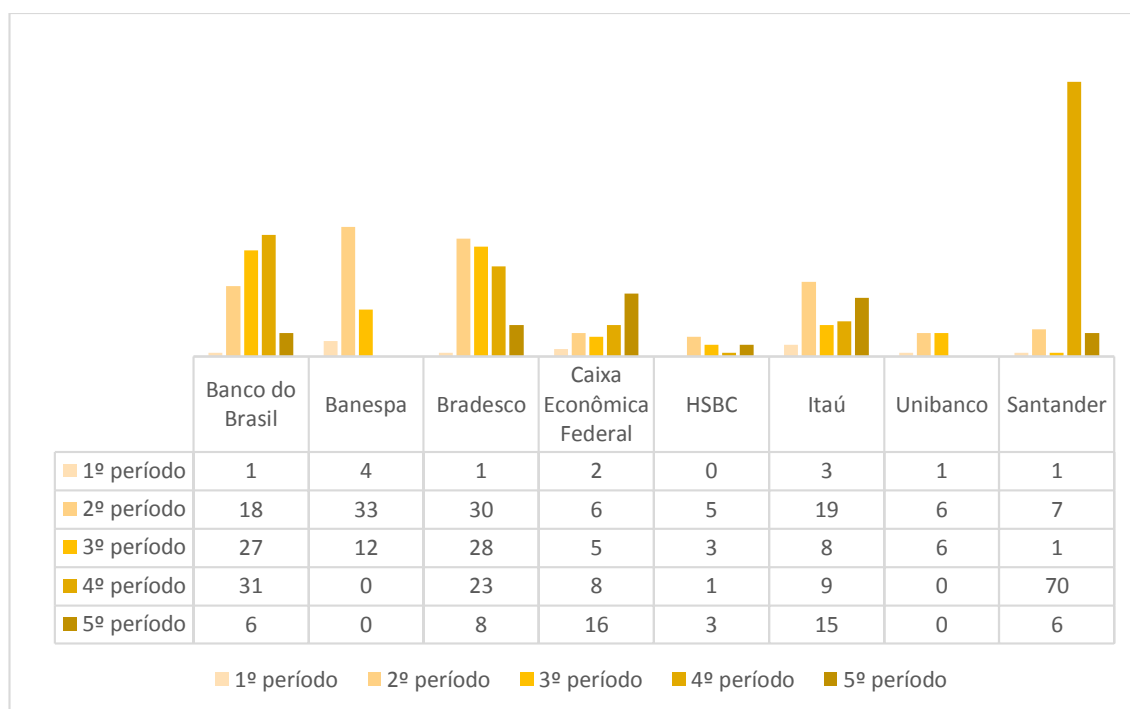


Elaborado por: OLIVEIRA, J. S.

Fonte: Banco Central do Brasil, 2014.

<sup>3</sup> O total de instituições incluem: Posto de Atendimento Eletrônico, Postos de Atendimento Bancário e Agências bancárias.

Gráfico 7 - São José do Rio Preto. Participação das instituições bancárias na instalação de equipamentos por período. 1920 a 2014

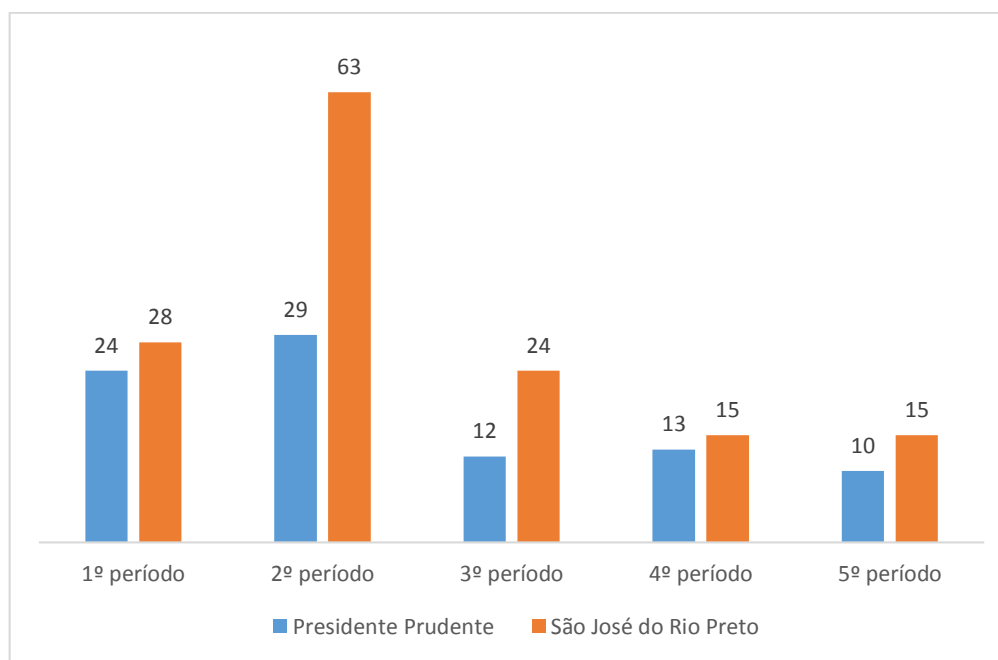


Elaborado por: OLIVEIRA, J. S.

Fonte: Banco Central do Brasil, 2014.

Além da participação das diferentes instituições bancárias na abertura de equipamentos nas duas cidades, podemos perceber como, ao longo dos cinco períodos elencados para a análise, há uma diminuição do número de empresas bancárias estatais e privadas atuantes, de forma preponderante a partir do terceiro período quando há queda para menos da metade do número delas em relação aos períodos anteriores, dado os intensivos processos de aquisições e fusões que demarcam o processo de concentração econômica deste setor no Brasil, que também repercutiram na organização da rede bancária nas cidades estudadas, sendo que este dado poderá ser melhor observado no Gráfico 8.

Gráfico 8 - Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Número de instituições bancárias atuantes (Concentração econômica), 1920 a 2014.

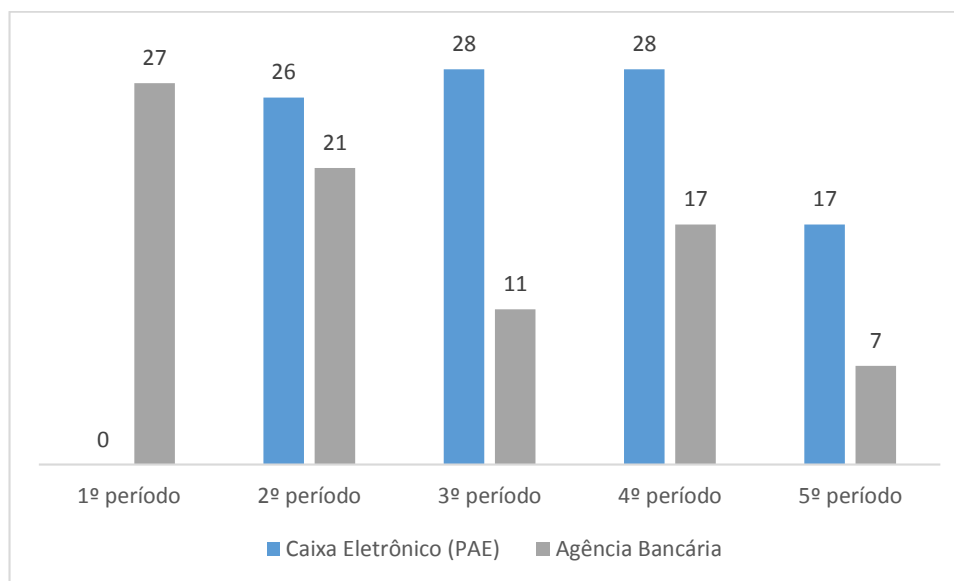


Elaborado por: OLIVEIRA, J. S.

Fonte: Banco Central do Brasil, 2014.

Também é interessante considerar, como poderá ser visto nos Gráficos 9 e 10, que houve um crescimento importante dos caixas eletrônicos nas cidades, o que aponta para um processo de maior modernização do sistema bancário mas, também, de maior densificação técnica das próprias cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, que deram aporte à instalação maciça desses equipamentos, sobretudo, na passagem da década de 1970 para 1980, quando os caixas eletrônicos passaram de 0 para 26 no segundo período, em Presidente Prudente, e de 0 a 51 em São José do Rio Preto, e continuaram aumentando nos períodos seguintes. Além disso, é possível observar que, já a partir do segundo período, o número de caixas eletrônicos supera o de agências bancárias na cidade de Presidente Prudente e, em São José do Rio Preto, esta tendência se instaura a partir do terceiro período em diante, o que aponta para uma nova forma de organização da firma bancária, de modo que a utilização de caixas eletrônicos passou a oferecer serviços rotineiros de mesmo tipo que as agências bancárias oferecem, sobretudo para os usuários de contas pessoais, diminuindo a necessidade de abertura de mais agências e redefinindo a lógica espacial de instalação dos caixas eletrônicos, que passaram a se localizar, majoritariamente, fora do centro principal e de forma mais dispersa pela cidade, como poderá ser visto de forma mais detalhada adiante.

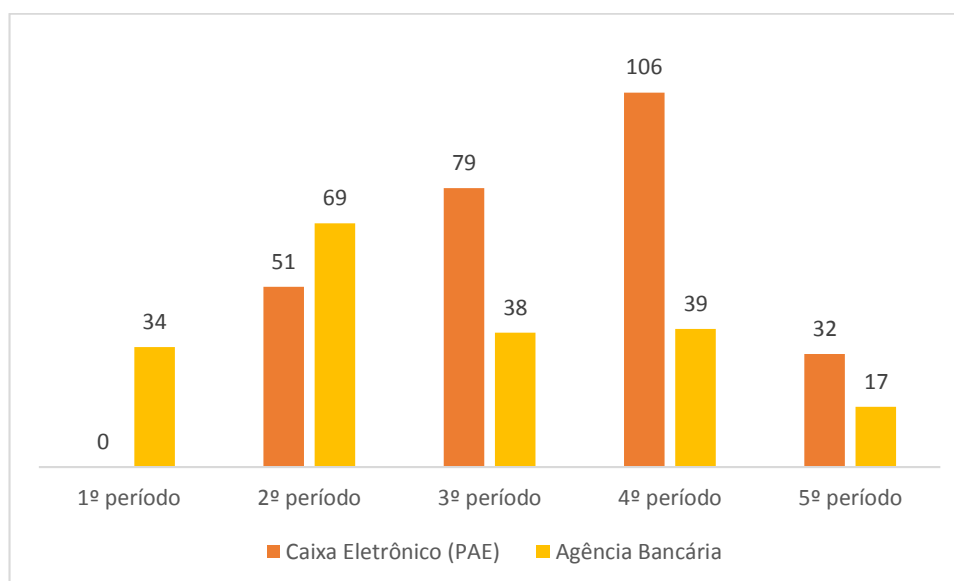
Gráfico 9 - Presidente Prudente. Evolução do número de agências bancárias e caixas eletrônicos nos cinco períodos delimitados. 1930 a 2014



Elaborado por: OLIVEIRA, J. S.

Fonte: Banco Central do Brasil, 2014.

Gráfico 10 – São José do Rio Preto. Evolução do número de agências bancárias e caixas eletrônicos nos cinco períodos delimitados. 1920 a 2014



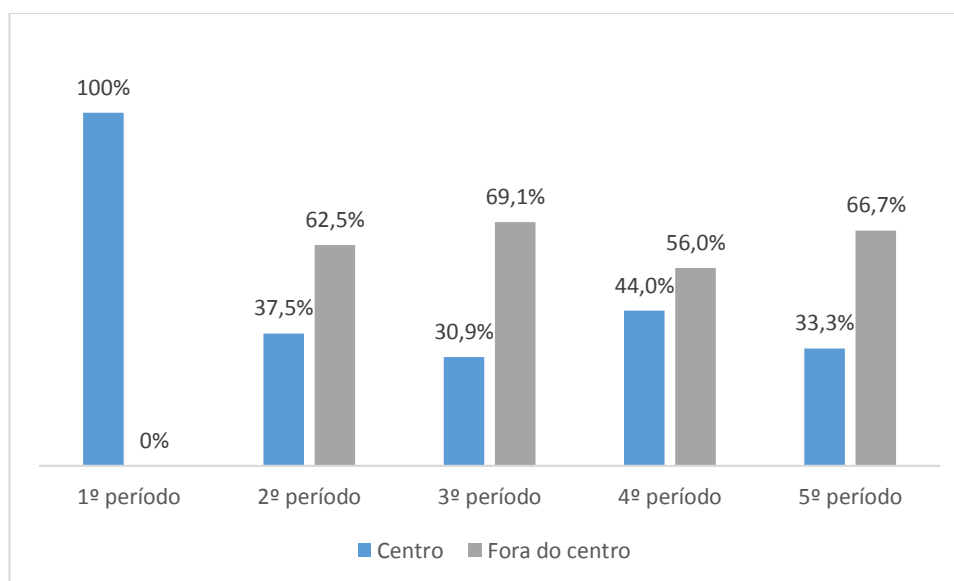
Elaborado por: OLIVEIRA, J. S.

Fonte: Banco Central do Brasil, 2014.

Contudo, apesar da tendência de maior dispersão de estabelecimentos bancários pelas cidades, como já vimos, este setor, historicamente, tem uma participação fundamental no

controle das melhores localizações no centro tradicional da cidade (WHITACKER, 1997). Como pode ser visto a seguir, no primeiro período, a grande maioria dos estabelecimentos bancários, das duas cidades, concentrava-se no centro principal, 100% no caso da cidade de Presidente Prudente e 81,6% em São José do Rio Preto. Entretanto, do segundo período adiante há uma inversão nesta lógica, sendo que a maior parte dos equipamentos passa a ser instalada fora do centro principal, no caso de Presidente Prudente, esta mudança gradual se dá na ordem de 62,5%, 69,1%, 56% e 66,7%, respectivamente. Já, em São José do Rio Preto, a inversão da tendência de localização majoritária dos equipamentos no centro da cidade se dá na ordem de 52,2%, 65,4%, 56,8% e 69,7%.

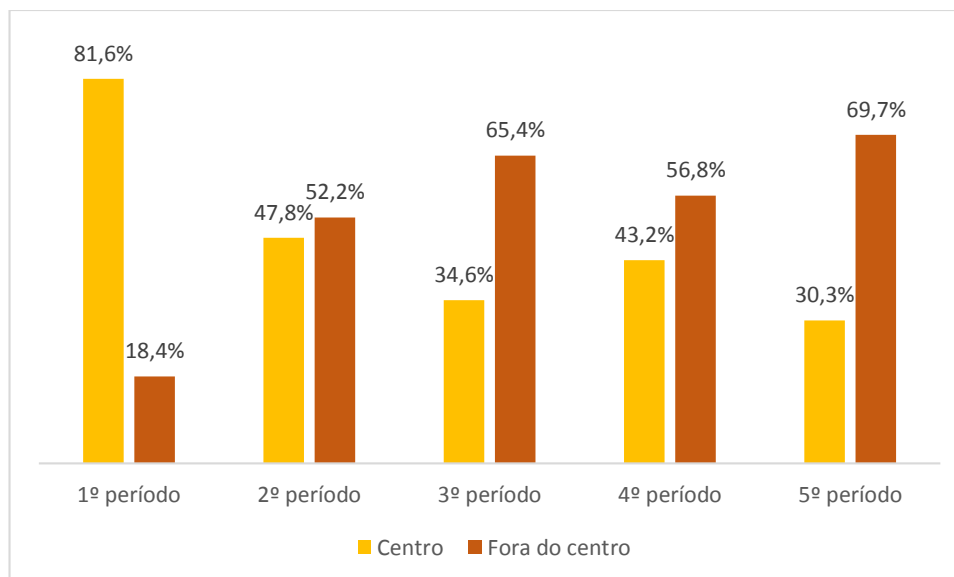
Gráfico 11 - Presidente Prudente. Evolução da localização dos equipamentos bancários dentro e fora do centro (%) nos cinco períodos elencados. 1930 a 2014.



Elaborado por: OLIVEIRA, J. S.

Fonte: Banco Central do Brasil, 2014.

Gráfico 12 – São José do Rio Preto. Evolução da localização dos equipamentos bancários dentro e fora do centro (%) nos cinco períodos elencados. 1920 a 2014.



Elaborado por: OLIVEIRA, J. S.

Fonte: Banco Central do Brasil, 2014.

A seguir, buscaremos analisar os dados da evolução quantitativa do setor bancário buscando compreender suas repercussões espaciais, ou seja, analisando a materialização do processo de expansão do setor bancário nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, segundo lógicas espaciais específicas, enfocando seus principais marcos de transformação, sobretudo no que diz respeito à passagem da lógica de localização monocêntrica para a policêntrica que, como já discutido, relaciona-se diretamente com os processos de estruturação e reestruturação das cidades. Para tanto, elaboramos os mapas, a partir do segundo período quando começa a haver processo de fechamento de estabelecimentos bancários, destacando a localização dos novos estabelecimentos instalados nas cidades em contraposição aos estabelecimentos com atividade encerrada, isso porque consideramos que é a articulação entre estes dois aspectos das estratégias locacionais dos bancos que define os rumos de suas lógicas espaciais.

Deste modo, no primeiro período, é possível avaliar que a maior parte dos estabelecimentos bancários concentra-se no centro principal das cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Nesta última, há uma maior dispersão dos equipamentos em comparação à primeira, sobretudo a partir das décadas de 1970 e 1980 quando o centro passa por um processo de redefinição de seus papéis, processo este acelerado durante as décadas seguintes, como veremos mais adiante. Entretanto, de forma geral, a concentração do sistema bancário dá-se, em ambas cidades, nos limites do centro o que, como vimos, aponta para uma

tendência de localização do sistema bancário nas áreas mais valorizadas da cidade, onde se concentra a maior produção de riqueza e que inspira maior credibilidade e confiança (SICSÚ e CROCCO, 2003). Assim, na cidade de São José do Rio Preto, a maior parte dos equipamentos, entre os anos de 1920 e 1970 (primeiro período), encontra-se nas ruas Bernardino de Campos e Voluntários de São Paulo, já em Presidente Prudente a concentração dá-se nas ruas Siqueira Campos e Tenente Nicolau Maffei, o que aponta para uma especialização, que revela maior divisão técnica e econômica do espaço urbano, ou seja, dentre as várias localizações no centro das cidades, os bancos buscam localizar-se nas áreas mais estratégicas e valorizadas.

Outro aspecto que pode ser observado nas estratégias de localização do setor bancário neste período, e também em todos os outros períodos destacados, em maior ou menor grau, diz respeito à localização de estabelecimentos bancários, mesmo que em pequeno número neste primeiro período, fora do perímetro urbano ou em áreas bastantes distantes do centro principal, dado que estes estabelecimentos são voltados ao atendimento de empresas e/ou áreas industriais, sendo muitos deles instalados dentro das próprias empresas.

Com isso, podemos concluir que as lógicas espaciais do sistema bancário, nas duas cidades, reforçam a estrutura espacial monocêntrica, ou seja, as escolhas locacionais são feitas, preponderantemente, com base na concentração dos equipamentos bancários em uma única área da cidade, no centro, tendência que segue a própria forma de organização e estruturação das cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto entre os anos de 1920 e 1980.

No segundo período, como já citado anteriormente, há uma reforço do processo de dispersão de estabelecimentos bancários pela cidade, sobretudo para as imediações e principais vias das cidades, resultado do processo de “desdobramento” do centro (SPOSITO, 1991), e isto se dá por conta do processo de reestruturação do sistema bancário em nível nacional, que é resultado de três aspectos importante: o primeiro diz respeito ao grande número de aquisições e a internacionalização do sistema financeiro brasileiro (VIDEIRA, 2007), o que gera um crescimento importante do número de estabelecimentos que passam a buscar outras localizações, inclusive, fora do centro; o segundo diz respeito à modernização do setor bancário no país, sobretudo com a ampla adesão dos PAEs (Pontos de Atendimento Eletrônico), que revolucionaram não apenas a forma de organização do setor mas, sobretudo, suas lógicas espaciais, o que foi possibilitado pela ampliação do número de equipamentos pelas cidades; por fim, o terceiro refere-se às mudanças nos papéis dos centros principais das cidades, sobretudo com o surgimento de novas áreas comerciais e de serviços que ganham importância, com destaque para a instalação dos shopping centers, a partir da década de 1990, o que demarca, também, um processo de mudança nas lógicas espaciais do sistema bancário nestas cidades,

passando este a se aproveitar da emergência destas e outras novas centralidades, iniciando o processo de passagem da estrutura monocêntrica para policêntrica, a partir de novas escolhas locais que privilegiavam, sobretudo, áreas das cidades com maior acessibilidade aos segmentos sociais de maior poder aquisitivo. Este processo pode ser melhor verificado a partir da observação da localização dos estabelecimentos fechados neste período, sobretudo, no centro tradicional das cidades. Assim, quanto a este processo de dispersão do setor bancário, na cidade de Presidente Prudente, Whitacker (1997) destaca:

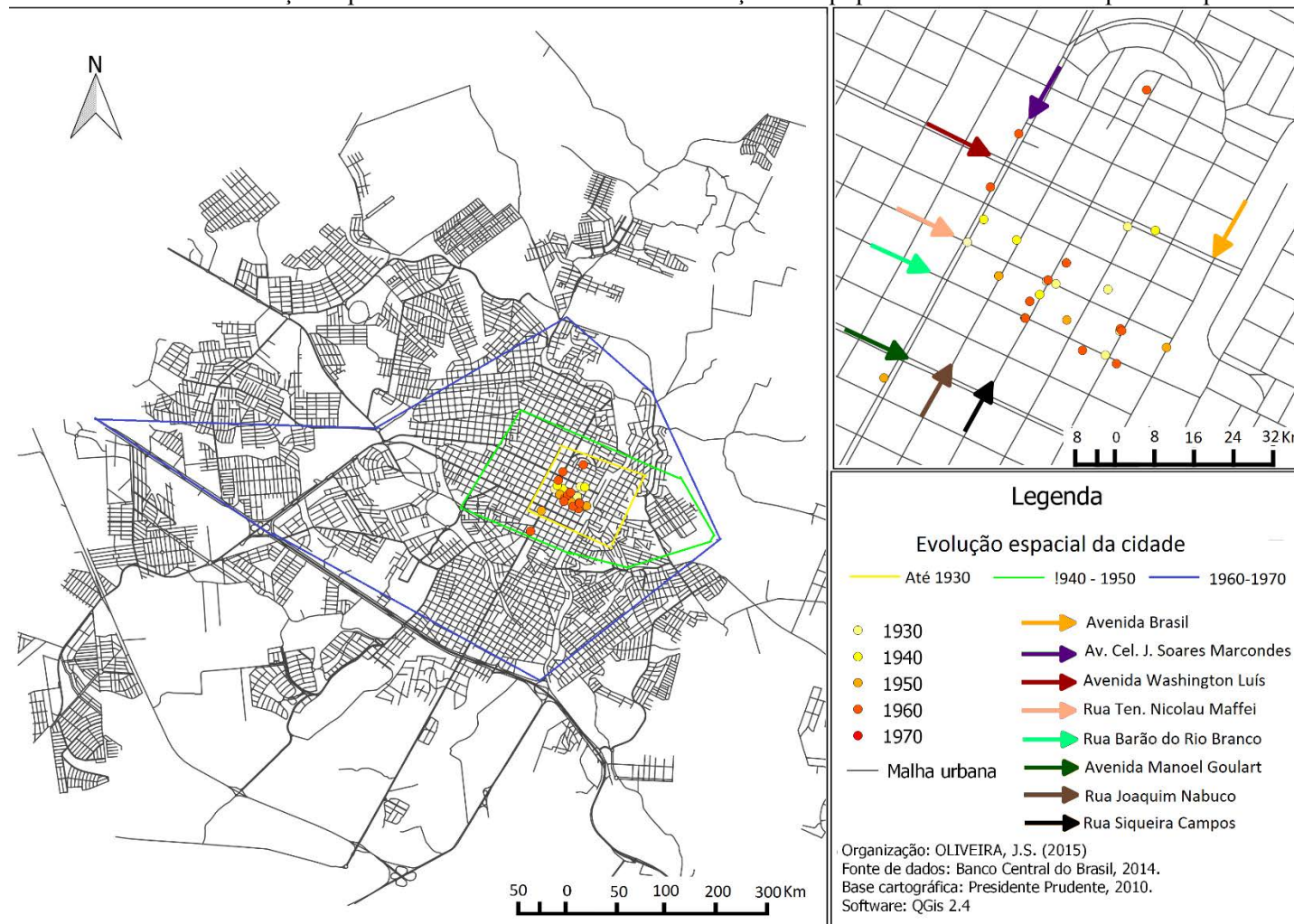
As agências bancárias em Presidente Prudente tiveram, em sua maioria, uma migração dentro da área central tradicional, sobretudo até o início dessa década, quando passam a ocupar áreas próximas ao centro tradicional, em áreas centrais novas, como a Rua José Bongiovani e o Prudenshopping[...]” (WHITACKER, 1997, p.159)

Além das áreas citadas pelo autor, como pode se observar nos mapas 4 e 6, as avenidas Washington Luís, Manoel Goulart e Coronel José Soares Marcondes passam a ser áreas privilegiadas para instalação de equipamentos bancários a partir da década de 1980. Já em São José do Rio Preto, mapas 5 e 7, as áreas privilegiadas por este setor são as Avenidas Bady Bassit, Alberto Andaló, Brigadeiro Faria Lima, Murchid Homsy e Anísio Haddad, tendo destaque, esta última, por conta da instalação do *Shopping Center Rio Preto*. Portanto, o que vemos, no caso das duas cidades, é uma dispersão seletiva desses equipamentos que privilegia as áreas residenciais onde reside uma população de maior poder aquisitivo, sobretudo as zonas sul de ambas as cidades.

Em suma, as décadas de 1980 e 1990 demarcam um dos períodos mais importantes de transformações nas lógicas espaciais do setor bancário no nível nacional e, também, no que se refere às formas de organização deste setor nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto. É o período marcado por uma reestruturação do sistema bancário guiada pela internacionalização da economia e, no nível local, inaugura-se o processo de expansão seletiva do setor que passa, progressivamente e a partir desse período, a refletir e reforçar a passagem da estrutura espacial monocêntrica para a policêntrica, dado que essas novas áreas de concentração se orientam às áreas residenciais onde se concentram as camadas de maior poder aquisitivo, sendo que essa passagem se dá por conta dos processos de reestruturação das cidades, de forma que o setor bancário acompanha e reforça este processo.



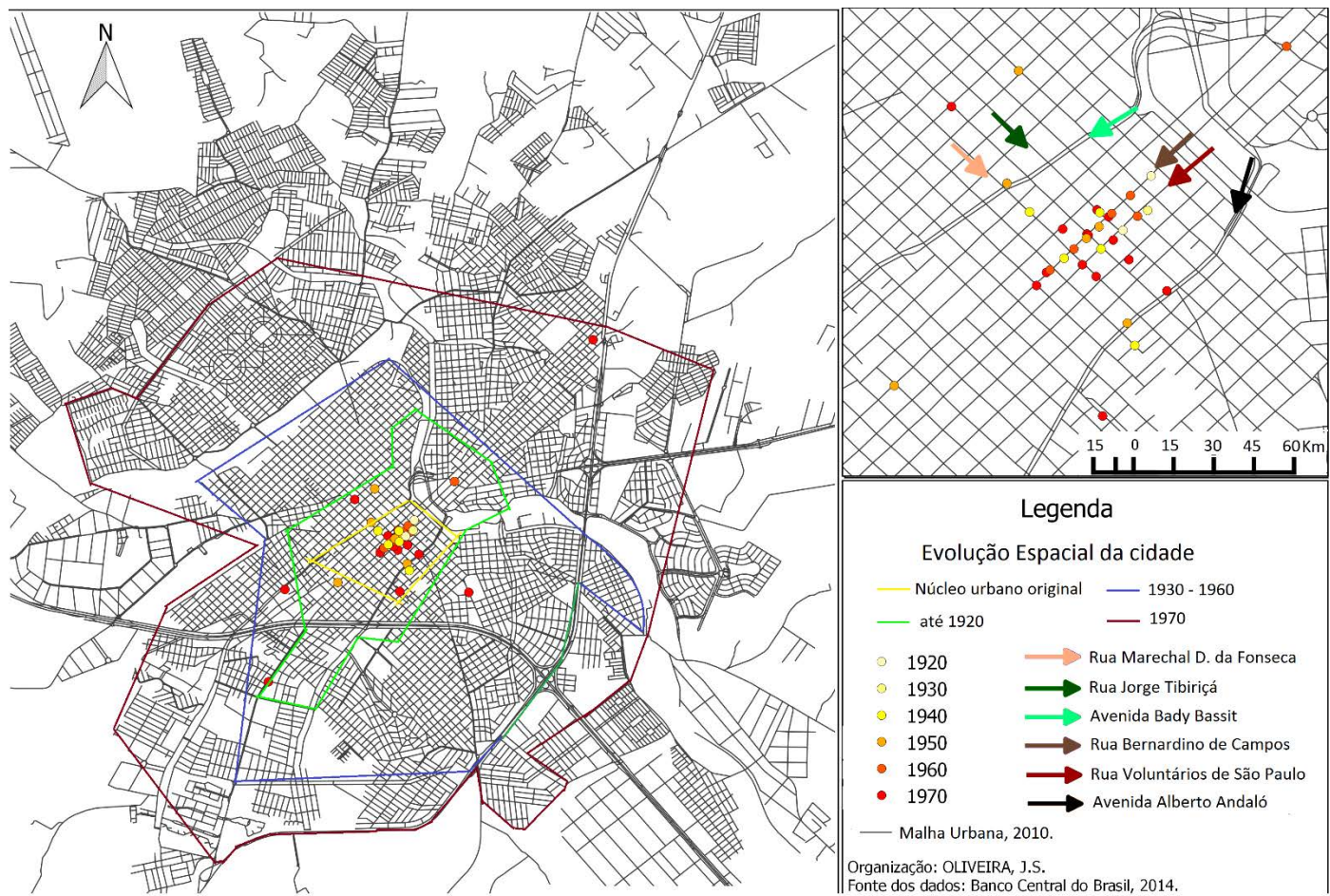
Mapa 4 – Presidente Prudente. Evolução espacial do tecido urbano e da localização de equipamentos bancários no primeiro período (1920 - 1970).



Notas: 1. Pode haver sobreposições de pontos por conta da proximidade de localização entre equipamentos bancários.

2. As linhas que demarcam a evolução espacial da cidade são uma aproximação da expansão do tecido urbano e foram feitas com base nos trabalhos de Sposito (1983) e Whitacker (1994).

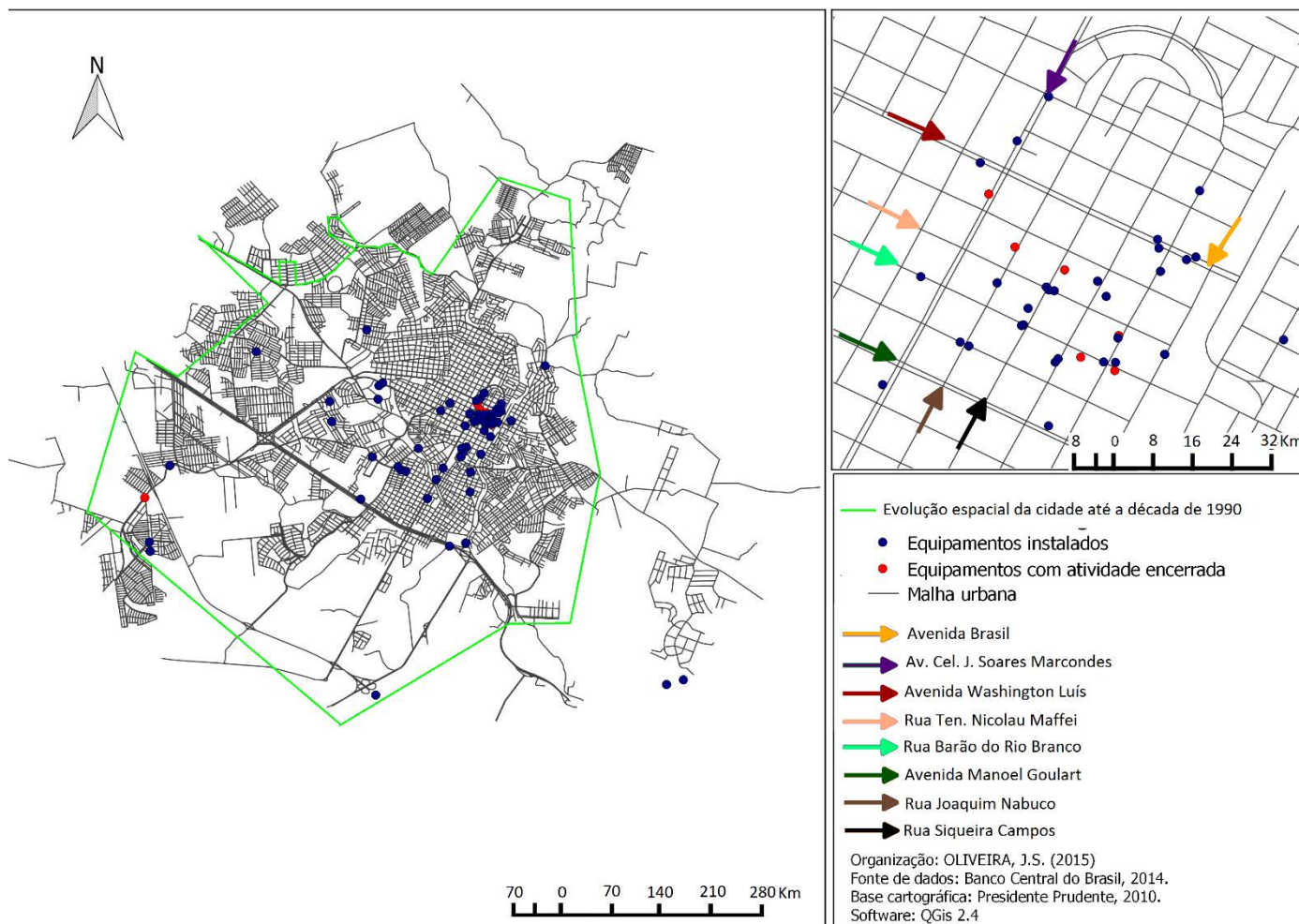
Mapa 5 – São José do Rio Preto. Evolução espacial do tecido urbano e da localização de equipamentos bancários no primeiro período (1920 - 1970)



Nota: pode haver sobreposições de pontos por conta da proximidade de localização entre equipamentos bancários.

2. As linhas que demarcam a evolução espacial da cidade são uma aproximação da expansão do tecido urbano e foram delimitadas com base nos trabalhos de Sposito (1991) e Filho (2011).

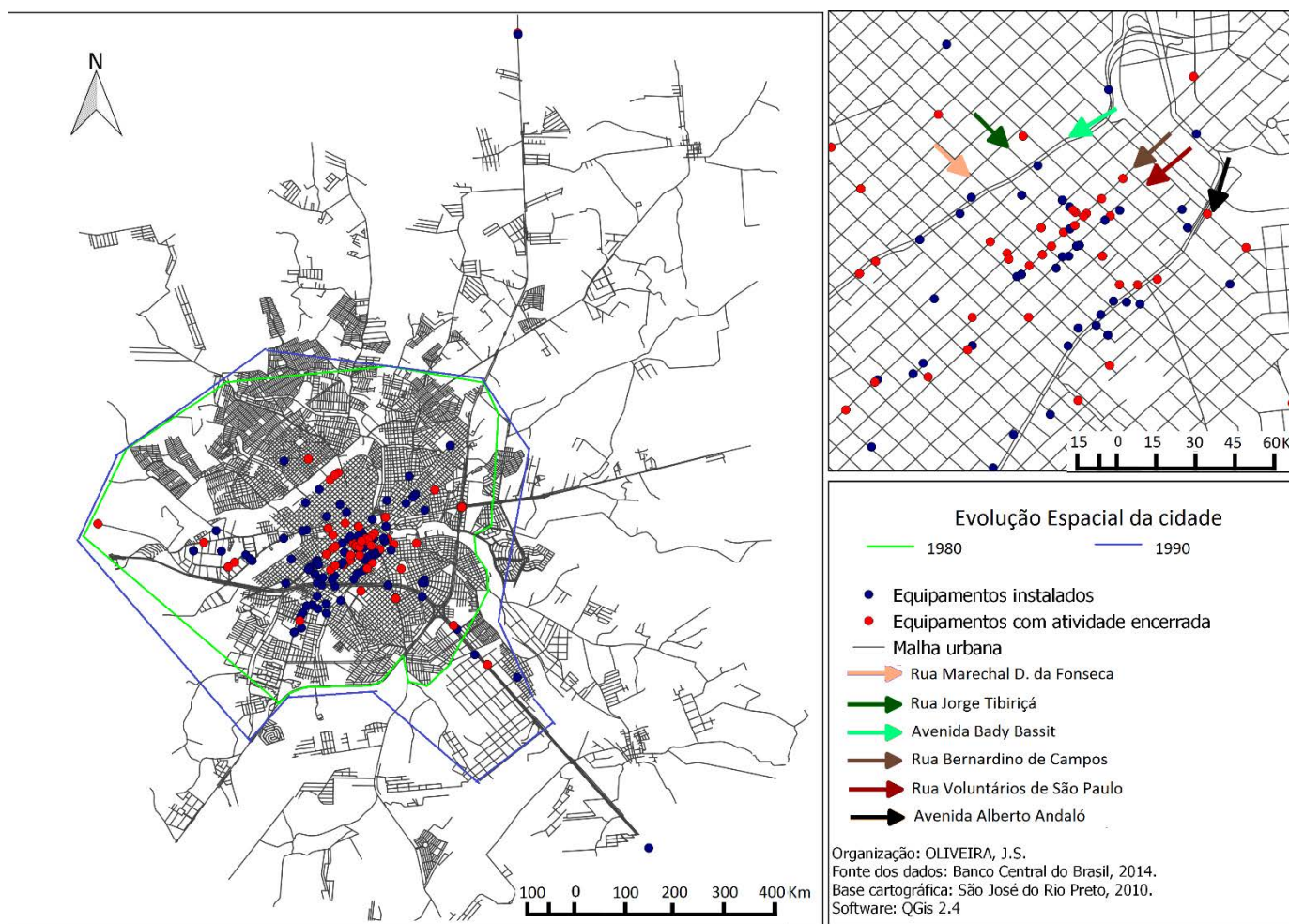
Mapa 6 – Presidente Prudente. Evolução espacial do tecido urbano e da localização de equipamentos bancários no segundo período (1980 - 1990)



Notas: 1. Pode haver sobreposições de pontos por conta da proximidade de localização entre equipamentos bancários.

2. As linhas que demarcam a evolução espacial da cidade são uma aproximação da expansão do tecido urbano e foram feitas com base nos trabalhos de Sposito (1983) e Whitacker (1994).

Mapa 7 – São José do Rio Preto. Evolução espacial do tecido urbano e da localização de equipamentos bancários no segundo período (1980 - 1990)



Nota: pode haver sobreposições de pontos por conta da proximidade de localização entre equipamentos bancários.

2. As linhas que demarcam a evolução espacial da cidade são uma aproximação da expansão do tecido urbano e forma delimitadas com base nos trabalhos de Sposito (1991) e Filho (2011).

Nos períodos seguintes, como poderá ser observado nos mapas 10 a 15, o que se observa é a continuidade da tendência de dispersão seletiva do setor bancário que privilegia a área sul das cidades, contudo o que se verifica, de forma marcante, sobretudo no quarto período, é a consolidação de áreas de concentração de serviços bancários fora da área central principal, sendo que, no caso da cidade de Presidente Prudente (Mapa 8), podemos destacar três: 1) Avenida Washington Luís, que concentra grande número de agências exclusivas e que atendem carteiras especiais (como Itaú Personalitè, Santander Select, HSBC premier, dentre outras), 2) Av. Manoel Goulart, que concentra número significativo de equipamentos e é uma das principais vias de circulação da cidade e de ligação do centro com o *Shopping Center Prudenshopping* e a Rodovia; e 3) Av. Coronel Soares Marcondes, que concentra o maior número de agências fora do centro e que será melhor analisada no próximo item deste trabalho. Já com relação à cidade de São José do Rio Preto (Mapa 9) podemos destacar quatro áreas principais de concentração de estabelecimentos que se consolidaram fora do centro: 1) Av. Alberto Andaló, também concentra grande número de agências exclusivas, assim como Avenida Washington Luís em Presidente Prudente; 2) Avenida Anísio Haddad, que concentra número considerável de estabelecimentos e é uma área que exerce importante centralidade por conta do Rio Preto Shopping; 3) Avenida Mirassolândia, que também passa a concentrar agências bancárias, entretanto, diferencia-se das outras áreas destacadas por localizar-se no setor norte da cidade, ou seja, mais próximo às áreas residenciais onde reside uma população de menor poder aquisitivo; por fim, 4) Avenida Brigadeiro Faria Lima, onde se concentra o maior número de estabelecimentos bancários fora do centro e que será melhor analisada no item seguinte deste trabalho.

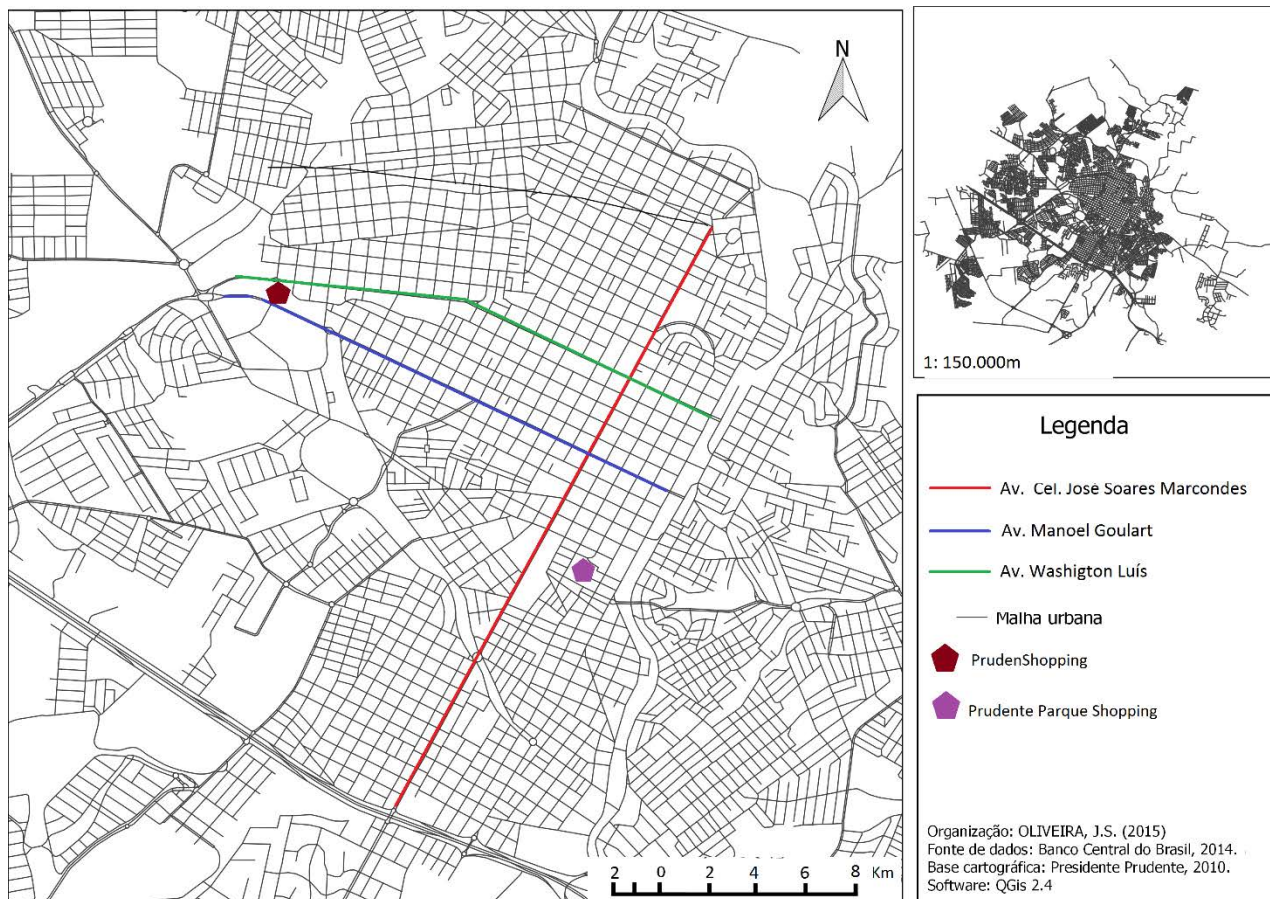
Assim, é importante destacar que a diferença entre o número de áreas com concentração de estabelecimentos bancários entre as duas cidades está relacionada às especificidades de seus processos de estruturação e reestruturação, sendo que podemos destacar, principalmente, a velocidade e intensidade do crescimento das duas cidades, sendo que estas dinâmicas foram mais intensas em São José do Rio Preto, e outro processo correlato que refere-se à consolidação de novas centralidades, e que também foi mais intenso na cidade supracitada, dado que esta possui uma maior variedade de área com concentração de comércio e serviços, o que tem relação direta, inclusive com seus tamanhos demográficos. Além disso, no que se refere às áreas que exercem centralidade bancária, o que se nota é que em São José do Rio Preto, diferentemente de Presidente Prudente, há a existência de uma área de concentração de estabelecimentos na zona norte da cidade onde reside uma população de menor poder

aquisitivo, contudo, a lógica mais geral de localização dos bancos, nas duas cidades, privilegia, preponderantemente, às áreas onde reside a população de maior poder aquisitivo.

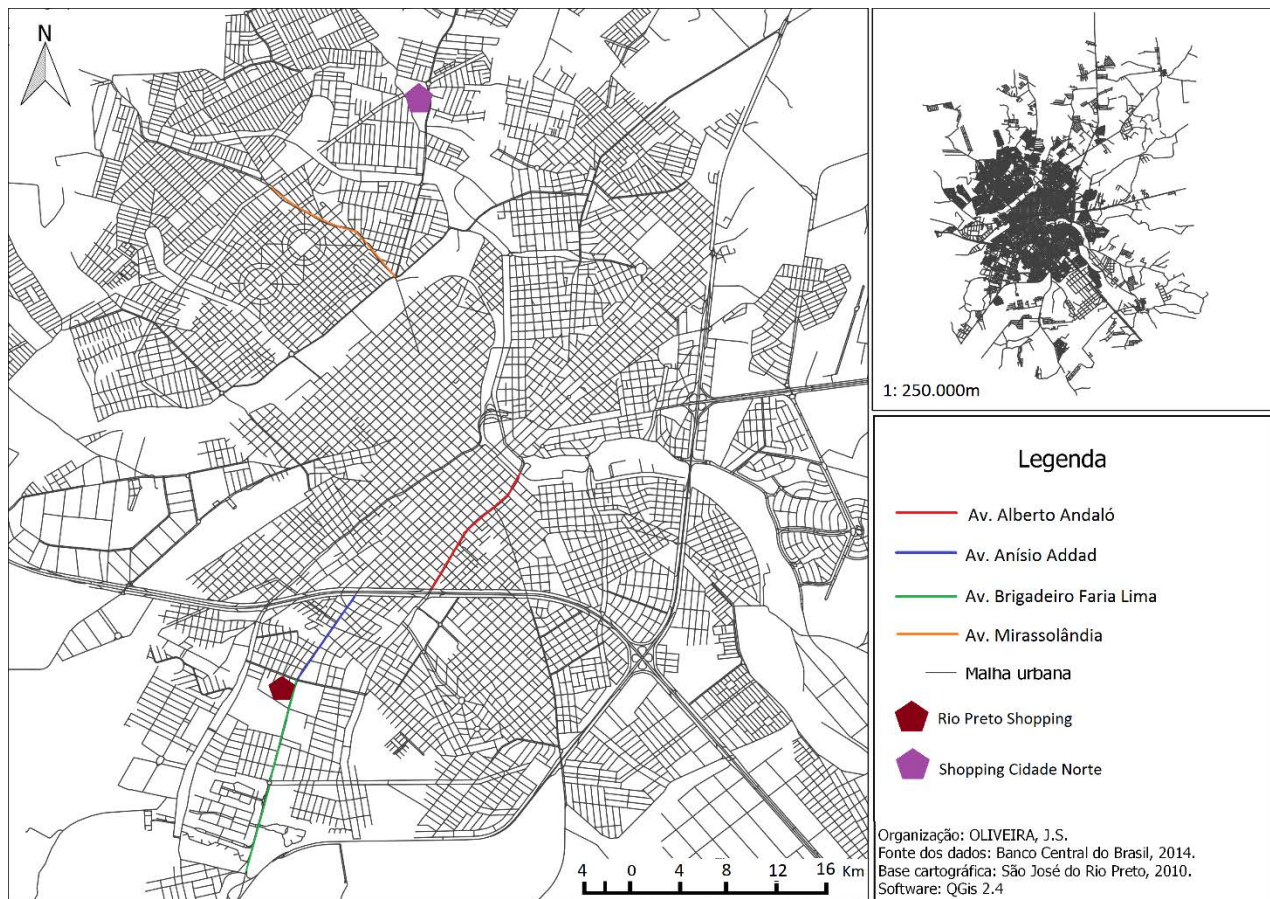
Já os movimentos de fechamento de estabelecimentos bancários no terceiro e quarto períodos, podem ser explicados, em grande parte, pelos processos respectivos de aquisição e fusão engendrados pelos bancos Santander e Itaú, como vimos de forma pormenorizada anteriormente, o que promove uma reestruturação dessas instituições levando ao fechamento de muitos estabelecimentos em detrimento, tanto de uma redimensionalização do número de equipamentos, quanto de novas estratégias locacionais destas instituições.

Por fim, no que se refere ao quinto período, podemos perceber a continuidade do processo de dispersão seletiva do setor, com destaque ao reforço da concentração de unidades, na cidade de São José do Rio Preto, nas Avenidas Brigadeiro Faria Lima e Mirassolândia, sendo que, nesta última, este reforço pode ter se dado pela inauguração do Shopping Cidade Norte, no ano de 2012, constituindo nova centralidade nesta área da cidade. Já, em Presidente Prudente, há um reforço da centralidade bancária da Avenida Coronel José Soares Marcondes, com a instalação de novos equipamentos neste período.

Mapa 8 - Presidente Prudente. Principais vias de concentração de estabelecimentos bancários fora do centro. 2015.

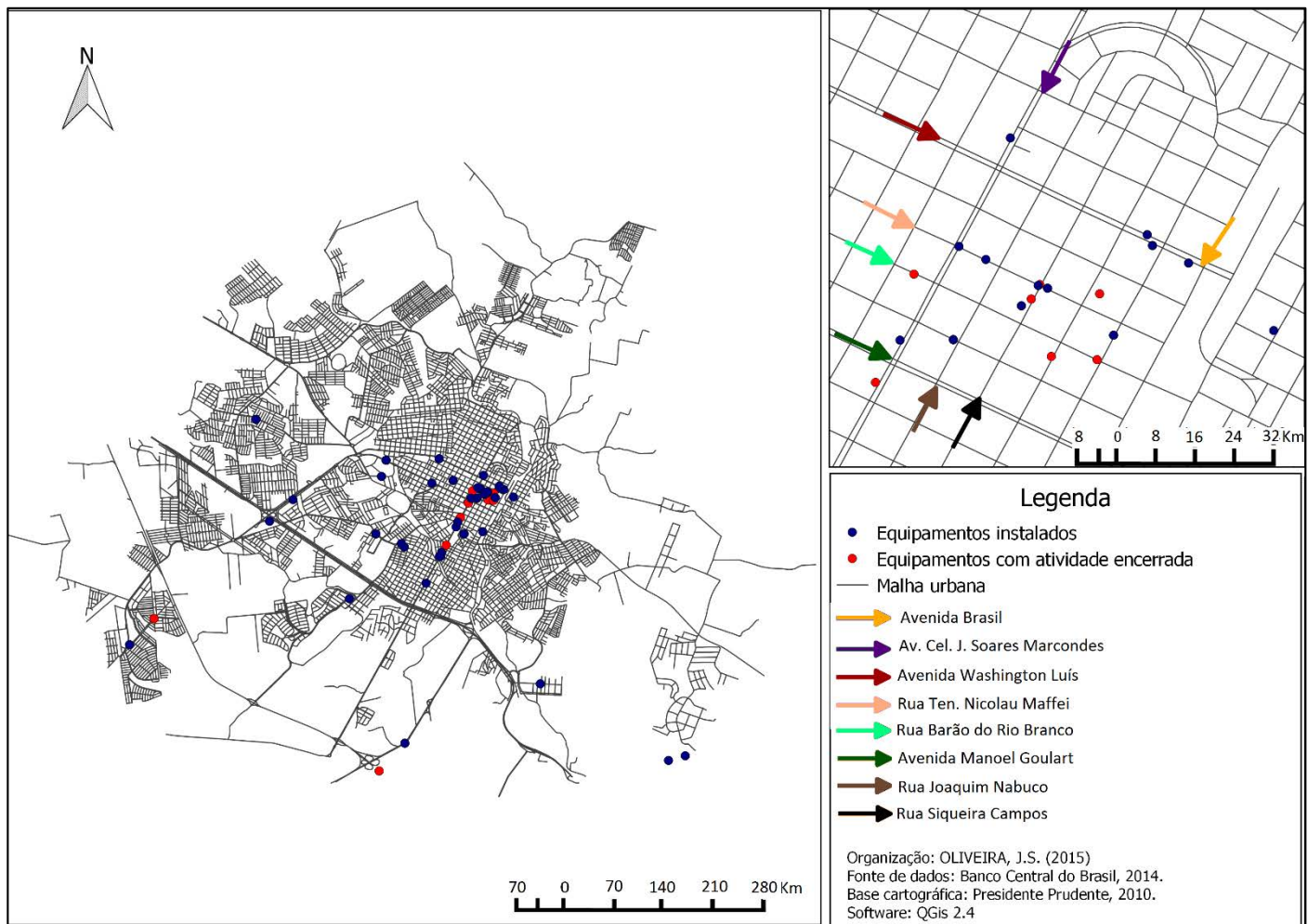


Mapa 9 - São José do Rio Preto. Principais vias de concentração de estabelecimentos bancários fora do centro. 2015



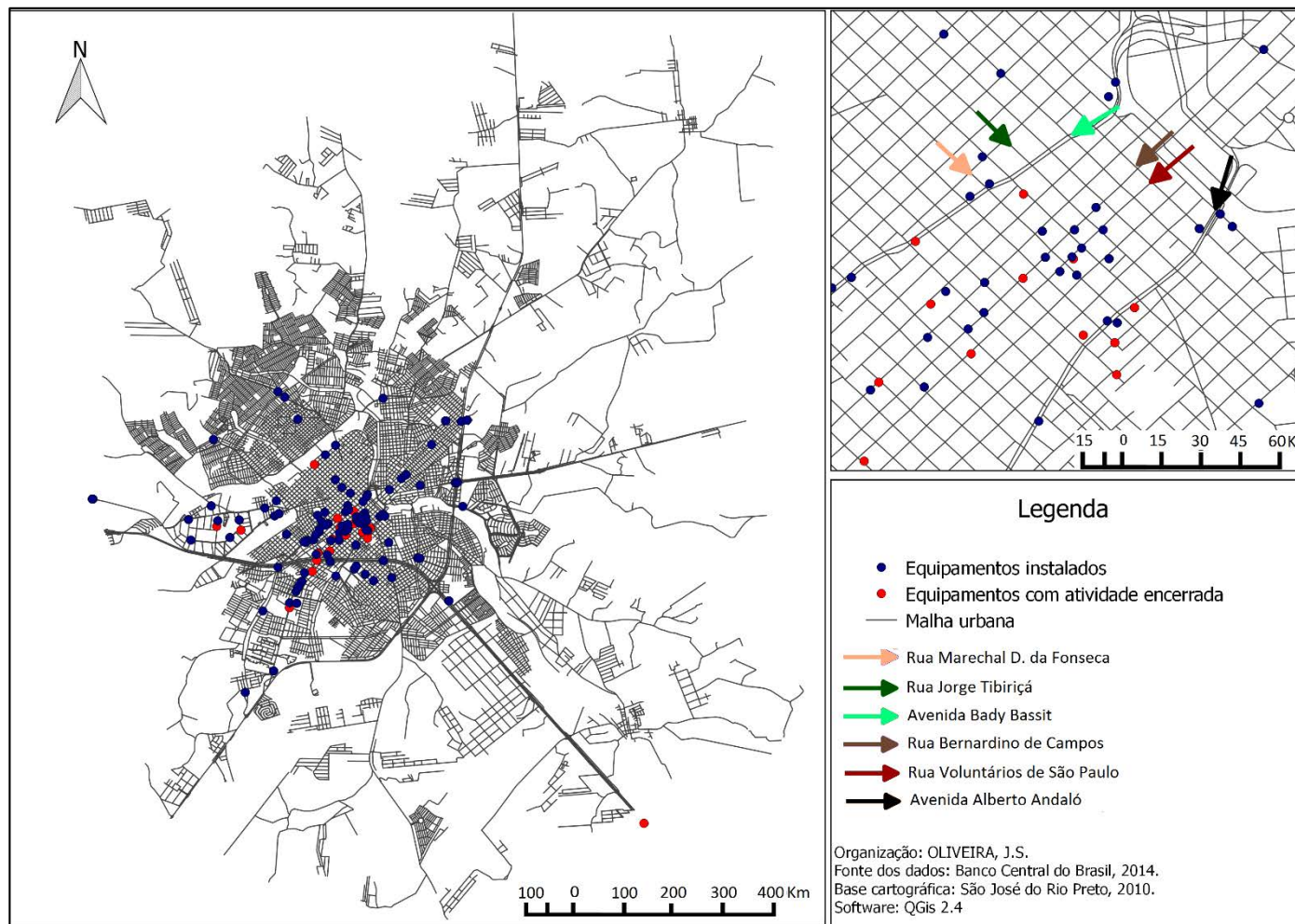


Mapa 10 – Presidente Prudente. Evolução da localização de equipamentos bancários no terceiro período (2000 - 2005)



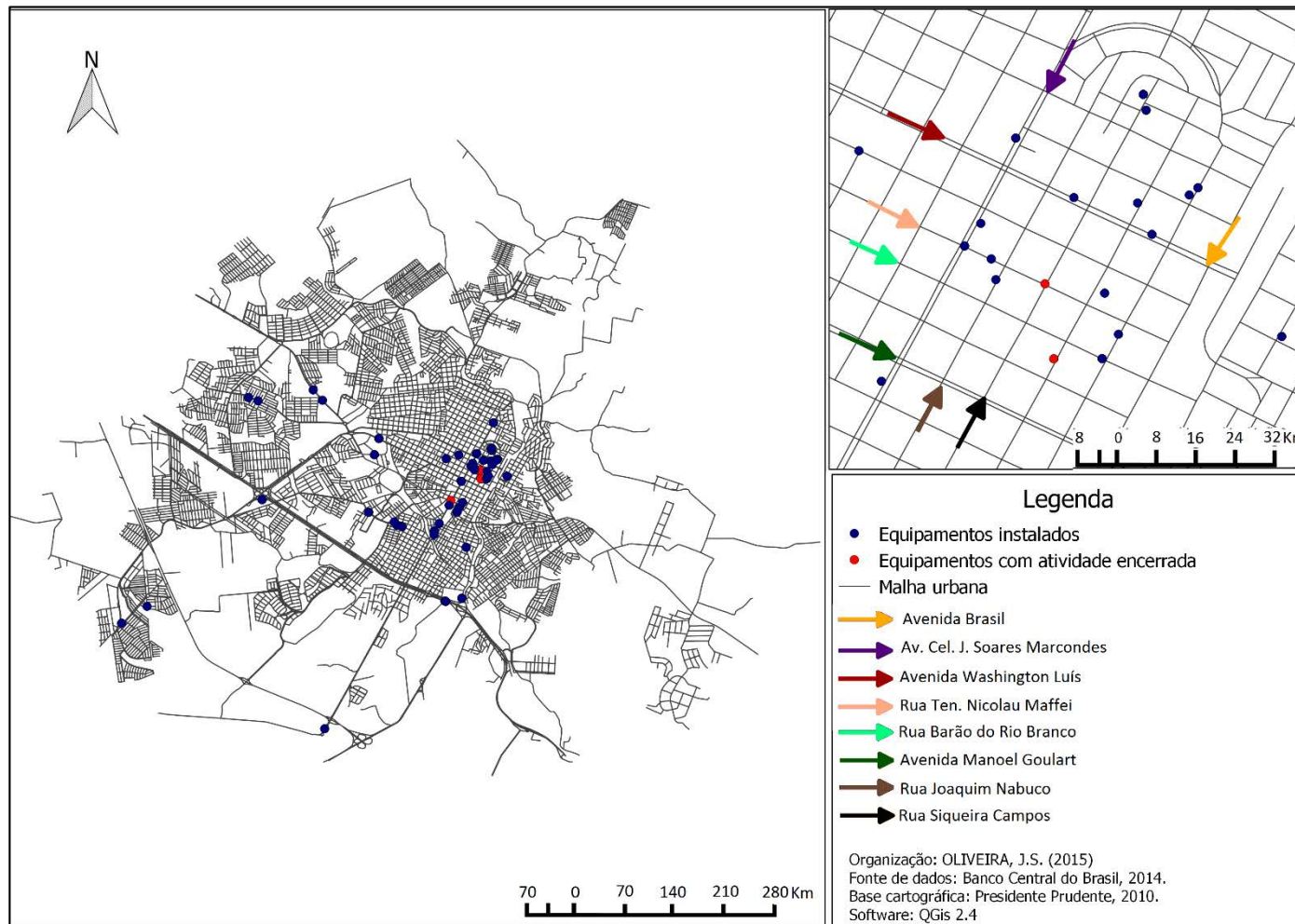
Nota: pode haver sobreposições de pontos por conta da proximidade de localização entre equipamentos bancários

Mapa 11 – São José do Rio Preto. Evolução da localização de equipamentos bancários no terceiro período (2000 - 2005)



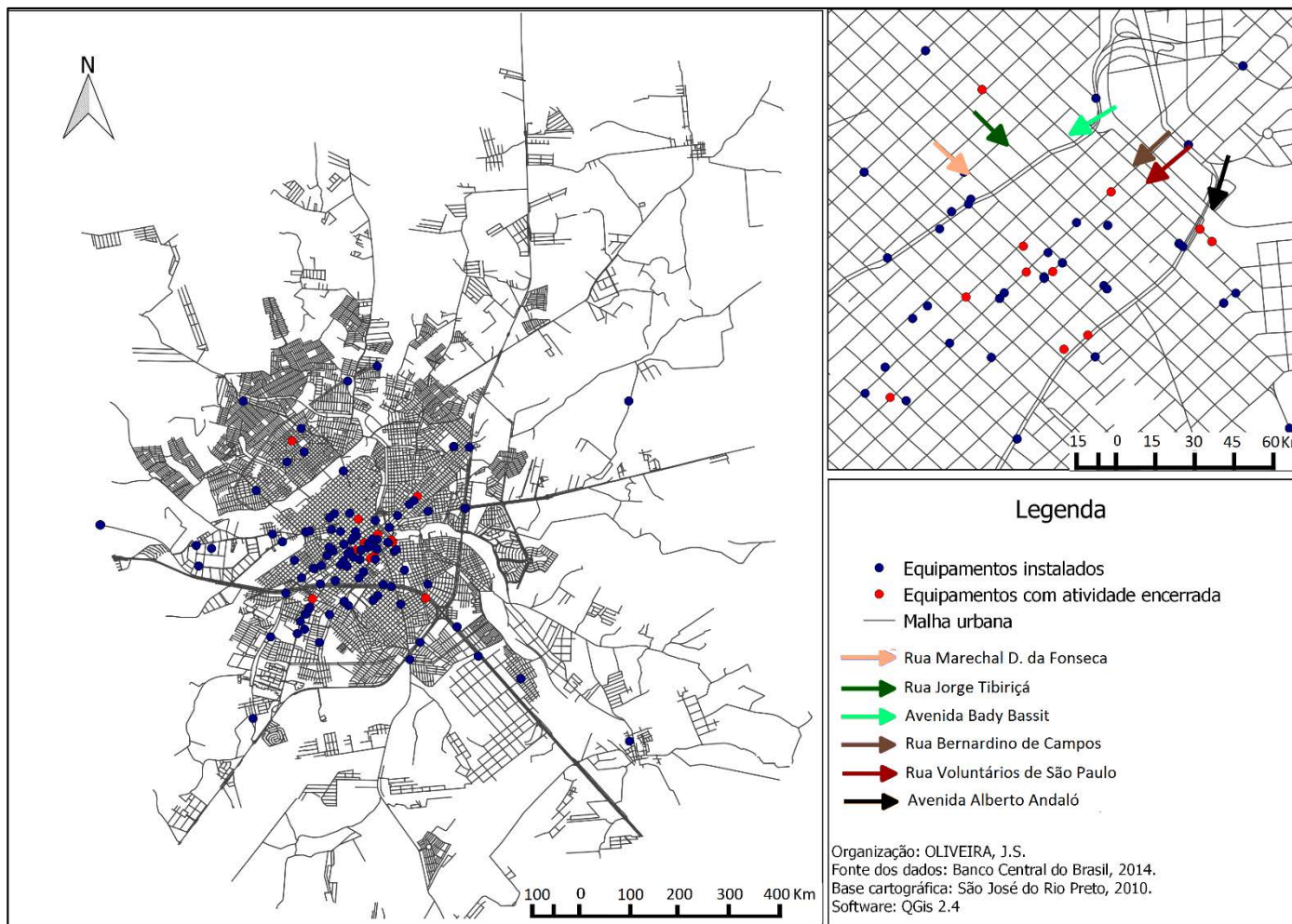
Nota: pode haver sobreposições de pontos por conta da proximidade de localização entre equipamentos bancários

Mapa 12 – Presidente Prudente. Evolução da localização de equipamentos bancários no quarto período (2006 - 2009)



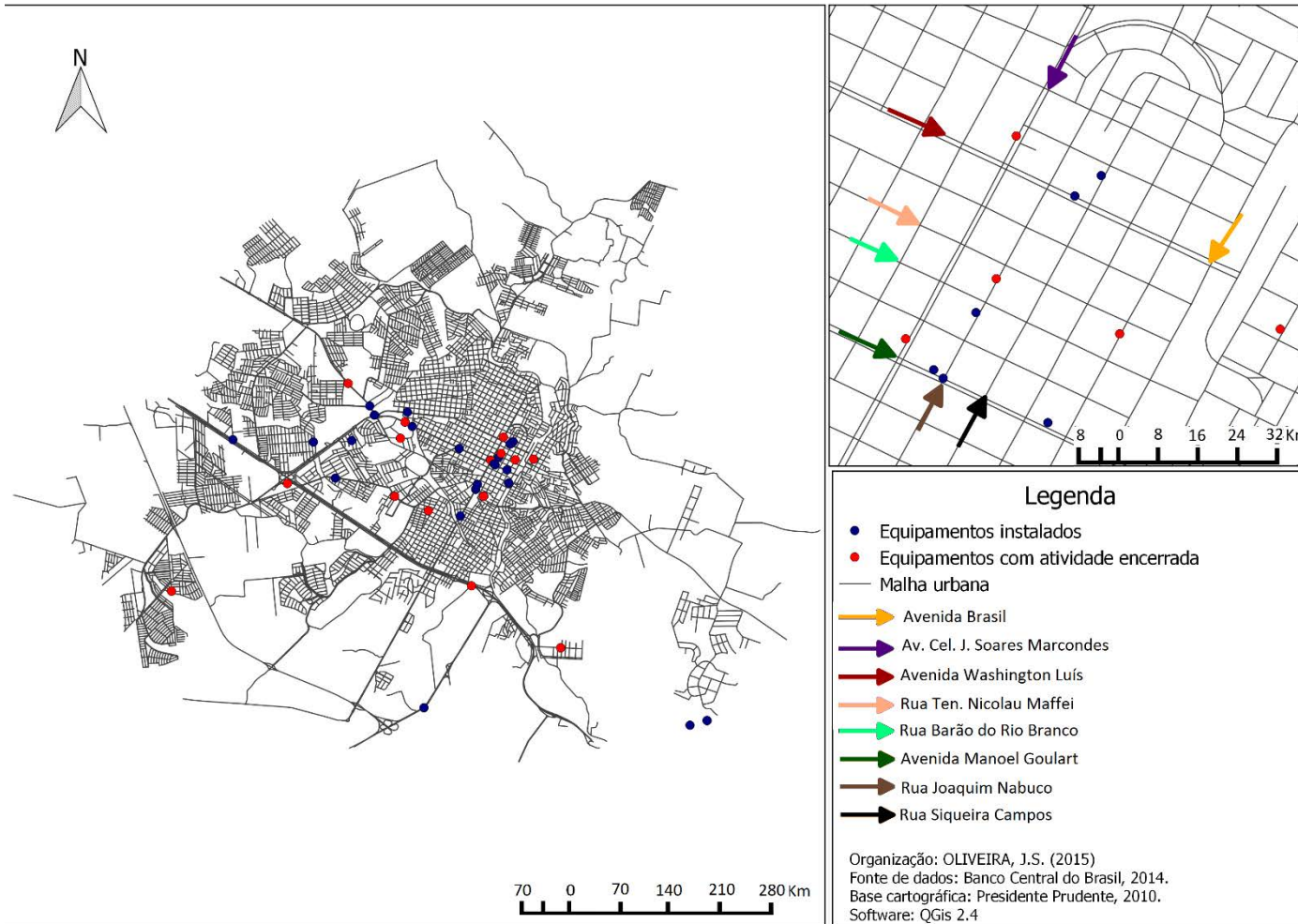
Nota: pode haver sobreposições de pontos por conta da proximidade de localização entre equipamentos bancários

Mapa 13 – São José do Rio Preto. Evolução da localização de equipamentos bancários no quarto período (2006 - 2009)



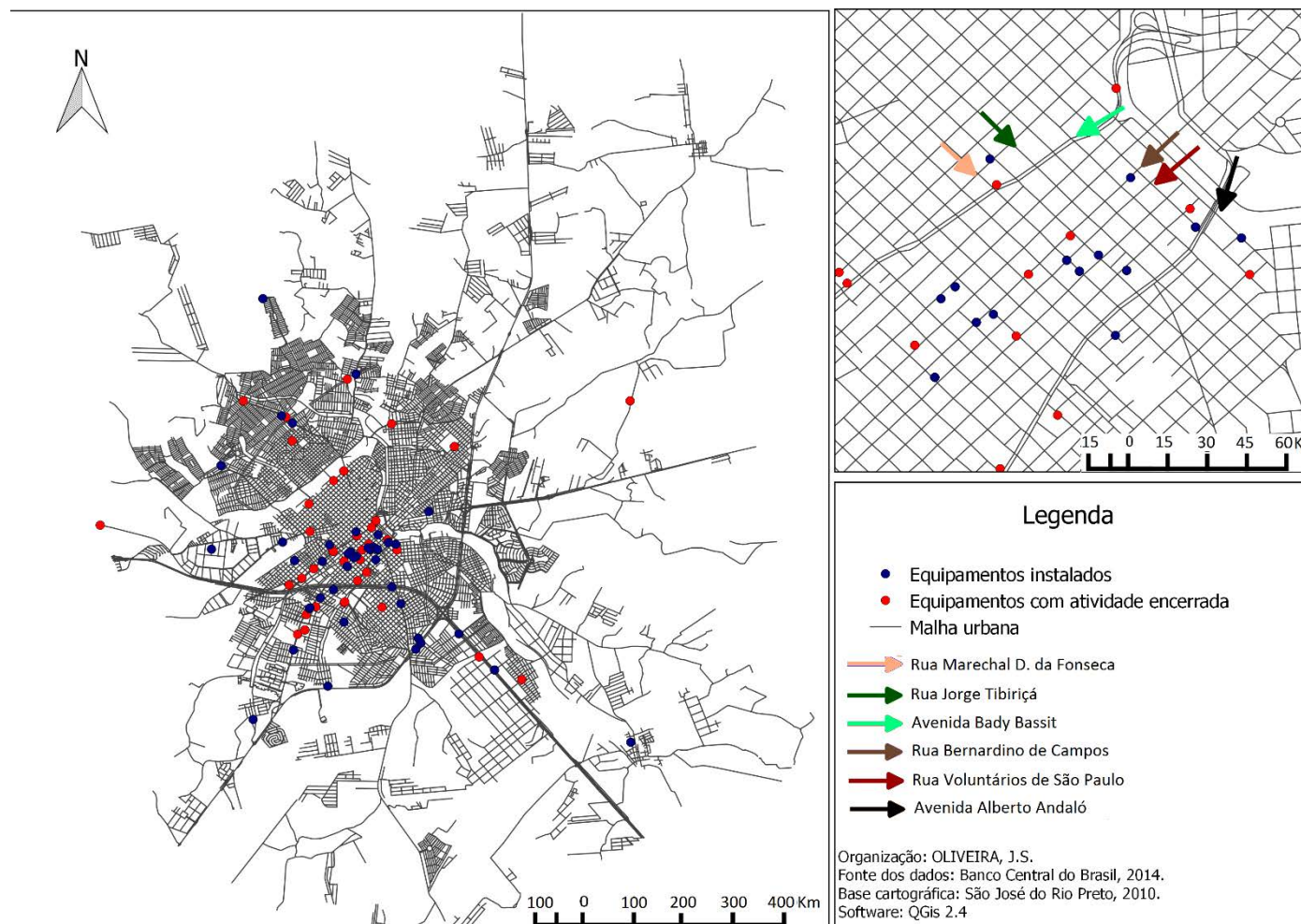
Nota: pode haver sobreposições de pontos por conta da proximidade de localização entre equipamentos bancários

Mapa 14 – Presidente Prudente. Evolução da localização de equipamentos bancários no quinto período (2010 - 2013)



Nota: pode haver sobreposições de pontos por conta da proximidade de localização entre equipamentos bancários

Mapa 15 – São José do Rio Preto. Evolução da localização de equipamentos bancários no quinto período (2010 - 2013)



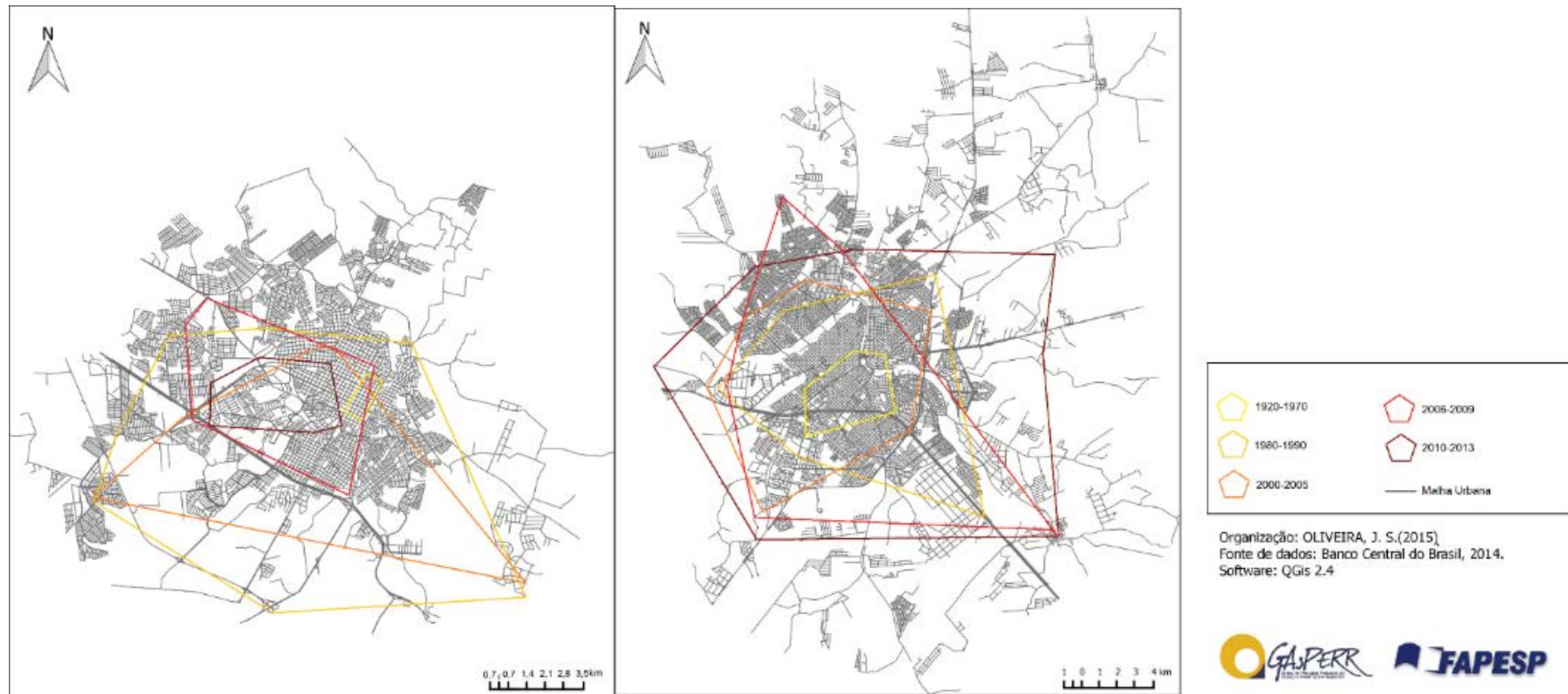
Nota: pode haver sobreposições de pontos por conta da proximidade de localização entre equipamentos bancários

Assim, no que se refere a uma análise sintética da evolução das lógicas do setor bancário nas duas cidades, como poderá ser observado no Mapa 16, pode-se perceber que a tendência mais marcante é a de dispersão dos equipamentos bancários pelas cidades. Contudo, esta tendência segue uma lógica estritamente seletiva que privilegia certas áreas em detrimento de outras e, como vimos, o principal parâmetro para esta escolha locacional refere-se à proximidade das áreas residenciais onde reside a população com maiores ingressos, já que, como destacado por Sicsú e Crooco, o fator renda é variável fundamental para as escolhas espaciais do setor bancário, já que a proximidade aos usuários com maior potencial de depósitos, dentre outras transações bancárias geradoras de juros, está estritamente relacionada às lógicas de reprodução eficiente do capital das grandes instituições bancárias.

Desta forma, como poderá ser visto nos mapas 16 a 18, atualmente, na cidade de Presidente Prudente, a maior parte dos equipamentos continua concentrada na área central da cidade e em suas imediações, com destaque, no centro, para as ruas Siqueira Campos e Tenente Nicolau Maffei, sendo que as quatro principais avenidas da cidade também são eixos importantes de concentração de equipamentos: Avenida Manoel Goulart, Avenida Washington Luís, Avenida Coronel José Soares Marcondes e Avenida Brasil.

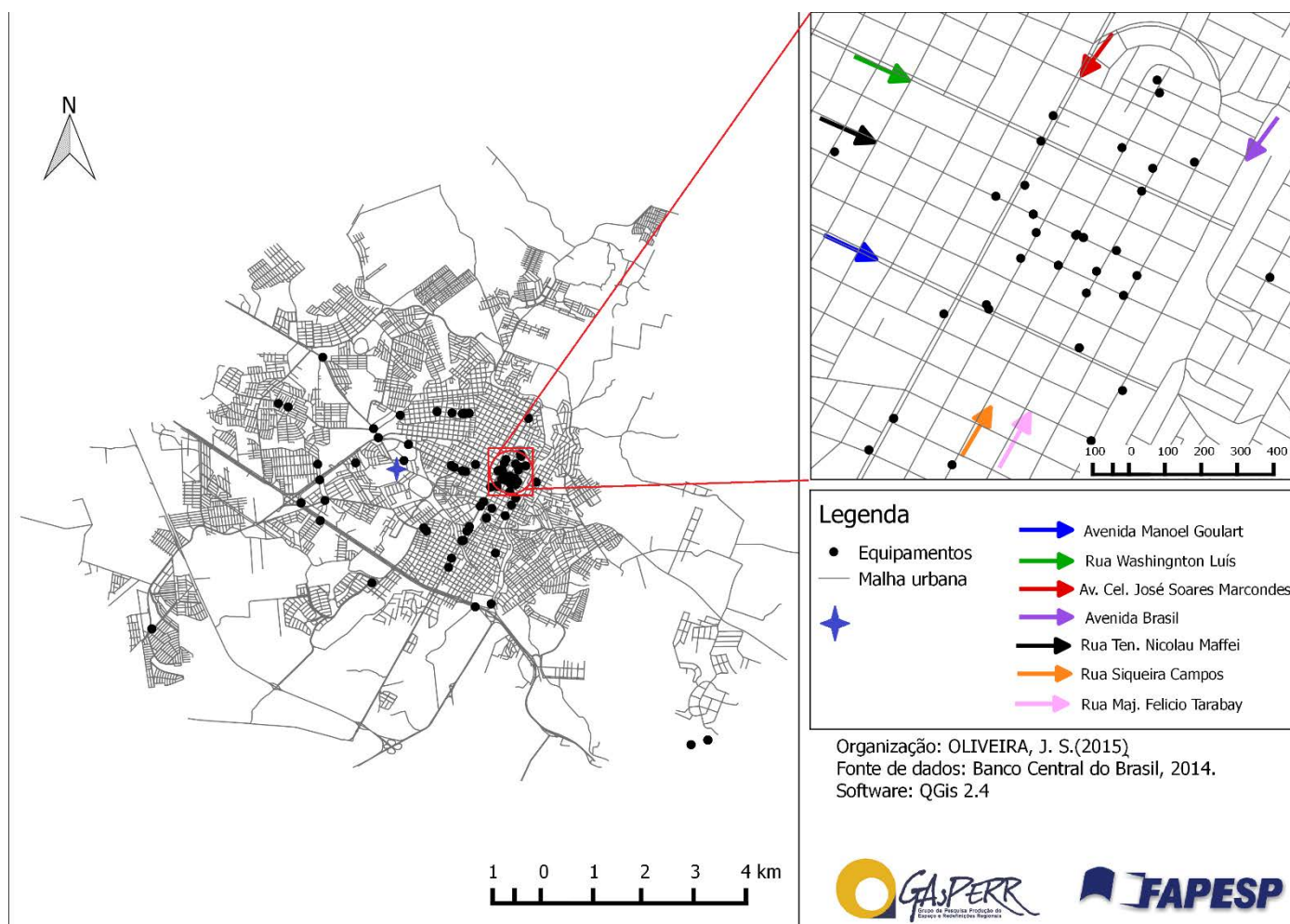
Já em São José do Rio Preto também há maior concentração de equipamentos no centro da cidade, destaque para Rua Bernardino Campos e Rua Voluntários de São Paulo, e imediações, Avenidas Bady Bassit e Alberto Andaló, mas também se consolidaram áreas de concentração fora do centro principal, com destaque para Avenidas Brigadeiro Faria Lima, no setor sul da cidade, e Avenida Mirassolândia, setor norte.

Mapa 16 - Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Síntese da evolução do sistema bancário nos cinco períodos em análise, a partir de polígonos que representam a área aproximada de localização dos estabelecimentos bancários. 1920 a 2013



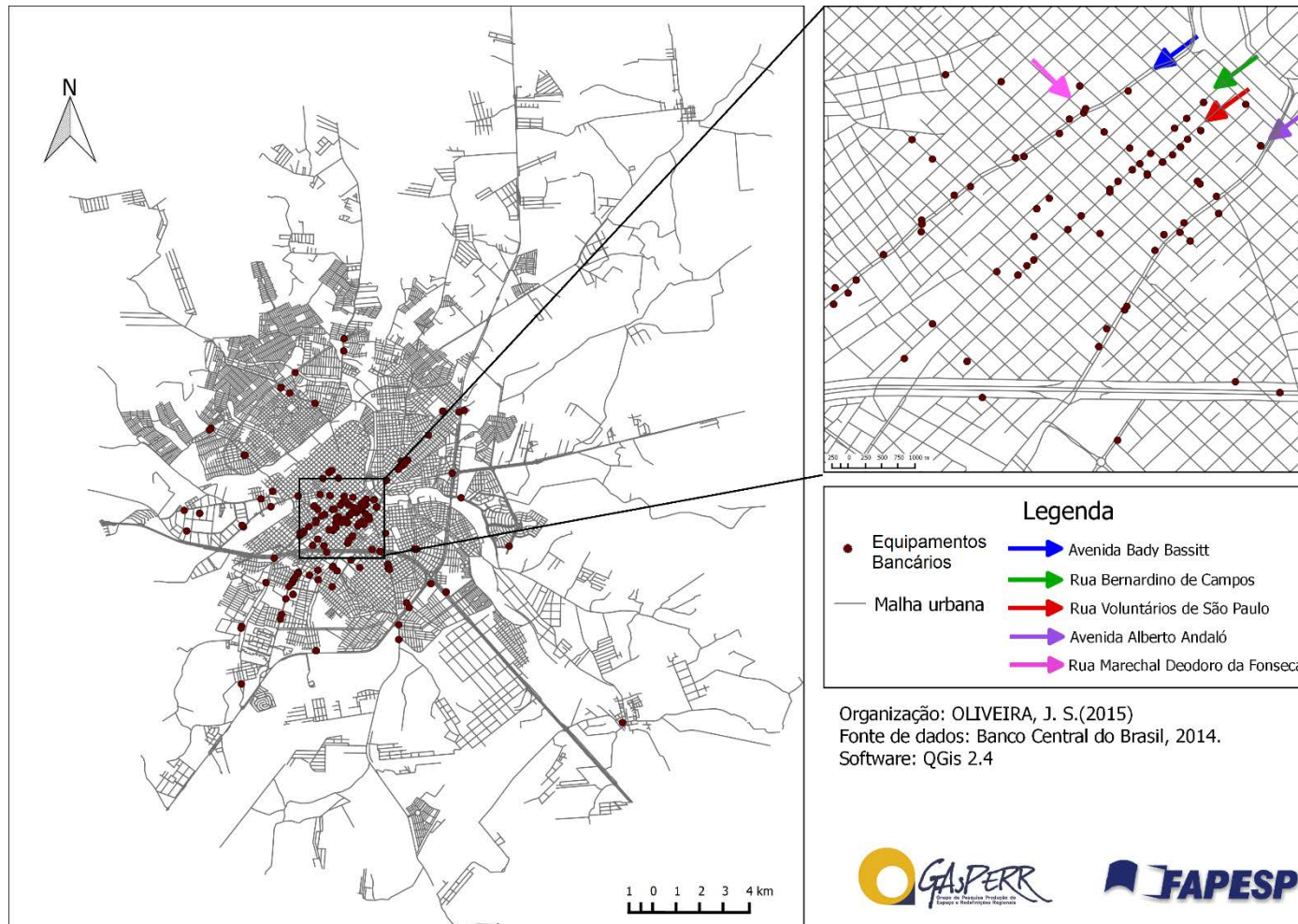


Mapa 17 – Presidente Prudente. Distribuição atual dos estabelecimentos bancários, 2014.



Nota: pode haver sobreposições de pontos por conta da proximidade de localização entre equipamentos bancários

Mapa 18 – São José do Rio Preto. Distribuição atual dos estabelecimentos bancários, 2014.



Nota: pode haver sobreposições de pontos por conta da proximidade de localização entre equipamentos bancário

Em suma, todos os elementos discutidos colocam-nos frente a duas faces de um processo contraditório em que, de um lado, a maior parte dos bancos continua a se concentrar e preponderar nas melhores localizações do centro e, de outro lado, procura novas localizações que possibilitem atender extratos sociais de maior poder aquisitivo e alcançar novos fluxos de pessoas que se direcionam para as novas áreas de concentração de comércio e serviços. Geram, com estas novas tendências locacionais, concomitantemente, novas áreas que exercem centralidade bancária na cidade, contribuindo, ao mesmo tempo, para o reforço da centralidade do centro tradicional da cidade e também de novas áreas e eixos, passando a engendrar múltiplas centralidades em Presidente Prudente e São José do Rio Preto, o que faz parte da passagem da uma forma de organização espacial monocêntrica para a policêntrica.

Um último aspecto a ser considerado diz respeito à centralidade bancária exercida pelas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto em suas respectivas regiões de influência, já que o crescimento da rede bancária nestas cidades gerou rebatimentos importantes à medida que o oferecimento de serviços bancários e a alta concentração destes nas cidades, passa a reforçar a atração de fluxos de sua área de influência regional.

Como poderá ser visto a seguir, segundo dados da REGIC (2010), as cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto são classificadas, respectivamente, com nível de centralidade cinco e quatro em relação ao oferecimento de serviços bancários (Figura 6), isso quer dizer que esses centros contam com a presença da maior parte dos bancos nacionais, e exercem influência importante em sua região próxima através do oferecimento desses serviços, contudo, São José do Rio Preto possui maior centralidade bancária por possuir, além da maciça presença de instituições bancárias nacionais, presença de importantes instituições financeiras internacionais, além de possuir número superior de unidades e de polarizar um maior número de municípios em sua área de influência.

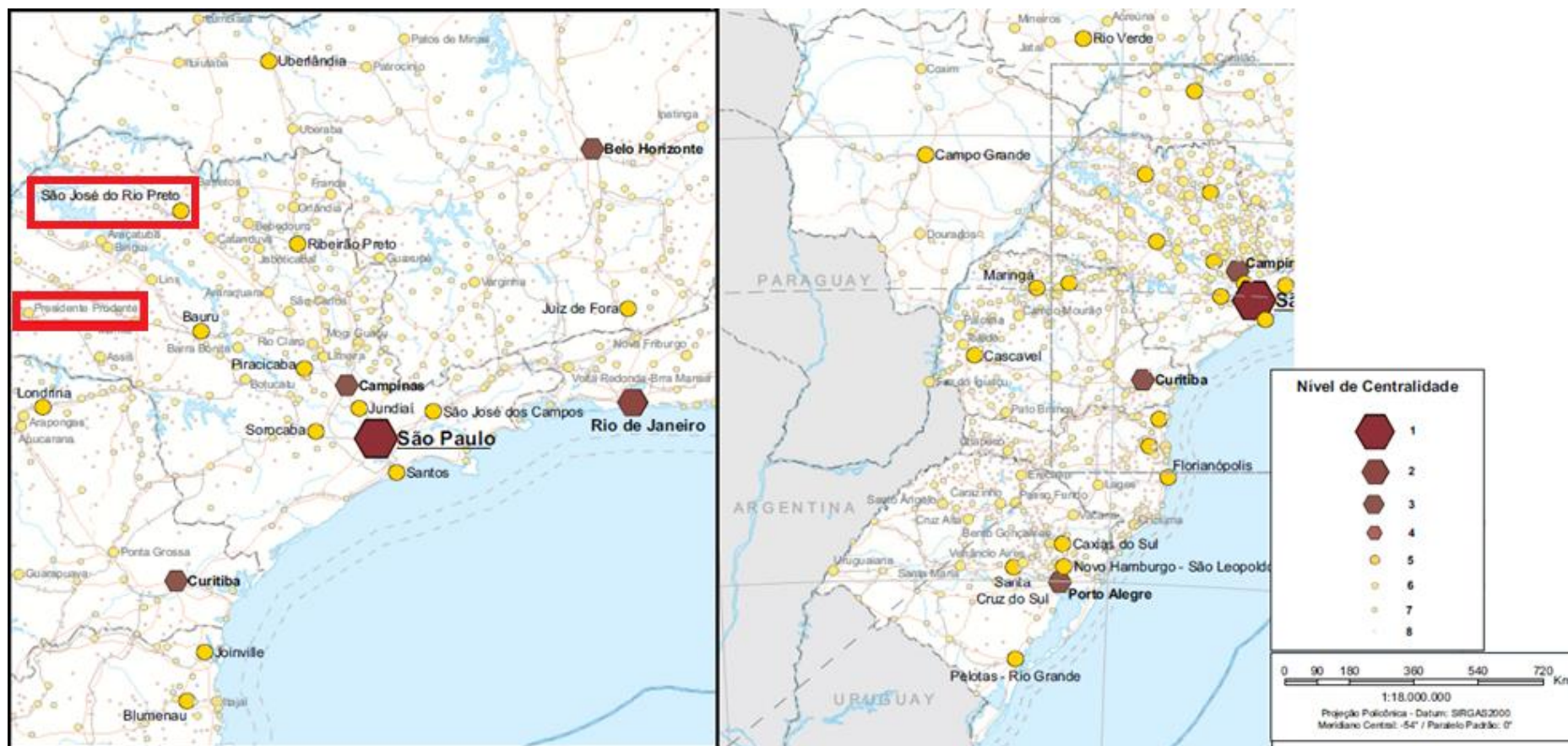
Ainda, como podemos ver nos gráficos 13 a 16, a representatividade dessas cidades com relação ao número de equipamentos bancários, se comparados à de suas regiões de influência, é enorme, dado que as cidades que conformam essas regiões são muito pouco servidas de equipamentos bancários. Além disso, é notável que a presença de caixas eletrônicos e postos de atendimentos é maior do que a de agências bancárias, o que demonstra que essas cidades não têm acesso a um amplo oferecimento de serviços bancários, Estes, de fato, só são encontrados nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, o que reforça a dependência regional com relação a esse tipo de serviços<sup>4</sup> e, quanto a isto, Sposito destaca que:

---

<sup>4</sup> Lembramos que não levamos em conta neste trabalho, por não fazer parte de seus objetivos, a atuação dos correspondentes bancários nestas cidades.

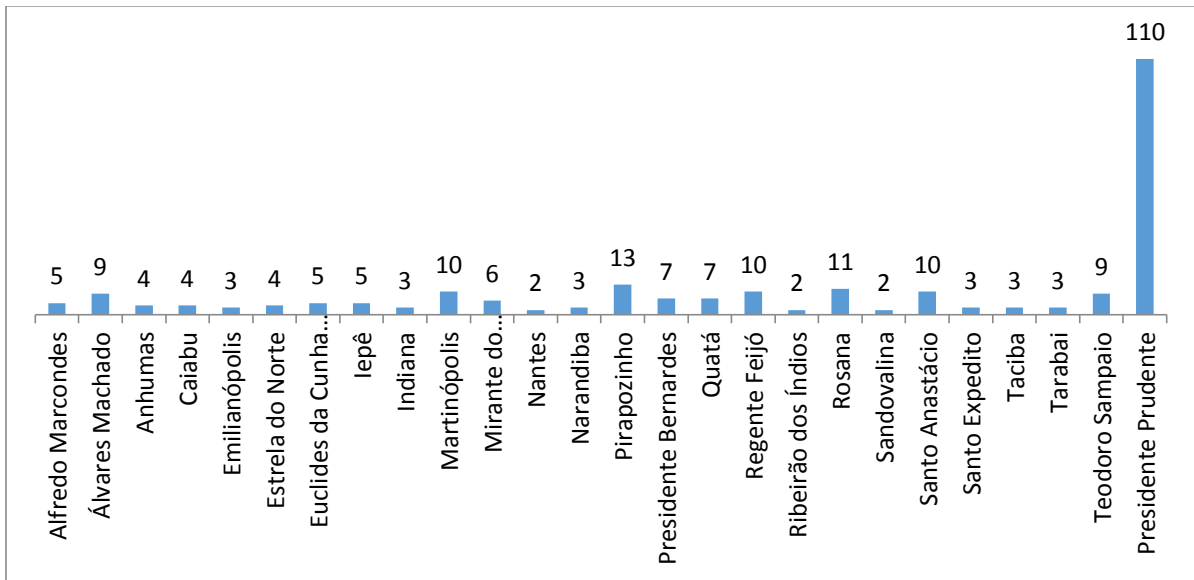
“A presença de agências bancárias, no caso brasileiro, quando se trata de cidades médias, têm significado importante em termos de reforço da animação da área central. Desde a denominada ‘reengenharia do sistema bancário’, que vem acontecendo desde 1990, muitas cidades pequenas tiveram agências bancárias fechadas. Isso fortaleceu os vínculos entre essas cidades maiores, em todas as regiões do país.” (SPOSITO 2012, p. 54)

Figura 7 - Presidente Prudente e São José do Rio Preto. Nível de centralidade bancária segundo estudo da REGIC, 2010.



Fonte: REGIC, 2010.  
Adaptação: OLIVEIRA, J.

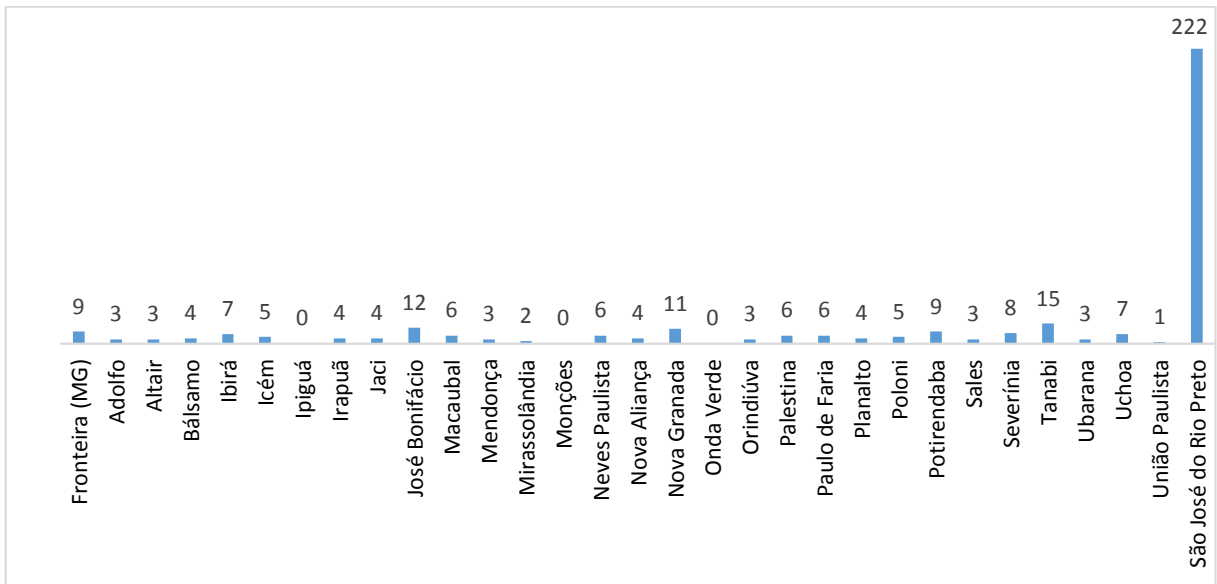
Gráfico 13 - Presidente Prudente. Distribuição de equipamentos bancários na região de influência da cidade. 2014.



Fonte: Banco central, 2014.  
Elaborado por: Juliana Santos de Oliveira.

Nota metodológica: as cidades foram elencadas a partir dos dados de região de influência da REGIC (2010).

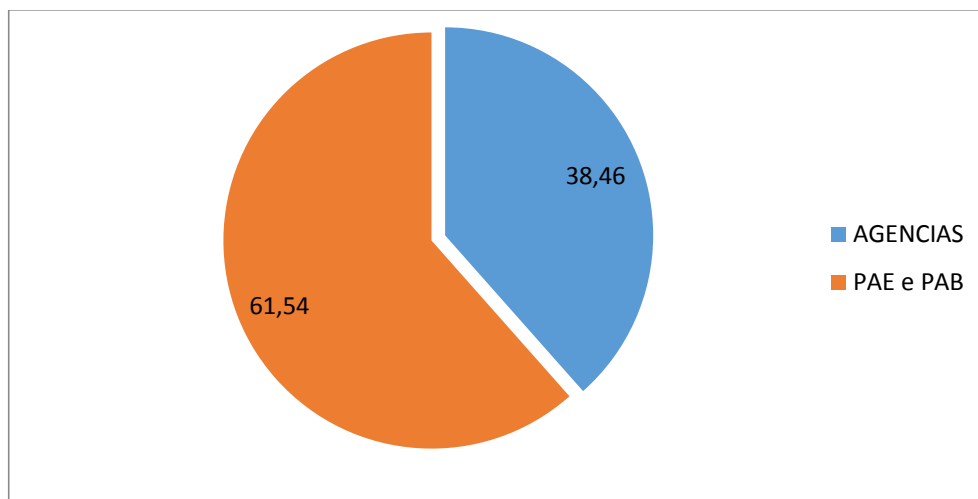
Gráfico 14- São José do Rio Preto. Distribuição de equipamentos bancários na região de influência da cidade. 2014.



Fonte: Banco central, 2014.  
Elaborado por: Juliana Santos de Oliveira.

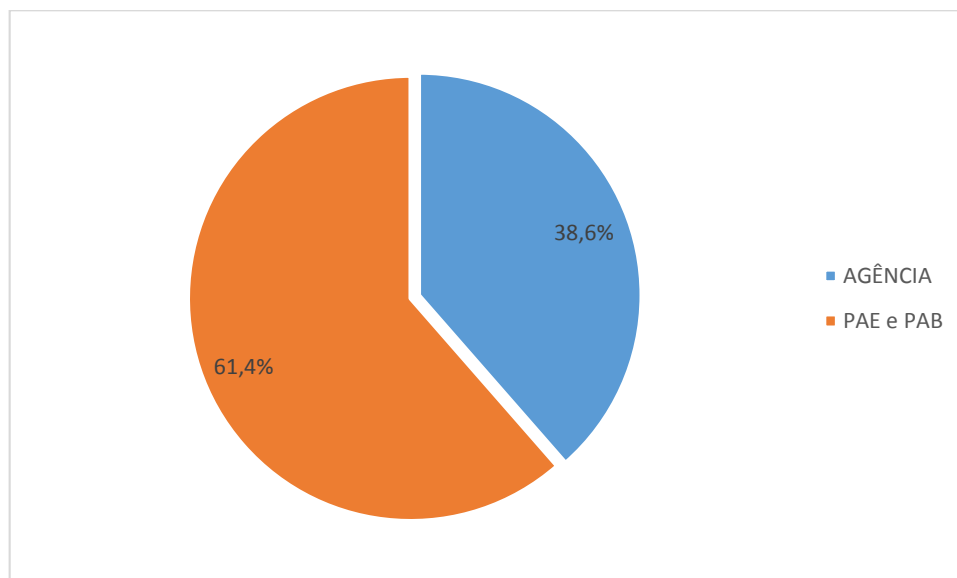
Nota metodológica: as cidades foram elencadas a partir dos dados de região de influência da REGIC (2010).

Gráfico 15 – Presidente Prudente. Percentual de agências e Postos de atendimento (PAE e PAB) nos municípios da região de influência, 2014.



Fonte: Banco central, 2014.

Gráfico 16 – São José do Rio Preto. Percentual de agências e Postos de atendimento (PAE e PAB) nos municípios da região de influência, 2014.



Fonte: Banco central, 2014.

Em suma, através da apresentação dos dados sobre localização e evolução da rede bancária nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, é possível compreender como as lógicas mais gerais de localização, organização e reestruturação do sistema bancário rebateram na organização espacial na rede urbana e na cidade. Mais que isso, ficou evidente como as dinâmicas de produção do espaço urbano e das cidades também determinaram a forma de organização da firma bancária no espaço das cidades.

É possível encontrar um ponto analítico de intersecção de duas escalas diferentes que determinam as lógicas de organização do sistema bancário, ou seja, mostrando que este sistema se organiza segundo diferentes níveis hierárquicos de decisão que, em seu conjunto, determinam formas de organização e de atuação espacial segundo lógicas notoriamente multiescalares.

## **5. OS EFEITOS ESPACIAIS DAS LÓGICAS DOS BANCOS EM CIDADES MÉDIAS: DISCUTINDO OS CONCEITOS DE DIFERENCIAÇÃO E FRAGMENTAÇÃO SOCIOESPACIAIS E PRÁTICAS ESPACIAIS DOS CIDADINOS NO PANORAMA ATUAL.**

Neste capítulo, buscaremos desenvolver discussões sobre os processos de segmentação e fragmentação socioespaciais, para analisar como eles têm rebatimentos na estruturação das cidades e nas práticas espaciais dos indivíduos, tentando compreender como as lógicas espaciais dos bancos, nas cidades em estudo, contribuem para a manutenção e/ou reforço de tais processos. Para entender como estas dinâmicas redundam em redefinição das práticas espaciais dos cidadãos, apresentaremos análises sobre as áreas de concentração de estabelecimento bancários voltados a diferentes grupos socioeconômicos, verificando, assim, as relações entre práticas espaciais e uso de serviços bancários nestas diferentes áreas de concentração de equipamentos.

Nesse sentido, abordaremos, primeiramente, o conceito de diferenciação espacial, dado que este é um dos condicionantes do processo, cada vez mais acentuado, de fragmentação socioespacial nas cidades brasileiras, estando, a diferenciação espacial, segundo Corrêa (2007), na raiz do processo de fragmentação urbana (CORRÊA, 2007), que é um conceito relativamente novo se comparado aquele, que se encontra no âmago da Geografia e ao longo do percurso de desenvolvimento desta ciência tem sido abordado sob diferentes perspectivas, “[...] como na perspectiva sistemática da Geografia e na perspectiva regional, respectivamente referenciadas às variações espaciais de fenômenos sociais e diferenciação de áreas.” (CORRÊA, 2007, p.62). Este autor afirma que a diferenciação socioespacial sempre existiu, sendo um processo necessário e inevitável, já que é resultado da ação humana durante todo o desenvolvimento da sua história,

No passado, até o final da metade do século XIX, as principais diferenças socioespaciais resultavam da força de organizações sócio-culturais fortemente enraizadas territorialmente e do pequeno desenvolvimento de



forças produtivas que o capitalismo iria criar e difundir a partir da segunda metade do século XIX.” (CORRÊA, 2007, p.63)

Entretanto, a partir da segunda metade do século XIX, o capital industrial e financeiro, simultaneamente, passou a construir novas interações espaciais em toda a superfície terrestre, estabelecendo instáveis articulações que se refletiram em diferentes escalas geográficas, dentre elas a da rede urbana e do espaço urbano, sendo que essas duas escalas apresentam diferenciações socioespaciais distintas, contudo, complementares e articuladas entre si. Assim “Objetos e ações que ocorrem em uma das escalas estão relacionados a objetos e ações que ocorrem na outra” (CORRÊA, 2007, p.64), desta forma, processos que ocorrem na escala da rede urbana podem afetar a vida econômica, social e política na escala das cidades.

Seguindo o raciocínio, na escala da rede urbana, a diferenciação socioespacial manifesta-se através da diferenciação funcional dos diferentes centros urbanos, ou seja, na hierarquia da rede urbana, assim como, em termo de tamanhos de cidades. Corrêa ainda reforça que,

As interações espaciais, curtas e/ou a longa distância, com distintos direcionamentos, frequência e natureza dos bens e serviços, constituem outro elemento que se reporta à inserção de cada cidade na divisão territorial do trabalho. Ou em outra leitura, reporta-se à qualificação de cada centro da rede urbana ou de toda a rede, como parte integrante de múltiplos e complexos ciclos de reprodução do capital. (CORRÊA, 2007, p. 27).

Já na escala da cidade, a diferenciação se manifesta na existência de lugares centrais hierarquizados e centros especializados, assim,

[...] a diferenciação sócio-espacial traduz-se, de um lado, na divisão econômica do espaço e, de outro, na divisão social do espaço (...) Contudo, ambas estão fortemente articuladas entre si, tendendo a apresentar interdependência entre si. (CORRÊA, 2007, p. 27).

Assim, do ponto de vista da organização espacial do setor bancário, como vimos, a diferenciação espacial na escala da rede urbana ocorre na medida em que certas cidades dispõem, proporcionalmente, de mais estabelecimentos bancários que outras, propiciando, que exerçam maior centralidade bancária que outras, estabelecendo uma rede bancária com diferentes densidades, tanto do ponto de vista estadual, no caso do Estado de São Paulo, como do ponto de vista nacional, estabelecendo assim uma

seletividade espacial que distingue as diferentes cidades a partir do acesso, ou do não acesso, aos serviços bancários. Daremos foco, neste capítulo, à diferenciação econômica do espaço intraurbano, a fim de compreender como esse processo contribui para a reestruturação da cidade de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, já que,

A divisão econômica do espaço caracteriza-se por padrões de uso do solo definidores do núcleo central de negócios, de setores da zona periférica do centro, de centros resultantes do desdobramento do núcleo central de negócios, de áreas e eixos comerciais espontâneos ou planejados, (...) entre outros usos.” (CORRÊA, 2007, p. 28)

Como destacado pelo autor supracitado, mecanismos de competição por áreas e localizações mais rentáveis, economias de aglomeração, entre outras dinâmicas, são responsáveis pela diferenciação socioespacial de natureza econômica na cidade (CORRÊA, 2007). Este é o caso do sistema bancário que, tradicionalmente, se concentra nas áreas mais estratégicas da cidade, como no centro principal e nos principais eixos comerciais, a fim de realizar uma reprodução ótima de seu capital. Além disso, é possível compreender que há uma interdependência entre a divisão econômica do espaço e a divisão social do espaço, razão pela qual se pode dizer que há uma forte articulação entre as áreas onde se localizam bancos, fábricas e lojas, e as áreas sociais, onde se realiza o consumo (CORRÊA, 2007). Desta forma, “Áreas de produção e de reprodução estão fortemente articuladas.” (CORRÊA, 2007, p.29), sendo um exemplo claro dessa dinâmica a lógica de localização dos equipamentos bancários, que tem, cada vez mais, buscado se instalar em áreas residenciais, sobretudo, onde se encontra a população de maior poder aquisitivo.

Contudo, a diferenciação socioespacial, como já citado, está na raiz de outros processos espaciais que se revelam na cidade, dentre eles, o de fragmentação socioespacial, que, segundo Salgueiro (2001),

[...] refere-se ao processo que “explode territórios com regionalismos e regionalizações de toda a ordem” (SOUZA, 1994:25) produzindo uma nova especialização do espaço no quadro do novo regime de acumulação em que “o sistema produtivo se fratura dando origem a um mosaico de territórios diferenciados.” (BENKO, 1996:30).” (SALGUEIRO, 2001, p.116)

Para a autora, o reforço do processo de fragmentação está diretamente relacionado à reestruturação produtiva ocorrida na transição para o regime de acumulação flexível, que muda a divisão territorial do trabalho, gerando uma fragmentação dos territórios, que passa a acentuar as desigualdades em termos econômicos e sociais (SALGUEIRO, 2001). Portanto, por meio dessa nova divisão espacial do trabalho, fruto de uma reestruturação produtiva, as cidades têm se tornado espaços cada vez mais segmentados, sobretudo do ponto de vista do uso do solo urbano, como denota a divisão das cidades em áreas de comércio e serviços, industriais, residenciais, etc., e, nesse sentido, o surgimento dos *shopping centers* e de novos subcentros, contribuem para que haja fragmentação socioespacial nas cidades, sobretudo na medida em que se compõem centralidades novas que atraem fluxos, não só de diferentes áreas da cidade, mas também de outras cidades, conformando espaços que, muitas vezes, atendem a públicos e camadas sociais diferentes, como no caso dos *shopping centers*, que são “[...] ambientes em que prevalecem grandes capitais nacionais e internacionais, representados pelas franquias e pelas marcas que se globalizam, assim, esses espaços tornam-se fragmentos da cidade, para onde apenas alguns grupos sociais se deslocam e onde há um convívio seletivo e um acesso parcial, que não representa o conjunto da cidade” (GOES e SPOSITO, 2014, p.6), Goes e Sposito ainda destacam que,

A superação do centro principal como o lugar de todos, como continente de práticas econômicas, políticas e sociais, em que as diferenças se defrontam, dificulta a compreensão da cidade como totalidade, sempre relativa, mas capaz de favorecer, em algum nível, identidades territoriais ou de pertencimento a um dado espaço urbano. (GOES e SPOSITO, 2014, p.15).

Neste sentido, podemos dizer que as lógicas espaciais do sistema bancário reforçam esse processo sob dois aspectos, o primeiro diz respeito ao deslocamento espacial de agências, que antes se concentravam no centro, e a instalação de novos equipamentos bancários nas novas áreas comerciais, reforçando sua centralidade.

Por outro lado, os bancos têm buscado, cada vez mais, criar produtos financeiros e agências de atendimento exclusivo, como as denominadas ‘Estilo’ (Banco do Brasil), ‘Prime’ (Bradesco), ‘Select’ (Santander), dentre outras, a fim de atender a um público com faixa de renda mais elevada, pois os bancos têm buscado migrar para áreas onde vive essa população de maior poder aquisitivo, sobretudo sob a forma de caixas eletrônicos, mesmo que não haja muita presença de estabelecimentos de comércio e serviços, o que

reforça, de forma preponderante, a fragmentação na cidade à medida que cria novos locais de atendimento e áreas cada vez mais exclusivas para a população com maiores rendimentos e em áreas residenciais de alto padrão, em detrimento da população de mais baixa renda e que vive nos setores mais periféricos da cidade e/ou menos dotados de meios adequados à vida urbana.

Somado a isso, também é possível compreender o processo de fragmentação sob o ponto de vista simbólico e da subjetividade dos cidadãos, que se manifesta por meio das práticas espaciais, que conduzem a vida urbana (GOES E SPOSITO, 2014, p.15), ou seja, cada vez mais as pessoas são condicionadas a viver, circular e consumir de forma fragmentada, ou seja, em áreas específicas da cidade e que não possibilitam apreender o conjunto de seus significados e suas dinâmicas, ou aqueles elementos da estrutura urbana que teriam significado para o conjunto de seus moradores, sobretudo, tendo em vista a redefinição de papéis do centro principal, antes espaço de consumo comum a todos os cidadãos.

Assim, como destacado pelas autoras supracitadas, a segmentação das formas de produção e uso do espaço e do tempo urbanos, em sua radicalização, possibilita-nos reconhecer a segregação, relativa ao uso residencial da cidade, e o processo mais contemporâneo e abrangente, porque abarca também os espaços de consumo, que é o de fragmentação socioespacial (GOES E SPOSITO, 2014).

Desta forma, podemos concluir que “[...] novas formas de produção do espaço urbano com tendência à fragmentação socioespacial, geram novas práticas espaciais. Essas práticas espaciais alteram os conteúdos dos espaços públicos e as suas representações.” (GOES E SPOSITO, 2014, p.1), assim, as diferenças socioespaciais também são resultado da acumulação de inúmeras formas de interação espacial, tanto na escala da cidade quanto na da rede urbana, e esse acúmulo é o resultado de processos e práticas espaciais (CORRÊA, 2007). Assim, segundo Corrêa,

As práticas espaciais constituem ações especialmente localizadas, engendradas por agentes sociais concretos, visando a objetivar seus projetos específicos. Constituem ações individuais, não necessariamente sistemáticas e regulares, caracterizadas por uma escala temporal limitada. (CORRÊA, 2007, p.68)

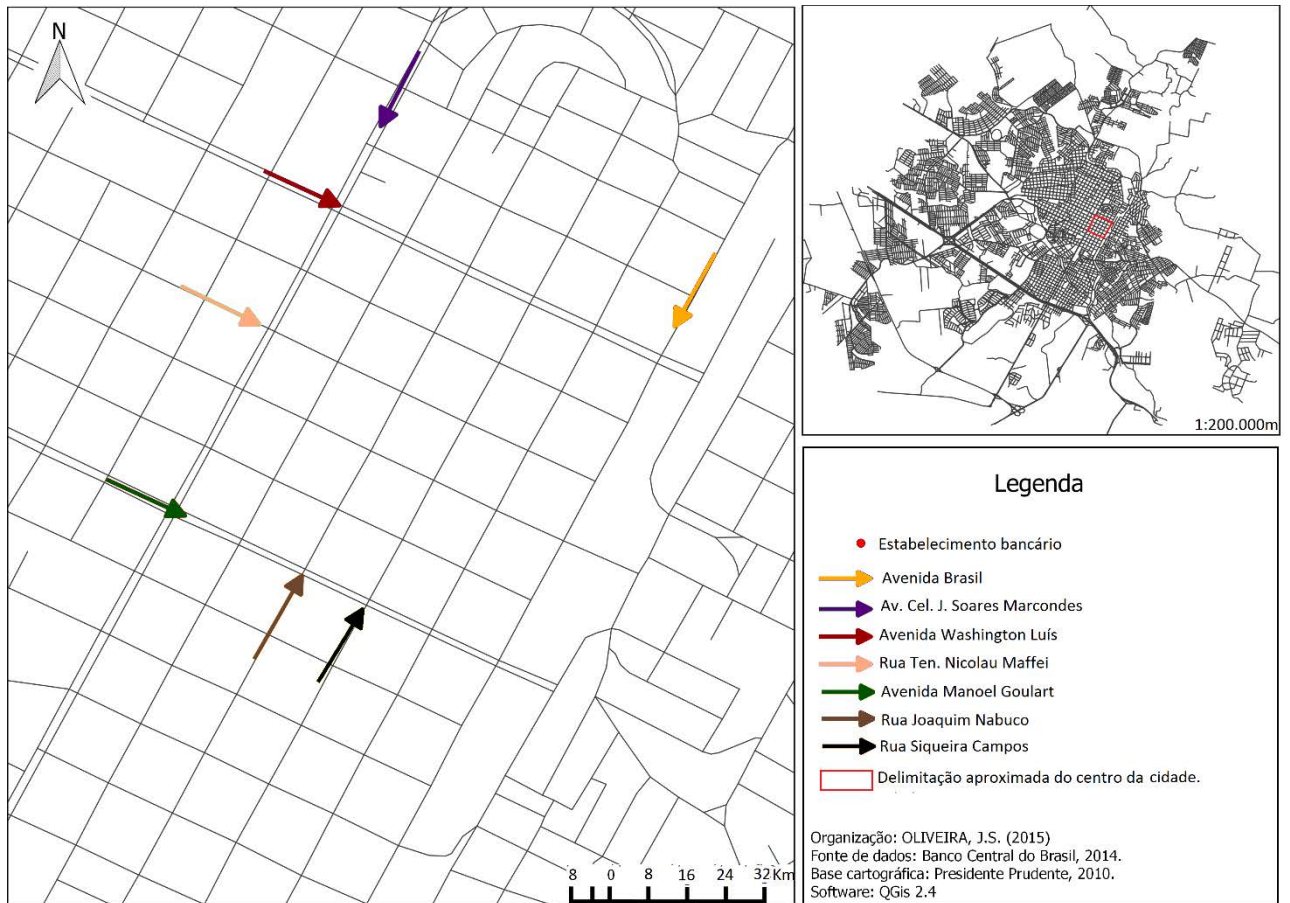
Desta forma, também, a partir das práticas espaciais, a diferenciação socioespacial pode ser mantida, alterada ou até podem ser anunciadas novas tendências. Neste sentido,

Goes e Sposito afirmam que é na microescala do cotidiano que se expressam os medos e necessidades individuais, manifestando-se através das práticas espaciais, sendo que, “Nessas cidades [*ciudades médias*], o distanciamento crescente entre os cidadãos pauta-se numa relação dinâmica e contraditória entre homogeneidade e diferenciação, que aponta na direção de um, processo de fragmentação socioespacial.” (GOES e SPOSITO, 2014, p.1).

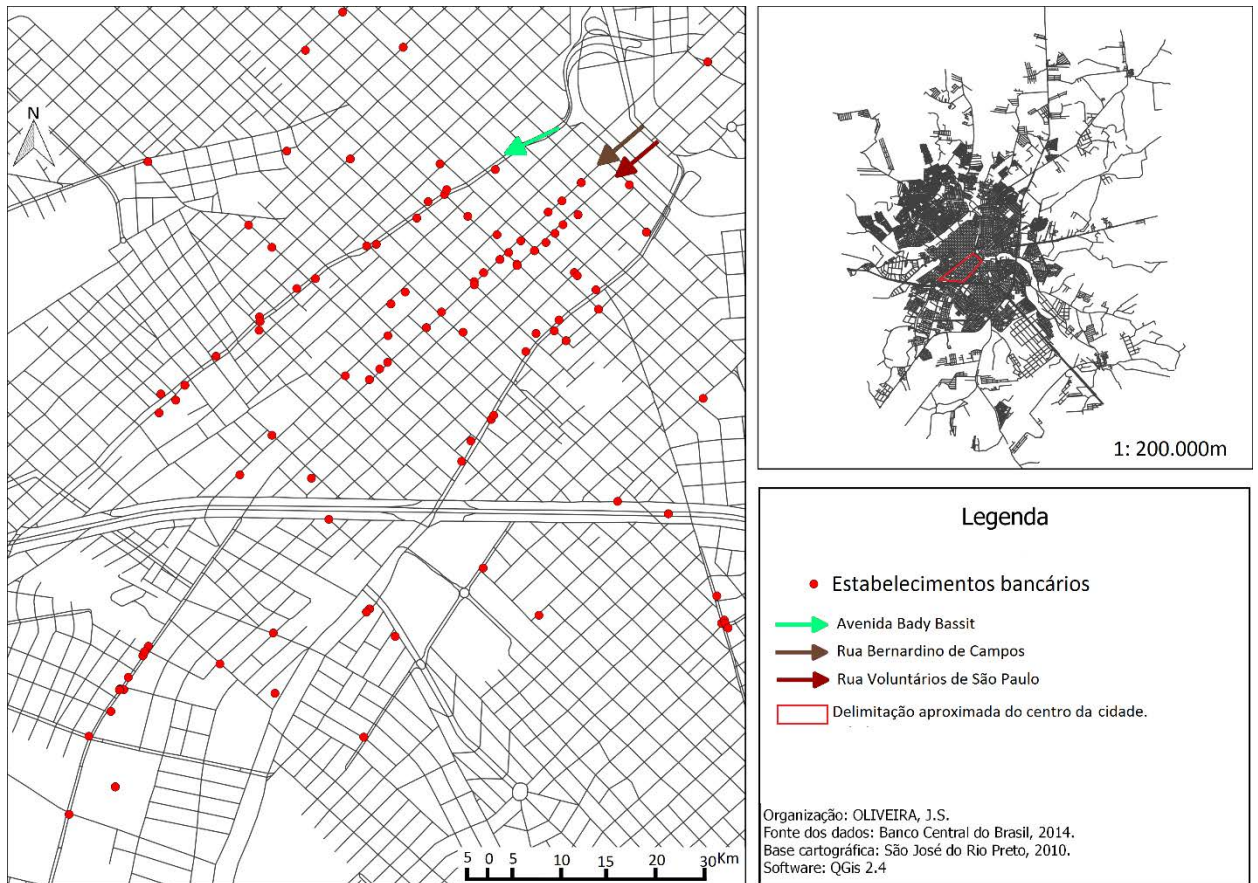
Considerando que as lógicas de localização dos equipamentos bancários e as práticas espaciais cotidianas que estão interligadas ao uso desses serviços, reforçam esse processo de fragmentação nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, apresentamos alguns dados que nos possibilitem fazer uma análise mais aprofundada da contribuição das lógicas espaciais dos bancos para o processo de fragmentação espacial e para as práticas espaciais dos cidadãos.

Para tanto, realizamos uma análise conjunta da importância da centralidade bancária no reforço dos fluxos de pessoas em diferentes áreas das cidades, buscando compreender como a tal centralidade varia ao longo do dia e como as práticas espaciais dos cidadãos se desenvolvem a partir dessas diferentes centralidades. Para tanto, teremos como subsídio às análises os resultados de observações de campo e de aplicação de enquetes no centro principal das duas cidades (Mapas 19 e 20) estudadas e em áreas de concentração bancária fora do centro, buscando compreender as diferenças no nível de centralidade exercida e também nas práticas espaciais dos usuários de bancos nestas duas áreas.

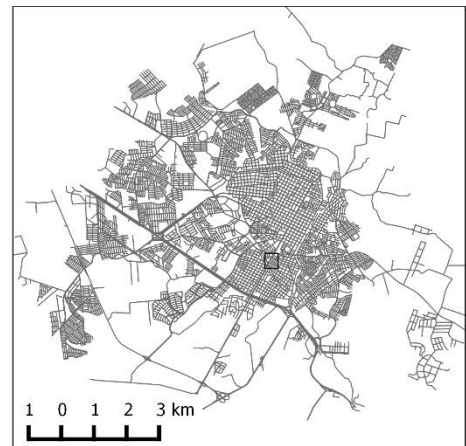
Mapa 19 - Presidente Prudente. Localização do centro e das principais vias de concentração de bancos nesta área, 2014.



Mapa 20 - São José do Rio Preto. Localização do centro e das principais vias de concentração de bancos nesta área, 2014.



Mapa 21 - Presidente Prudente. Área de concentração de equipamentos bancários na Av. Cel. José Soares Marcondes, 2014.



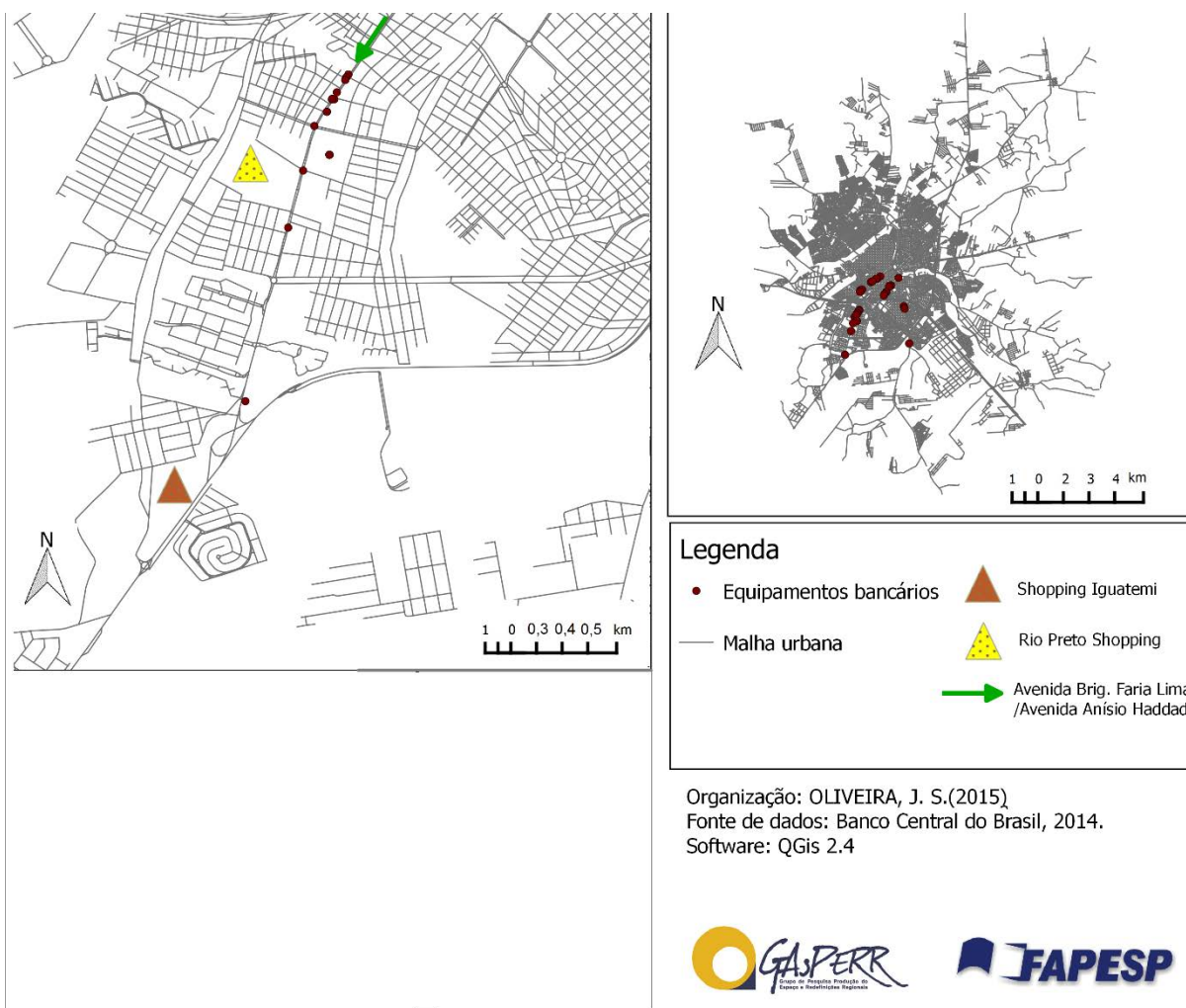
- Estabelecimentos bancários
- Malha urbana
- Av. Cel. José Soares Marcondes
- ▭ Área de concentração de equipamentos bancários

Organização: OLIVEIRA, J. S. (2015)  
Fonte de dados: Banco Central do Brasil, 2014.  
Software: QGis 2.4





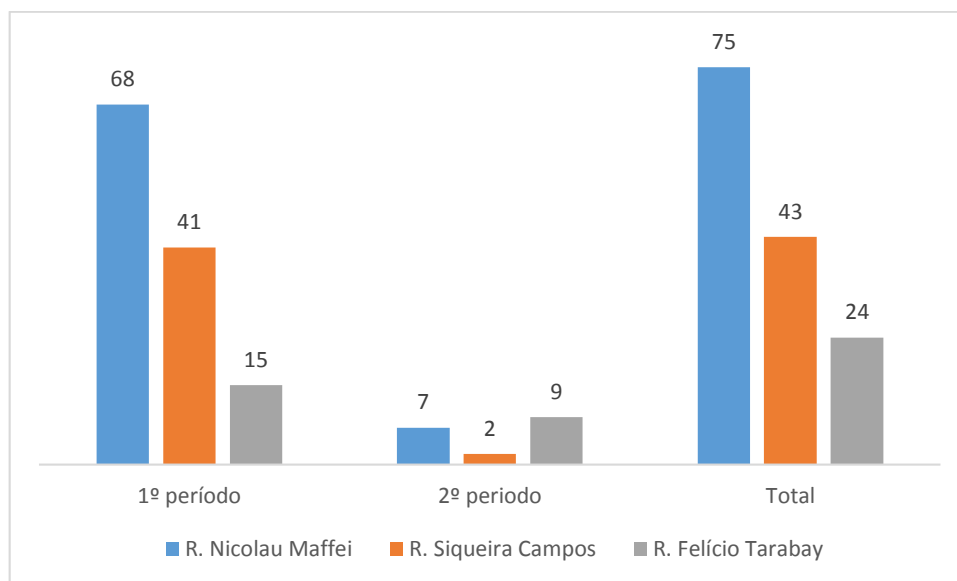
Mapa 22 - São José do Rio Preto. Área de concentração de equipamentos bancários na Av. Brig. Faria Lima, 2014.



Assim, como poderemos notar nos Gráficos 17 e 18, há variações importantes nos níveis de centralidade bancária dos centros tradicionais das cidades ao longo do dia e também em relação às áreas de concentração de bancos fora do centro tradicional elencadas para este trabalho: Av. Coronel José Soares Marcondes, em Presidente Prudente, e Av. Brigadeiro Faria Lima, em São José do Rio Preto, sendo importante destacar que estas áreas se consolidaram, respectivamente, na década de 2000 com a abertura de mais de 20 equipamentos<sup>5</sup> (Mapa 21), e na década de 1990, com a abertura de 12 equipamentos (Mapa 22).

<sup>5</sup> Considera-se abertura de novos equipamentos tanto agências como caixas eletrônicos, que inclusive encontram-se no interior das agências.

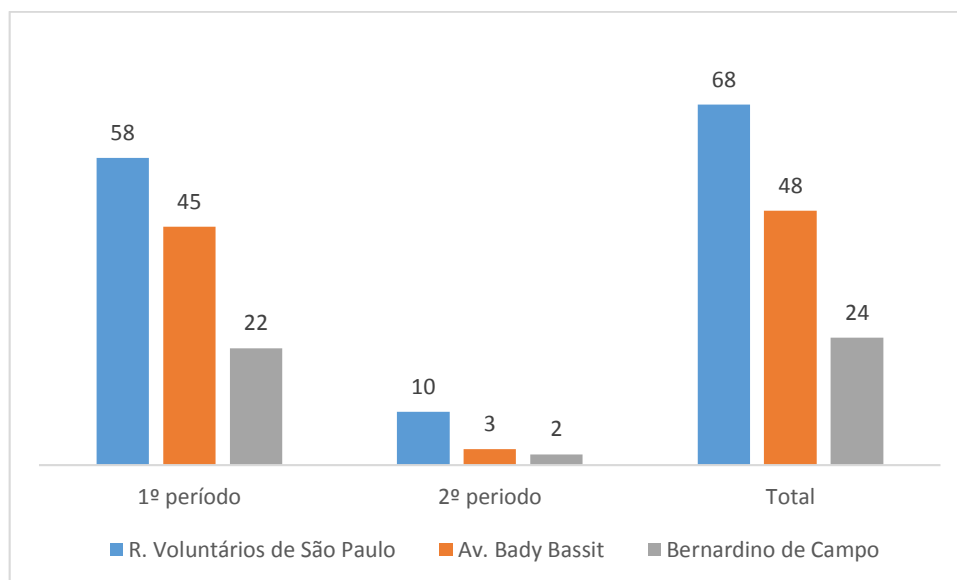
Gráfico 17 - Presidente Prudente. Fluxo de usuários de bancos nas principais vias de concentração de bancos do centro da cidade, 2014.



Fonte: Trabalho de campo, 2014.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

Gráfico 18 - São José do Rio Preto. Fluxo de usuários de bancos nas principais vias de concentração de bancos do centro da cidade, 2015.



Fonte: Trabalho de campo, 2015.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

Assim, com relação ao nível de centralidade das áreas destacadas, a mensuração dos fluxos de usuários foi feita em dois períodos distintos, o primeiro (durante o horário comercial) correspondendo ao período em que as agências bancárias estão em

funcionamento e durante o horário de funcionamento do comércio, e o segundo (após do horário comercial) correspondendo ao período em que as agências bancárias estão fechadas assim como a maior parte do comércio. Essa metodologia foi elaborada visando estabelecer comparações entre os fluxos de usuários nos dois períodos elencados para cada área de estudo, sobretudo considerando o reforço da centralidade a partir dos serviços oferecidos durante o funcionamento das agências e, também, a relação estreita entre a localização dos bancos e de outras atividades de comércio e serviços. Por outro lado, a partir da metodologia buscamos estabelecer relações entre a presença bancária nos centros das cidades e nas áreas com concentração de bancos fora destes centros, buscando compreender as variações de fluxos de usuários ao longo do dia nas duas áreas de estudo.

Como pudemos observar nos mapas anteriores, os centros tradicionais das cidades em estudo apresentam grande concentração de estabelecimentos bancários, sendo que estes estabelecimentos atraem importantes fluxos de pessoas ao longo do dia, conformado uma importante centralidade bancária no centro principal das cidades em estudo, sendo que, do ponto de vista da atratividade, destacando-se como principais vias, no caso de Presidente Prudente, a Rua Nicolau Maffei, com um fluxo total<sup>6</sup> de 75 usuários; a Rua Siqueira Campos contanto com contingente total de 43 usuários; e a Rua Felício Tarabay com fluxo de 24 usuários, e, no caso de São José do Rio Preto, destacam-se as vias Voluntários de São Paulo, com total de 68 usuários, Avenida Bady Bassit com fluxo total de 48 usuários e Rua Bernardino Campos com 24 usuários.

Contudo, as variações nos fluxos de usuários de bancos não aparecem apenas entre as vias concentradoras de bancos, mas, principalmente, esta variação se dá ao longo do dia, sendo que: - no primeiro período elencado para as observações de campo, na cidade de Presidente Prudente (Gráfico 17), as vias Rua Nicolau Maffei, Rua Siqueira Campos e Rua Felício Tarabay apresentaram, respectivamente, fluxos máximos<sup>7</sup> de 68, 41 e 15 usuários; - no segundo período, apresentaram fluxos máximos de 7, 2 e 9 usuários respectivamente, portanto, houve um total de fluxos de 124 usuários no primeiro período e de apenas 18 no segundo, assim, entre os dois períodos, observa-se uma queda no fluxo de usuários na ordem de 85%.

---

<sup>6</sup> O fluxo total foi calculado a partir da soma dos fluxos máximos das respectivas vias, adquiridos a partir da contagem dos usuários das agências, durante os dois períodos elencados para observação de campo (10 minutos de contagem).

<sup>7</sup> O fluxo máximo foi elencando a partir da agência bancária que recebeu o maior fluxo de usuários em 10 minutos de contagem na via em destaque.

A mesma tendência pode ser observada na cidade de São José do Rio Preto (Gráfico 18), inclusive em patamares muito próximos aos observados em Presidente Prudente, já que: - no primeiro período, as vias Rua Voluntários de São Paulo, Avenida Bady Bassit e Rua Bernardino campos apresentaram, respectivamente, fluxos de 58, 45 e 22 usuários; - no segundo período os números foram de 10, 3 e 2 usuários, respectivamente. Desta forma, a queda no fluxo total entre o primeiro, 125 usuários, e o segundo período, 15 usuários, foi da ordem de 88%.

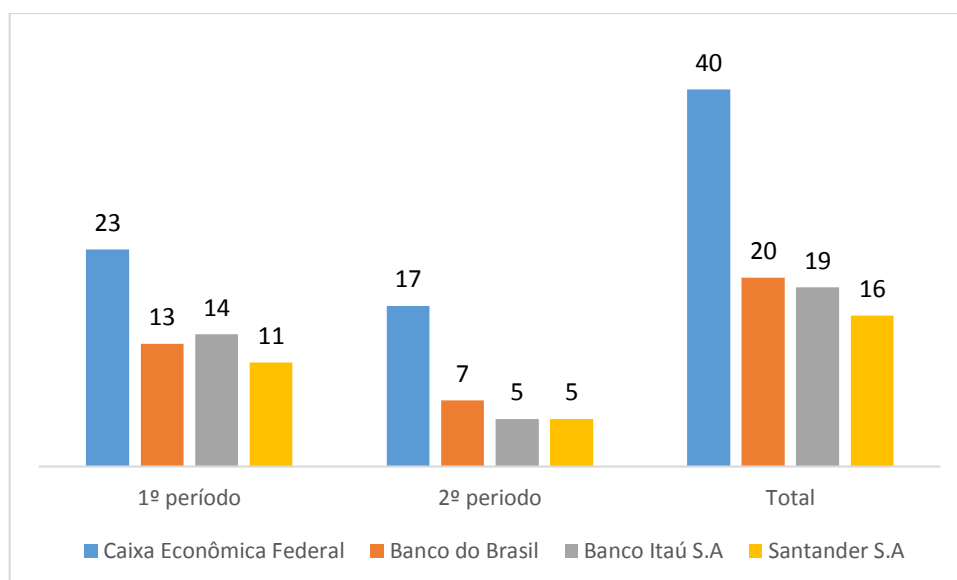
Já, no que se refere às áreas de concentração de estabelecimentos bancários fora do centro tradicional das cidades, também podemos observar variação entre o fluxo de usuários considerando as diferentes instituições e também os diferentes períodos elencados para as observações de campo. Na principal área de concentração de bancos da Avenida Coronel José Soares Marcondes, em Presidente Prudente (Gráfico 19), localizam-se as instituições bancárias: Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil, Banco Itaú S.A e Banco Santander S.A, sendo que estes apresentaram, respectivamente, fluxos totais de 40, 20, 19 e 16 usuários, nos dois períodos em análise.

Por sua vez, a Avenida Brigadeiro Faria Lima, em São José do Rio Preto (Gráfico 10), conta com as instituições bancárias: Santander S.A, Banco do Brasil, Bradesco e Banco Itaú S.A, que apresentaram fluxos totais de usuários na ordem de 24, 22, 21 e 12, respectivamente.

Assim como ocorreu com o centro das cidades, os fluxos de usuários variam em função do tempo também nessas áreas. Na Avenida Coronel José Soares Marcondes (Gráfico 21), os bancos Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil, Banco Itaú S.A e Banco Santander S.A, apresentaram: - no primeiro período, fluxos de usuários na casa dos 23, 13, 14 e 11, respectivamente; - no segundo período, os números caíram para 17, 7, 5 e 5 usuários, computando uma queda, entre os dois períodos, de 44%.

Na Avenida Brigadeiro Faria Lima (Gráfico 22), observou-se a mesma tendência, de forma que: - no primeiro período, as instituições Santander S.A, Banco do Brasil, Bradesco e Banco Itaú S.A apresentaram contagem de usuários, respectivamente, na casa dos 14, 14, 12 e 15; -no segundo período, estes números caem para 10, 8, 9 e 7 usuários, sendo esta queda de 24%.

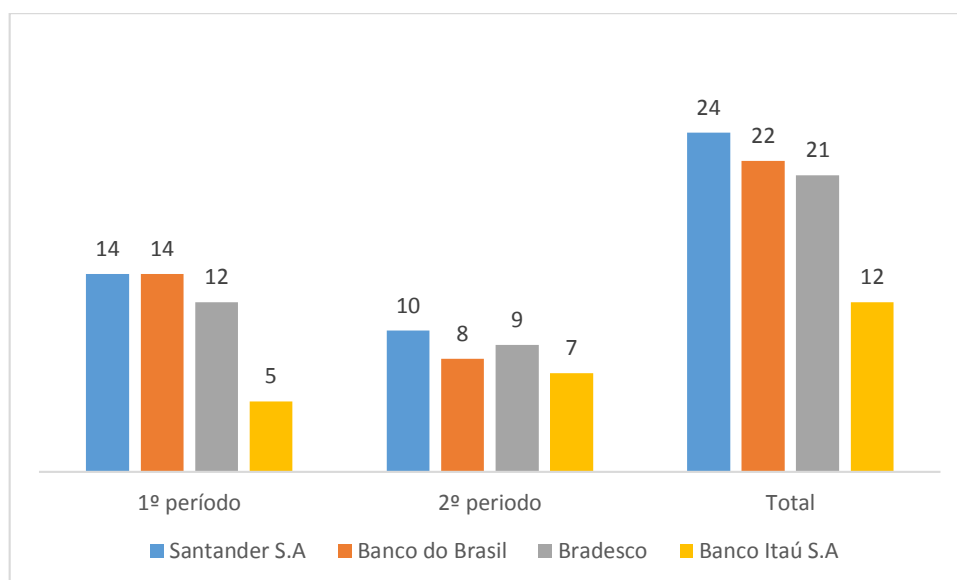
Gráfico 19 - Presidente Prudente. Fluxo de usuários na principal área de concentração de bancos da Avenida Coronel José Soares Marcondes, 2014.



Fonte: Trabalho de campo, 2014.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S

Gráfico 20 - São José do Rio Preto. Fluxo de usuários na principal área de concentração de bancos da Avenida Brigadeiro Faria Lima, 2015.



Fonte: Trabalho de campo, 2015.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

Assim, o que podemos depreender dos fluxos totais de usuários nas áreas de concentração de bancos em análise, tanto no centro quanto fora dele, é que elas exercem importante atratividade de usuários de bancos conformando, assim, importante centralidade bancária, além de serem fundamentais no reforço da centralidade dos centros

principais e das Avenidas Coronel José Soares Marcondes e Brigadeiro Faria, como sugere uma das hipóteses deste trabalho.

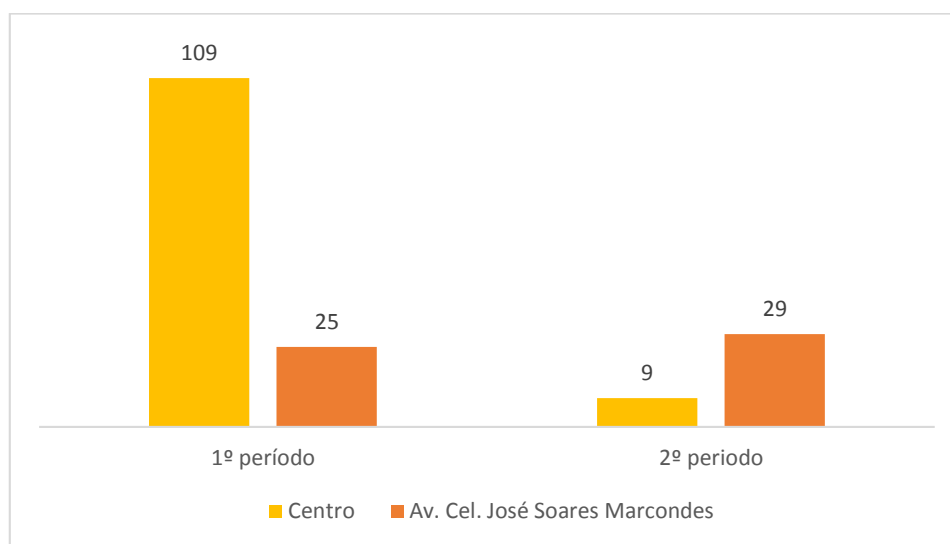
Entretanto, como vimos, a centralidade, como atributo qualitativo das áreas centrais, varia temporalmente e espacialmente, porque ela se realiza e é apreendida pelo movimento das pessoas. Com relação a temporalidade deste fenômeno podemos destacar que a queda no fluxo de usuários entre o primeiro e segundo períodos, tanto para as áreas de concentração de bancos no centro quanto para as vias destacadas fora do centro, deve-se tanto ao funcionamento das agências, dado o oferecimento de serviços bancários que não são encontrados, ou são de difícil acesso para algumas pessoas, nos caixas eletrônicos, como pagamento de contas diversas, consulta à gerência, empréstimos, financiamentos e etc., quanto ao funcionamento das atividades de comércio e serviços, dada a estreita relação entre a utilização de serviços bancários e a realização de outras atividades nas áreas de concentração destes equipamentos, sobretudo no caso do centro, como veremos mais detalhadamente adiante, o que aumenta a atratividade dos serviços bancários durante o primeiro período em relação ao segundo, quando há o fechamento das agências e de grande parte dos estabelecimentos de comércio e serviços.

Por outro lado, no que se refere à dimensão espacial da variação dos fluxos de usuários, nos centros das cidades, podemos destacar que esta diferença se dá por conta do dinamismo próprio a cada via destacadas como de concentração de bancos, sendo que o número de estabelecimentos, variedade de instituições e localização de agências sedes, assim como tipo de comércio existente em cada uma das vias destacadas, são elementos explicativos fundamentais de seu dinamismo e da variação do número de usuários de bancos que as frequentam. Por outro lado, no caso das áreas de concentração de bancos fora do centro, Avenidas Coronel Soares Marcondes e Brigadeiro Faria Lima, pode-se afirmar que a variação de fluxos de usuários nas diferentes agências se dá de acordo com as características próprias a cada uma delas, sobretudo considerando que estão localizadas muito próximas e ao longo de uma mesma via, portanto, o fator fundamental da variação desses fluxos pode relacionar-se diretamente com o número de correntistas de cada uma das agências destacadas.

Contudo, apesar das dinâmicas similares de variação temporal cotidiana do fluxo de usuários de bancos nos centros e nas avenidas destacadas, ou seja, maiores fluxos no primeiro período e menores fluxos no segundo, quando comparamos as duas áreas podemos perceber que, ao longo do dia, elas desempenham atratividade bancária em diferentes níveis. Como podemos observar nos gráficos 21 e 22, os centros das duas

idades apresentam maiores fluxos de usuários durante o primeiro período, sendo que o fluxo total nesta área, na cidade de Presidente Prudente, é 77% maior que na área de concentração de bancos fora do centro e, na cidade de São José do Rio Preto, o centro apresenta fluxo 75% maior do que o observado na área fora do centro. Isto se dá, no primeiro período, por conta da estruturação das atividades terciárias no centro da cidade, que atraem grandes fluxos de pessoas para as diferentes áreas deste centro. Desta forma, podemos identificar uma relação dialética entre as lógicas locacionais do sistema bancário no centro da cidade e a estruturação desse mesmo centro, já que a localização dos bancos acentua a centralidade de certas áreas, como vimos, mas também os fluxos que são capazes de atrair são determinados, em certa medida, pelo entorno, dependendo da maior ou menor concentração de comércio e serviços nas áreas onde são instalados esses equipamentos, dentre outros fatores.

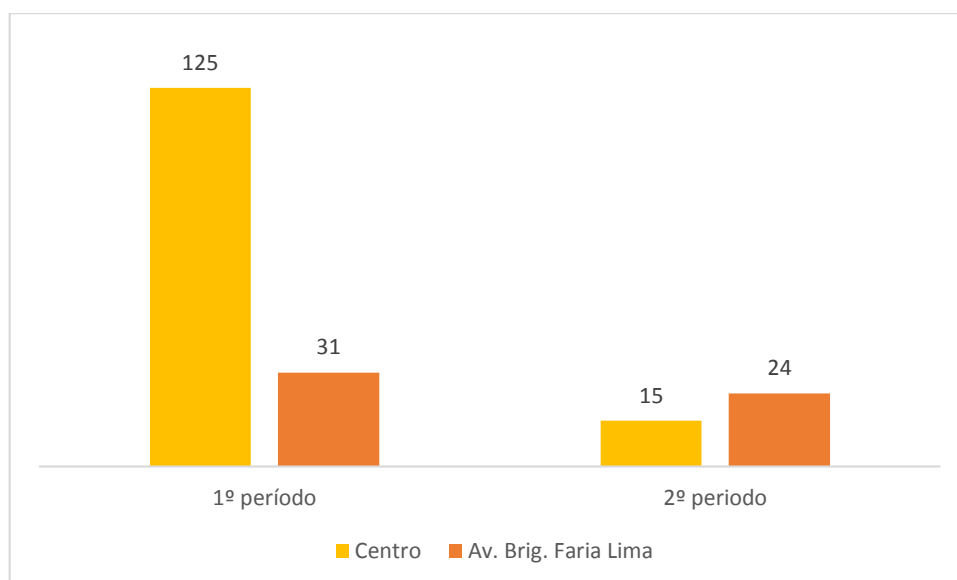
Gráfico 21 - Presidente Prudente. Comparação entre os fluxos de usuários de bancos no centro da cidade e na Av. Coronel José Soares Marcondes, 2014.



Fonte: Trabalho de campo, 2014.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

Gráfico 22 - São José do Rio Preto. Comparação entre os fluxos de usuários de bancos no centro da cidade e na Av. Brigadeiro Faria Lima, 2015.



Fonte: Trabalho de campo, 2015.

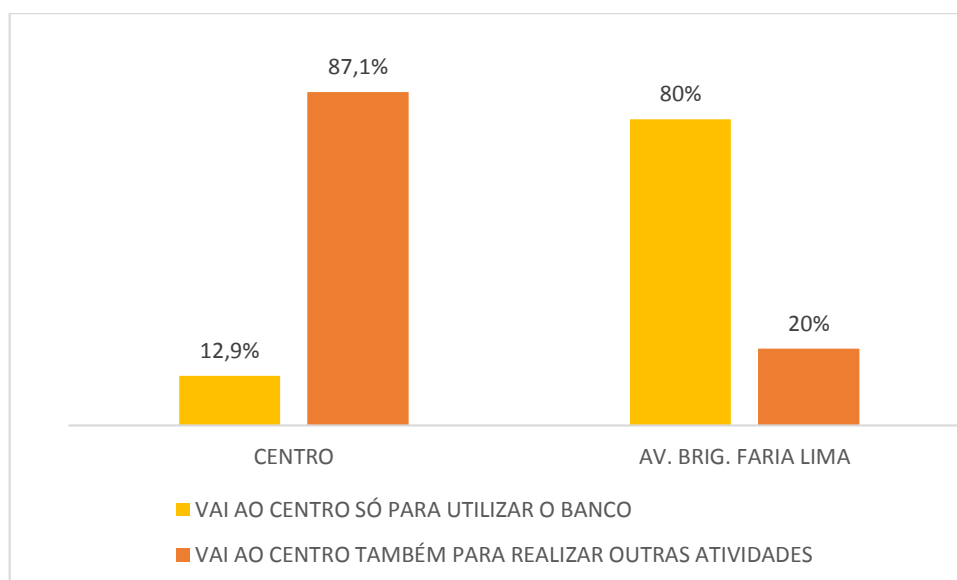
Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

Pelo mesmo motivo, no primeiro período, as áreas de concentração de bancos das avenidas Coronel José Soares Marcondes e Brigadeiro Faria Lima apresentam fluxo de usuários de bancos muito menor, em relação ao centro, por conta da pouca disponibilidade de comércio e serviços nestas áreas, ou seja, gera uma menor atratividade de fluxo de pessoas durante o período comercial. Como poderá ser visto nos gráficos 23 e 24, a maior parte dos usuários de bancos destas áreas, que responderam às enquetes (Apêndice I), deslocam-se apenas para utilizar serviços bancários, ou seja, diferentemente do centro da cidade a disponibilidade de serviços bancários, nestas avenidas, conforma-se como um dos elementos fundamentais de sua centralidade, apontando para um processo de especialização funcional dessas áreas<sup>8</sup> em contraposição aos usuários de bancos no centro da cidade que declararam se deslocar a estas áreas, majoritariamente, também para realizar outras atividades.

<sup>8</sup> A relativização deste processo deve se dar na medida em que a intensiva concentração econômica do setor bancário no país leva à uma diminuição do número de instituições atuantes, portanto, o processo de especialização funcional, a partir do oferecimento de serviços bancários em algumas áreas específicas da cidade, se dá de forma diferente a de outros setores menos concentrados economicamente, como, por exemplo o de serviços de saúde, o que torna a concentração de estabelecimentos bancários mais restrita espacialmente.



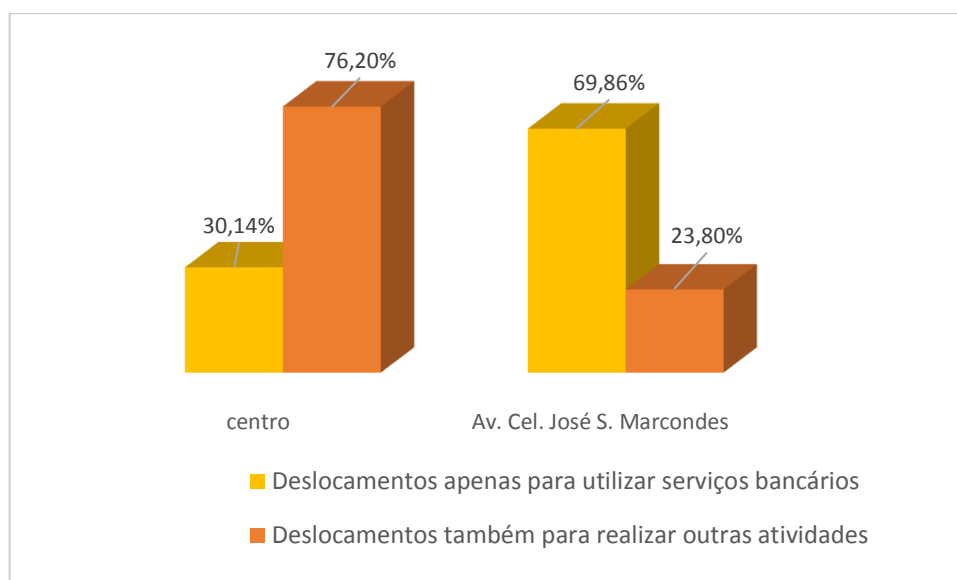
Gráfico 23 – São José do Rio Preto - Propósitos de deslocamento dos usuários de bancos para as duas áreas de concentração de serviços bancários, 2014.



Fonte: Aplicação de Enquetes, 2014.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

Gráfico 24 – Presidente Prudente - Propósitos de deslocamento dos usuários de bancos para as duas áreas de concentração de serviços bancários, 2015.



Fonte: Alplicação de enquetes, 2015.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

Por outro lado, no segundo período, o quadro se inverte, ou seja, os fluxos de usuários nos centros das cidades passam a ser menores que nas áreas de concentração analisadas fora dele. No caso de Presidente Prudente, este fluxo na Avenida Coronel José Soares Marcondes passa a ser 69% maior que no centro da cidade e, na Av. Brigadeiro

Faria Lima em São José do Rio Preto, os fluxos de usuários foram 38% maiores que no centro desta cidade, de forma que esta tendência se deve a vários fatores que se relacionam tanto às dinâmicas do centro, que após o horário comercial, por conta da baixa densidade residencial, sofre um esvaziamento o que aumenta a sensação de insegurança para usuários de bancos, como exposto por alguns usuários durante a aplicação das enquetes, quanto às dinâmicas das avenidas que concentram estabelecimentos fora do centro, sobretudo por constituírem-se como vias estratégicas das cidades, mas também por serem mais movimentadas e estarem mais próximas a áreas residenciais, o que pode aumentar a sensação de segurança destes usuários, mesmo após o período comercial. Assim, para alguns usuários, estas áreas de concentração de bancos fora do centro podem se apresentar como uma alternativa a este, sobretudo, após o horário comercial.

Contudo, para além dos diferentes níveis de centralidade bancária, que variam temporal e espacialmente, nas diferentes áreas em análise, buscaremos, a seguir, destacar aspectos relevantes das práticas espaciais dos usuários de bancos nesses mesmos espaços, colocando em relevo indicadores econômicos desses usuários, formas de deslocamento, motivação para utilização de equipamentos bancários nas diferentes áreas, frequência no uso desses equipamentos, local de origem dos usuários<sup>9</sup>, dentre outros aspectos que consideramos importantes para a análise de práticas espaciais dos cidadãos associadas à utilização de serviços bancários nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto.

Assim, primeiramente destacaremos alguns indicadores socioeconômicos que nos possibilitem diferenciar os diferentes grupos sociais que utilizam serviços bancários nas áreas de concentração em análise, objetivando explicitar como às áreas de concentração de bancos fora do centro estão voltadas para um público de maior poder aquisitivo, sobretudo pela proximidade das áreas residenciais de mais alto padrão, confirmando assim a hipótese de que a lógica espacial policêntrica do setor bancário privilegia as camadas mais abastadas da sociedade em detrimento da população mais pobre, reforçando, assim, o processo de fragmentação socioespacial nas cidades.

Desta maneira, como poderemos ver a seguir, os usuários de bancos no centro da cidade se constituem em um público mais diversificado do ponto de vista socioeconômico, sobretudo no que diz respeito a origem desses usuários que, como poderemos ver nos mapas 23 e 24, advém de diferentes partes da cidade, tanto dos bairros

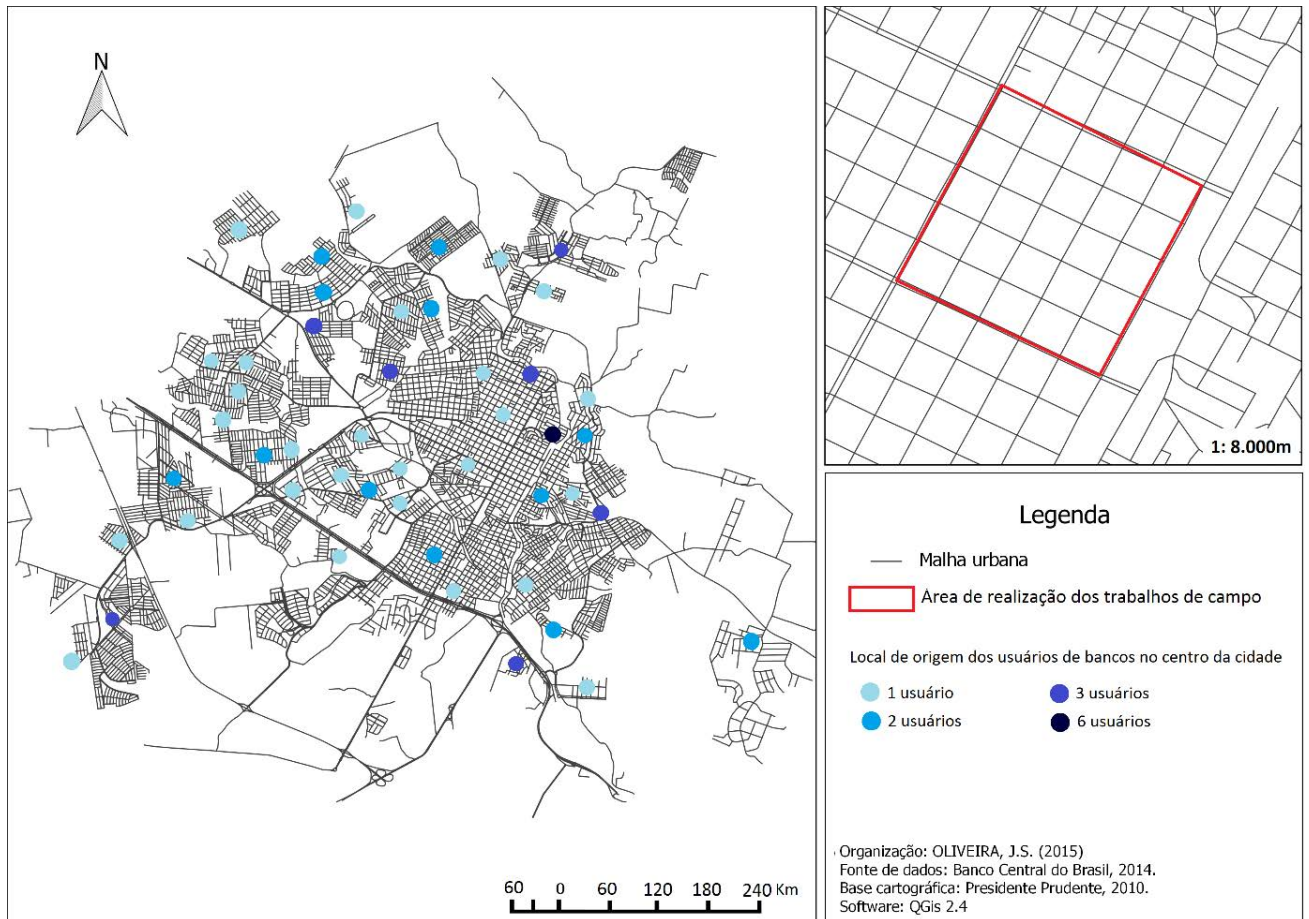
---

<sup>9</sup> A lista detalhada dos bairros de origem dos usuários de bancos no centro das cidades e nas Avenidas Coronel José Soares Marcondes e Brigadeiro Faria Lima encontra-se no Apêndice II.

onde historicamente reside uma população de menor poder aquisitivo, no caso de Presidente Prudente as áreas norte e leste da cidade, destacando-se os bairros C.H. Ana Jacinta, C.H Humberto Salvador, C.H José Rotta, Vila Furquim, dentre outros, e em São José do Rio Preto, no setor norte da cidade, destacando-se os bairros Luz da Esperança, Parque do Sol, Jardim Soraia, Solo Sagrado, dentre outros, quanto onde reside uma população de maior poder aquisitivo, no caso das duas cidades concentradas nos setores sul e em imediações das áreas centrais, sendo que, em Presidente Prudente, destacam-se os bairros Bongiovani, Jardim das Rosas, Residencial São Paulo, Morumbi, Bosque, dentre outros, e em São José do Rio Preto os bairros Redentora, João Paulo II, Vila aeroporto, Jardim Tarraf, Altos das Andorinhas, etc. Contudo, apesar da maior diversidade de usuários, do ponto de vista socioeconômico, os que predominam são os advindos de bairros mais afastados e onde residem as população de menor poder aquisitivo, nas duas cidades em análise.

Já com relação às áreas de concentração de bancos das Avenidas Coronel José Soares Marcondes e Brigadeiro Faria Lima, mapas 24 e 25 podemos observar claramente a proeminência de usuários residentes no setor sul das cidades, ou seja, nos bairros onde reside a população de maior poder aquisitivo das cidades, também com a preponderância de usuários moradores das imediações das vias em destaque, no caso de Presidente Prudente destacam-se os bairros Jardim Bongiovani, Jardim Bela Dária, Vila Maristela e Residencial Dahma, já em São José do Rio Preto destacam-se os bairros Boa Vista, Jardim Morumbi, Tarraf e os residenciais Vivendas, Green Fields e Porto Seguro.

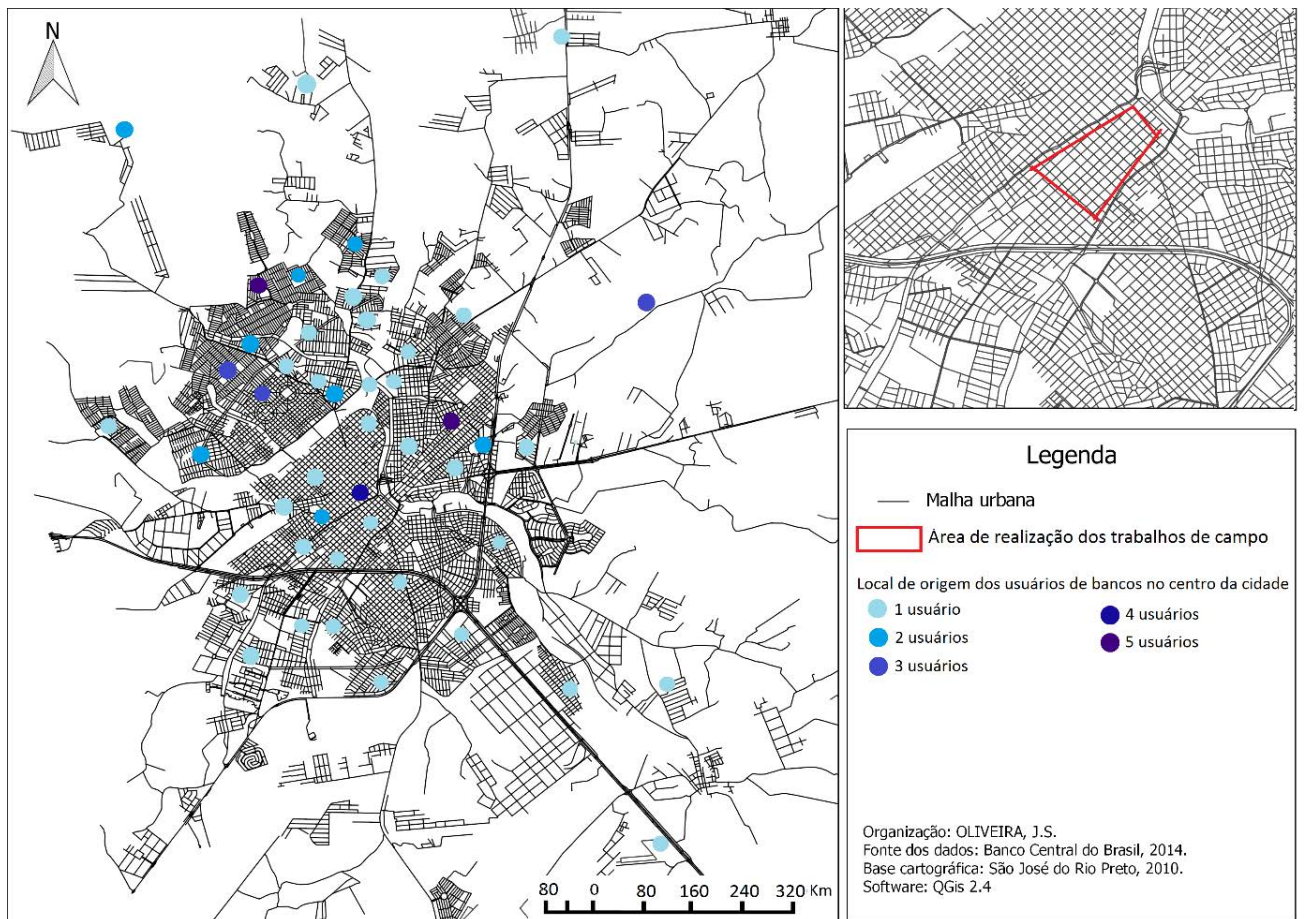
Mapa 23 - Presidente Prudente. Origem espacial dos usuários de bancos no centro da cidade, 2014.



Fonte: Aplicação de enquetes, 2014.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

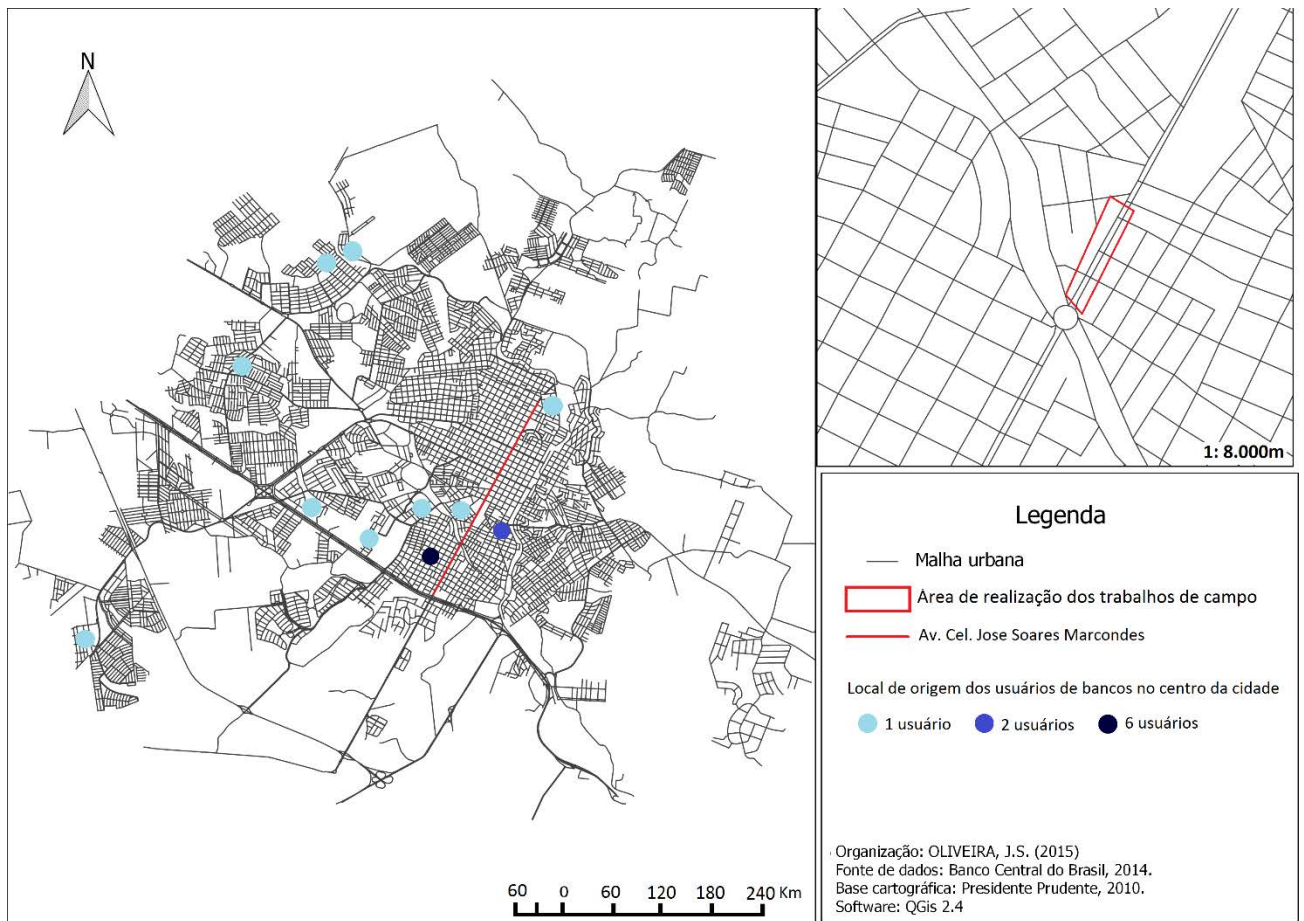
Mapa 24 - São José do Rio Preto. Origem espacial dos usuários de bancos no centro da cidade, 2015.



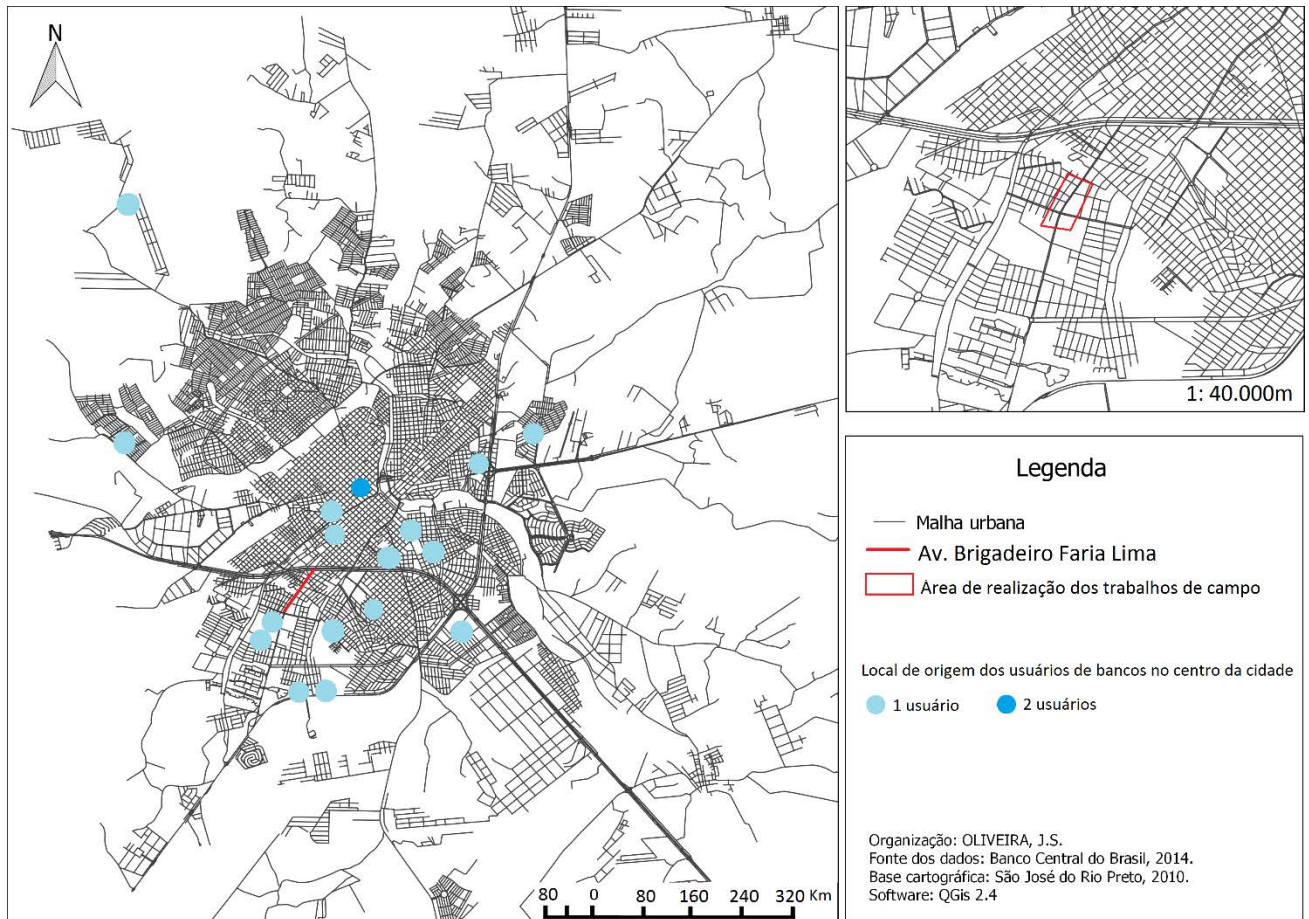
Fonte: Alplicação de enquetes, 2015.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

Mapa 25 - Presidente Prudente. Origem espacial dos usuários de bancos na área de concentração da Av. Coronel José Soares Marcondes, 2015.



Mapa 26 - São José do Rio Preto. Origem espacial dos usuários de bancos na área de concentração da Av. Brigadeiro Faria Lima, 2015.



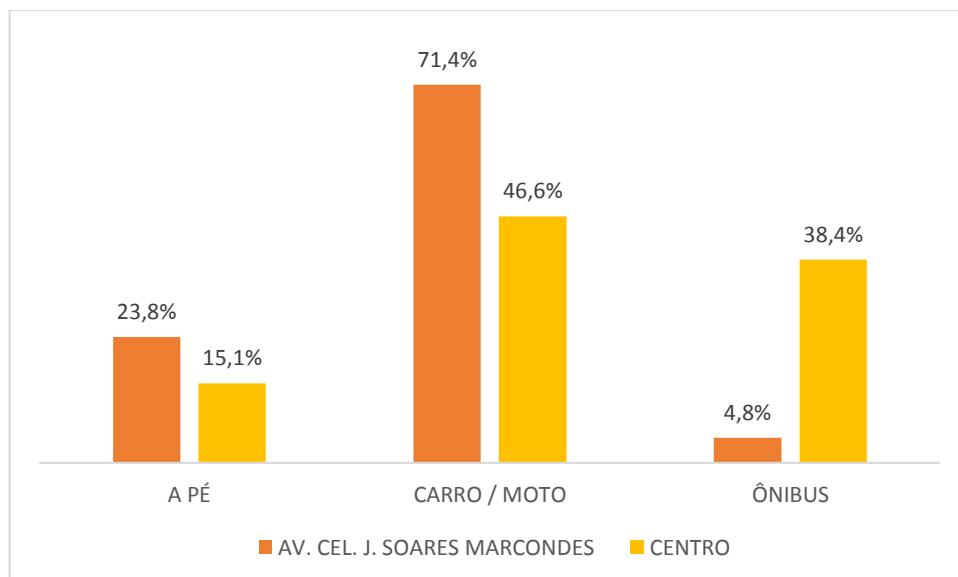
Além disso, a partir das observações de campo e aplicação de enquetes nestas áreas, foi possível identificar que a maioria dos usuários se desloca até os bancos, das Avenidas Coronel José Soares Marcondes e Brigadeiro Faria Lima, por transporte individual, respectivamente, 71,4% e 85%, o que é tanto um indicativo do poder aquisitivo desse público quanto um aspecto diferenciador de suas práticas espaciais, já que o transporte individual possibilita uso diferente do espaço e do tempo pelos cidadãos, sobretudo, em cidades médias, sendo que os bancos instalados nestas áreas reforçam esta tendência, sobretudo na cidade de São José do Rio Preto, a partir da disponibilização de estacionamentos próprio para os usuários dessas agências, portanto, como destaca Sposito(2007),

[...] os centros comerciais e os organismos de gestão pública, voltados progressivamente para os segmentos de alto e médio poder aquisitivo, que têm como meio de deslocamento o automóvel; finalmente, promovendo a autosegregação dos moradores e a fragmentação da cidade, não obedecendo mais à lógica de continuidade da malha urbana, mas direcionando a produção da cidade para áreas escolhidas como

pontos privilegiados e dotados de alta densidade tecnológica e informática. (SPOSITO, 2007, p.220).

Em contraposição os usuários de bancos no centro das cidades têm pouca disponibilidade de áreas de estacionamento, sobretudo gratuitas, o que dificulta a situação dos que se deslocam a partir de veículo individual, além disso, como pode ser observado nos gráficos a seguir, no centro de ambas cidades os usuários de bancos se deslocam, majoritariamente, por transporte coletivo ou a pé, somando, em Presidente Prudente, 53,5% e, em São José do Rio Preto a cifra é ainda maior, sendo que os que se deslocam a pé ou de transporte coletivo somam 64,5%, o que, como afirmado anteriormente, é tanto um indicativo do poder aquisitivo desse público quanto um aspecto diferenciador de suas práticas espaciais, sobretudo considerando a proximidade, no caso das duas cidades, do terminal urbano à área central.

Gráfico 25 - Presidente Prudente. Formas de deslocamento dos usuários nas duas áreas de concentração de bancos, 2014.

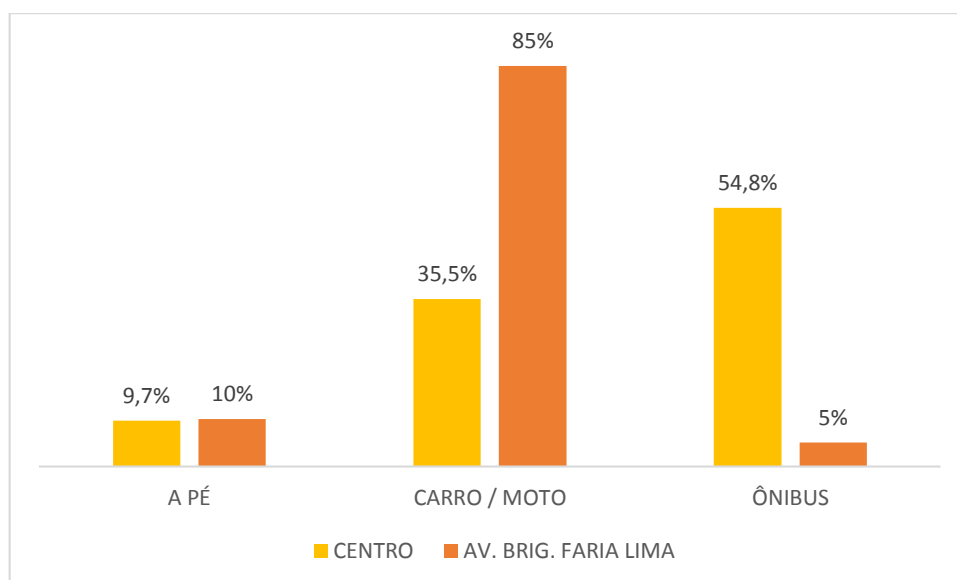


Fonte: Aplicação de enquetes, 2014.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.



Gráfico 26 – São José do Rio Preto. Formas de deslocamento dos usuários nas duas áreas de concentração de bancos, 2014.

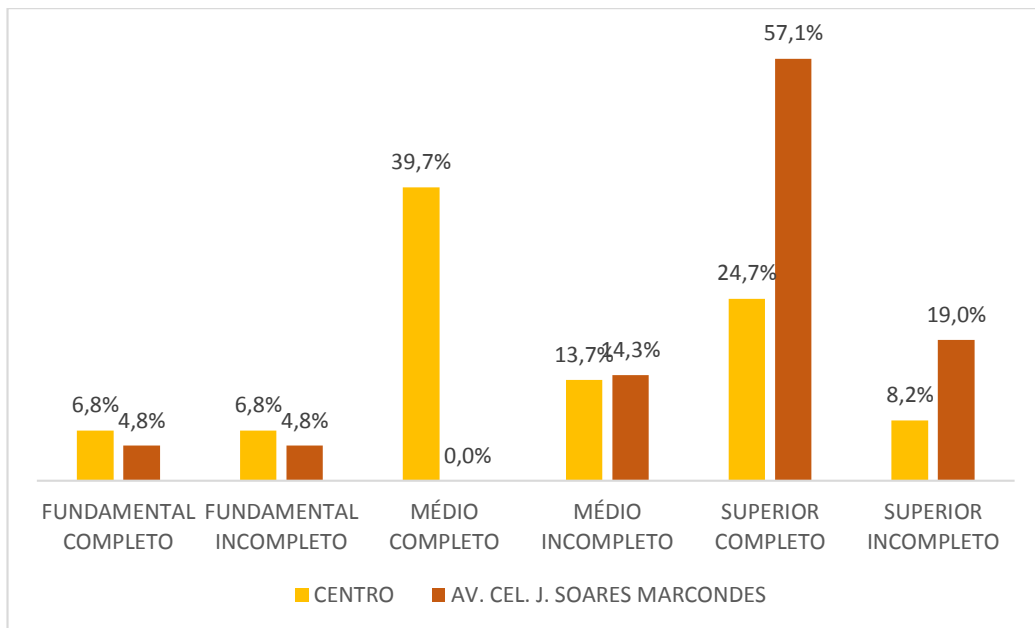


Fonte: Aplicação de enquetes, 2015.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

Um último indicativo socioeconômico dos usuários de bancos nas áreas elencadas refere-se ao nível de escolaridade, sendo que, nas avenidas Coronel José Soares Marcondes e Brigadeiro Faria Lima, os usuários de bancos possuem maior escolarização, sendo que, naquela, 51,1% possuem Ensino Superior Completo e 19% Superior Incompleto, e nessa 45% com Ensino Superior Completo e 10% com Superior Incompleto, em contraposição aos usuários dos centros das cidades, sendo que, no caso de Presidente Prudente, 39,7% possuem Ensino Médio Completo e 24,7% Superior Completo, já em São José do Rio Preto 41,9% possuem Ensino Médio Completo e 32,3% possuem Fundamental Completo, o que é mais um elemento que comprova a seletividade das áreas de concentração de estabelecimentos bancários nas duas cidades.

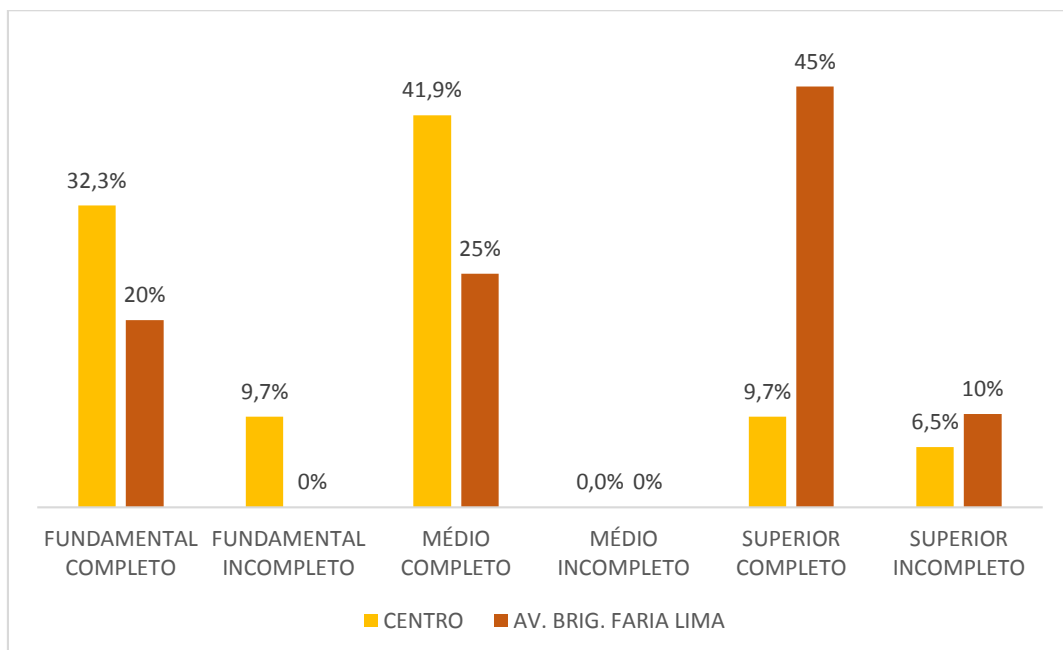
Gráfico 27 - Presidente Prudente. Nível de escolarização dos usuários nas áreas de concentração de bancos, 2014.



Fonte: Aplicação de enquetes, 2014.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

Gráfico 28 - São José do Rio Preto. Nível de escolarização dos usuários nas áreas de concentração de bancos, 2015.



Fonte: Aplicação de enquetes, 2014.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

Um outro aspecto das práticas espaciais abordado nas enquetes aplicadas nas áreas em análise diz respeito à frequência de utilização de serviços bancários pelos usuários, o que também é um importante indicador da centralidade bancária das diferentes áreas em análise, sendo que, no centro das cidades os usuários utilizam bancos com grande frequência, sendo que, em Presidente Prudente 19,4% utiliza bancos mais de uma vez por semana, 16,7% semanalmente e 12,5% diariamente e, em São José do Rio Preto, 48,4% mais de uma vez por semana, 12,9% semanalmente e 25,8% diariamente. Já com relação às avenidas Coronel José Soares Marcondes e Brigadeiro Faria Lima, os usuários de bancos daquela utilizam bancos com frequência similar à dos usuários de bancos no centro, sendo que 9% mais de uma vez por semana, 33,3% semanalmente e 28,6% diariamente, já naquela dos usuários 5% declararam utilizar bancos mais de uma vez por semana, 20% semanalmente e 40% diariamente, contudo, um aspecto importante e particular à respeito dos usuários de bancos na Avenida Brigadeiro Faria Lima diz respeito ao expressivo número de usuários que declararam utilizar bancos apenas esporadicamente, 30%, e um indicador desta tenência, e que foi pontuado por dois entrevistados, refere-se ao uso de serviços bancários pela internet e por telefone, através dos canais digitais, assim, o uso desse tipo de serviço possibilita que os cidadãos realizem a gestão de parte das atividades cotidianas sem ter que se deslocar até os centros tradicionais de concentração de equipamentos bancários, portanto, como destacado por CASTELLS (2001) acerca do uso dessas novas tecnologias, “Lo que sí parece claro es que aumentará la flexibilidad de los horarios y los modelos espaciales [...]” (CASTELLS, 2001, p.265).

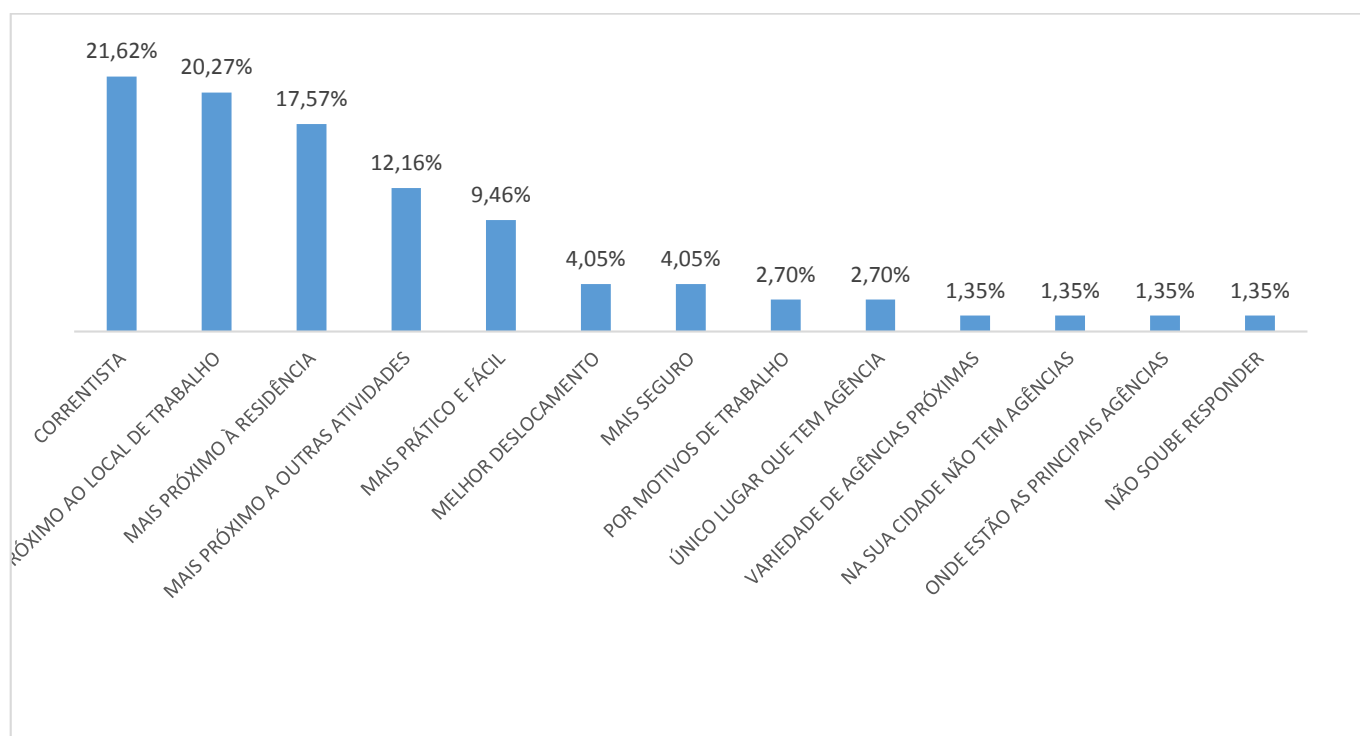
Um último aspecto, e não menos importante, diz respeito às diferentes motivações<sup>10</sup> para o uso de estabelecimentos bancários nas áreas com concentração de bancos elencadas para as duas cidades, sendo que, sobretudo para o centro das cidades, há uma grande multiplicidade de motivações que levam os usuários a utilizarem bancos nestas áreas, destacando-se, no caso de Presidente Prudente, 21,62% que declararam serem correntistas das agências frequentadas, 20,27% por ser próximo ao local de trabalho, 17,57% por ser próximo à residência e 12,16% por ser próximo a outras atividades realizadas no centro das cidades. Já em São José do Rio Preto 29,6% declararam serem correntistas das agências que frequentam, 18,5% por ser mais próximo

---

<sup>10</sup> A diferença entre as motivações apresentadas no gráfico das duas cidades se dá por conta da questão elaborada ser aberta, o que suscitou diferentes respostas dos usuários de bancos nas duas cidades e também nas diferentes áreas das cidades.

do trabalho, 14,8% por ser uma localização mais estratégica e 11,1% por ser próximo ao local de residência, portanto, os usuários das áreas centrais das duas cidades apresentaram motivações muito parecidas para utilização de bancos nessas áreas, evidenciando, mais uma vez, a relação entre utilização de serviços bancários, no centro, em associação com a realização de outras atividades, o que coloca em relevo um elemento específico das práticas espaciais de cidadãos que utilizam bancos no centro das cidades. Entretanto, a proximidade da residência e do trabalho também se mostram como fatores importantes para as escolhas em utilizar bancos no centro, além do fato de ser correntista das agências também pesar nas escolhas desses usuários. Outros dois motivos que apareceram nas enquetes das duas cidades e que valem a pena serem destacados são: a maior sensação de segurança em utilizar bancos nessas áreas da cidade, sobretudo pelo movimento durante o horário comercial; e a variedade de instituições bancárias muito próxima, que ajuda na vida de quem desempenha funções no trabalho que envolvem a utilização de bancos, como a profissão de *motoboys/motogirls*, e também para cidadãos que utilizam serviços bancários em várias instituições.

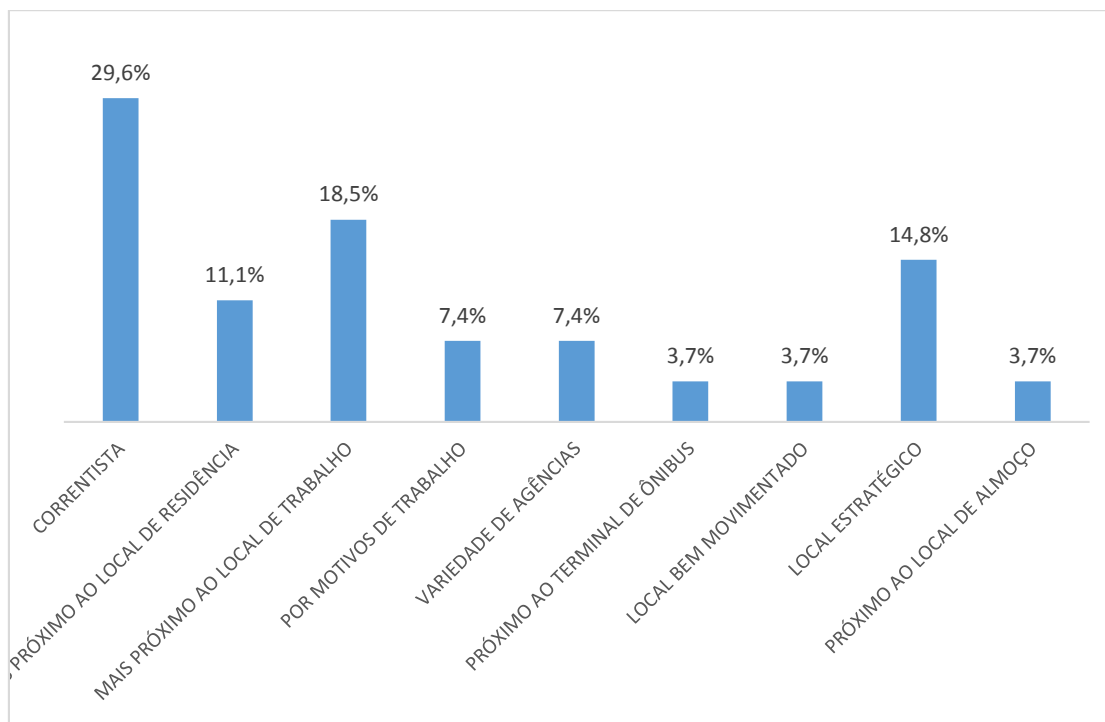
Gráfico 29 - Presidente Prudente. Motivações dos usuários para utilização de bancos no centro da cidade, 2014.



Fonte: Alplicação de enquetes, 2014.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

Gráfico 30 - São José do Rio Preto. Motivações dos usuários para utilização de bancos no centro da cidade, 2015.

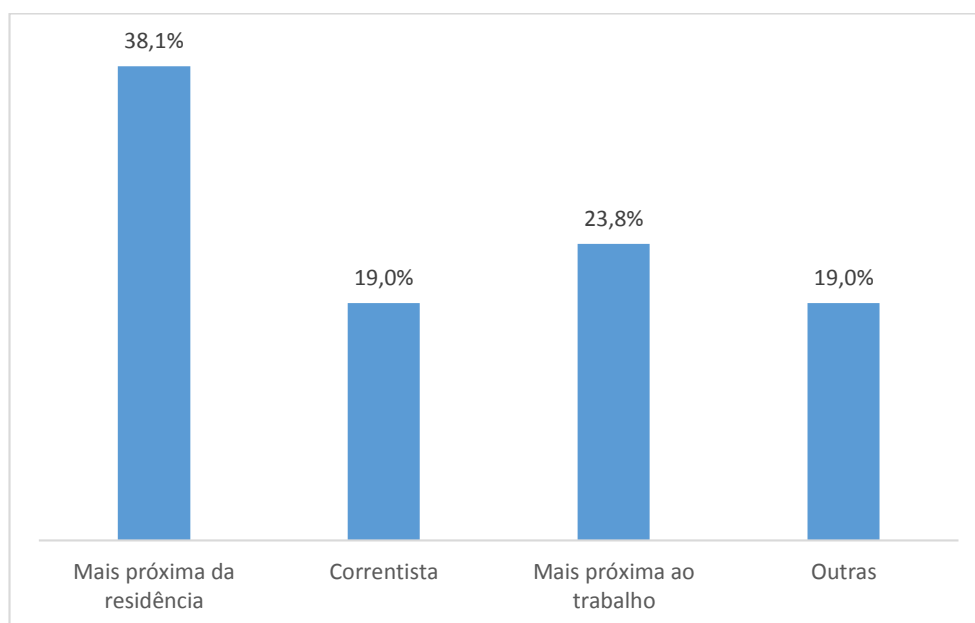


Fonte: Alpliação de enquetes, 2015. Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

Já no que concerne às motivações dos usuários nas áreas de concentração de bancos fora do centro, também é possível afirmar que foram bastante parecidas em relação às duas cidades, sendo que, na Avenida Coronel José Soares Marcondes, 38,1% declararam utilizar bancos nesta área por ser mais próximo à residência, 23,8% por ser mais próximo ao trabalho, 19% por ser correntista e 19% declaram outros motivos, já com relação aos usuários da Avenida Brigadeiro Faria Lima, 40% afirmaram que utilizam agencias nesta área por ser mais próximo ao local de trabalho, 30% por ser mais próximo ao local de residencia, 25% por ser na rota do trabalho (local estratégico) e 5% por ser próximo ao *Shoppinng Center* Rio Preto Shopping. Sendo assim, consideramos importante destacar alguns aspéctos das motivações dos usuários de bancos nestas áreas, o primeiro refere-se a grande parte dos usuários utilizarem bancos por ser mais próximo a residencia, o que mais uma vez reforça a hipótese de que as novas áreas de concentração de bancos que se conformaram nas cidades estão voltadas, com exceção da área de concentraçã de bancos na Avenida Mirassolândia em Sãp José do Rio Preto, às áreas residenciais onde reside uma população de maior poder aquisitivo, aumentando a acessibilidade dessas camadas à estabelecimentos e equipamentos bancários. Outro ponto refere-se à motivação de alguns usuários em utilizar bancos nessas vias por se conformarem como locais estratégicos, sobretudo do ponto de vista dos deslocamentos,

ou rotas, feitas por certos cidadãos, sobretudo os que residem, no caso de São José do Rio Preto, no setor sul da cidade, o que coloca em relevo uma das facetas fundamentais das lógicas espaciais do setor bancário em localizar-se nas vias de principal circulação das cidades. Um último aspecto, que refere-se especificamente à Avenida Brigadeiro Faria Lima, diz respeito à motivação de usuários em utilizar bancos nesta via por conta da proximidade ao *shopping center*, o que aponta, mais uma vez, para a relação entre as lógicas espaciais do sistema bancário e as definições e redefinições de centralidade nas cidades.

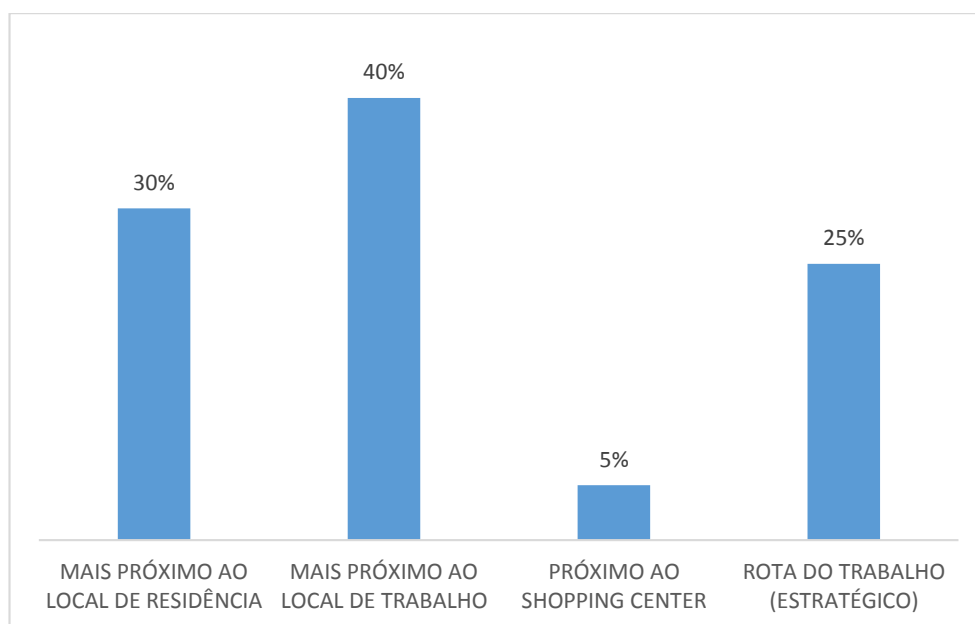
Gráfico 31 - Motivações dos usuários para utilização de bancos na Avenida Coronel José Soares Marcondes, 2014.



Fonte: Aplicação de enquetes, 2015.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

Gráfico 32 - Motivações dos usuários para utilização de bancos na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 2015.



Fonte: Aplicação de enquetes, 2015.

Elaborado por: OLIVEIRA, J.S.

Com isso, todos os dados apresentados nos auxiliam na percepção das lógicas espaciais do sistema bancário, dos processos espaciais gerados por essas lógicas e as práticas espaciais dos cidadãos associadas, já que os fluxos e as percepções espaciais, e também as preferências pessoais por certos equipamentos bancários, por exemplo, ao escolher uma agência ao invés de outras pela proximidade ao trabalho, moradia, hábito ou por conta de outras facilidades, leva-nos a interpretar que essas escolhas são próprias às dinâmicas da cidade e produzem uma espacialidade particular do local, que, em certa medida, pode transcender certos aspectos da lógica mais geral do sistema bancário, de forma que, como destacado na obra de Whitacker (1997), “[...] a única coisa que nos dá conta do real não são as estruturas coerentes da técnica, mas as modalidades de incidência das práticas sobre as técnicas ou, mais exatamente, as modalidades de obstrução das técnicas pelas práticas” (SANTOS, 1983 apud WHITACKER, 1997), e a percepção desse processo é possível, sobretudo, na dimensão do lugar e, como visto anteriormente, essas práticas podem ser diferentes de acordo com áreas específicas da cidade. Por outro lado é possível apreender, através das percepções das práticas espaciais e de outros elementos como as lógicas de localização, oferecimento de serviços bancários exclusivos e especialização funcional de áreas, o reforço da segmentação do espaço e da fragmentação urbana, à medida que certas áreas são frequentadas por determinados públicos, sobretudo,

de acordo com seu poder aquisitivo. Assim, podemos compreender a intersecção entre os três principais focos analíticos da pesquisa, as lógicas espaciais do sistema bancário na cidade, as práticas espaciais dos cidadãos e os processos espaciais de segmentação e fragmentação urbana, a partir da estruturação policêntrica do setor, com isso, todos os elementos abordados constituem-se como centrais para compreensão e análise do conjunto deste trabalho, além de apresentarem potencial para ampliação dos horizontes da temática a partir da abordagem de processos e dinâmicas espaciais, associadas às lógicas do sistema bancário, que possam possibilitar o futuro aprofundamento em outras aspectos das temáticas abordadas neste trabalho.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O intuito principal deste trabalho foi contribuir para a compreensão das lógicas mais gerais do sistema bancário, dando foco a seus desdobramentos espaciais nas cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto, com o objetivo de construir um ponto de intersecção para articular os três focos de análise principais, sendo eles, as lógicas de organização do sistema bancário, os desdobramentos e a materialização dessas lógicas em Presidente Prudente e São José do Rio Preto, e os processos e práticas espaciais geradas nessa cidade, a partir dessas lógicas.

Assim, buscamos, primeiramente, identificar as lógicas mais gerais que determinam a forma de organização do sistema bancário a partir de suas principais caracterizações, dentre elas, ser um sistema extremamente globalizado, articulado, sempre em constante processo de modernização e que possui uma lógica espacial estritamente econômica, buscando sempre a realização ótima de sua rentabilidade financeira. Considerando isso, foi possível concluir que suas práticas espaciais no território são absolutamente seletivas, desde a escala nacional e regional, até a escala intra-urbana, reforçando, nesta última, como foi identificado nas cidades estudada, processos de segmentação e fragmentação urbana, já que a firma bancária busca, dentro da cidade, instalar-se em áreas que atendem públicos de diferentes níveis de renda, preferencialmente, ocupando as localizações mais privilegiadas e nas áreas residenciais onde vive uma população de maior poder aquisitivo e, mesmo quando localiza-se em áreas mais acessíveis à população de menor poder aquisitivo, não oferece os mesmos serviços, deste modo, portanto, contribuem para a produção de uma cidade mais desigual, já que, o oferecimento e o acesso a estes serviços não se dá de forma equitativa.



Portanto, como o título deste trabalho sugere, as lógicas espaciais do sistema bancário, em suas mais diversas escalas de atuação, baseiam-se na multicentralidade seletiva, sendo que, na escala mundial, sua estrutura economicamente concentrada, apesar de espacialmente mais dispersa, segue privilegiando os países centrais da economia capitalista; do ponto de vista da rede urbana, como vimos no caso brasileiro, essa lógica seletiva materializou-se, de forma mais acentuada, a partir do fechamento de muitos estabelecimentos bancários em cidades pequenas e ampliação de suas redes em cidades maiores, inclusive em muitas cidades médias; e, na escala das cidades, essa lógica se realiza a partir da organização espacial policêntrica do setor, ou seja, com a multiplicação de áreas com concentração de bancos voltadas à grupos sociais específicos, sobretudo à população de maior poder aquisitivo o que, como vimos, acentua a segmentação econômica e social do espaço e contribui para a intensificação dos processos de fragmentação socioespacial nas cidades estudadas.

Com isso, e a partir da apreensão dos processos de estruturação e das principais dinâmicas de produção do espaço urbano na cidades médias estudadas, foi possível compreender, numa perspectiva temporal, delimitada com base na periodização que delimita cinco períodos em que ocorreram mudanças significativas nas lógicas deste setor e que rebateram nas múltiplas escalas de análise, como as lógicas de localização da firma bancária evoluíram e reforçaram os processos de reestruturação na cidade, sendo que, dialeticamente, também sofreram influência das dinâmicas locais. Assim, compreendemos que não só as lógicas mais gerais do sistema bancário se fixam e transformam as dinâmicas na cidade ,mas, sobretudo, são as dinâmicas da cidade que determinam, em certa medida, como essas lógicas irão se materializar ao longo do tempo no espaço intra-urbano, já que este está em constante transformação a partir dos processos espaciais e do desenrolar das práticas espaciais, que são fundamentais, já que influenciam e são influenciadas pelas lógicas espaciais do sistema bancário e são capazes de reforçar processos espaciais como os de segmentação e fragmentação urbana, já que, como destaca Carlos (2002) “[...] transforma-se substancialmente o uso do espaço e, conseqüentemente, o acesso da sociedade a ele.” (CARLOS, 2002, p.175). Neste sentido, as lógicas espaciais deste setor não só interagem com os processos espaciais das cidades, sobretudo reforçando e/ou redefinindo centralidade urbana mas, também, impacta de forma preponderante os deslocamentos e o uso do espaço e do tempo pelos cidadãos que, a partir da necessidade do uso de serviços bancários redefinem suas trajetórias espaciais na cidade.

Em suma, as análises engendradas buscam contribuir para a compreensão das lógicas do sistema bancário e como estas interagem com as dinâmicas espaciais das cidades de Presidente Prudente e São José do Rio Preto e, sobretudo, como se dá a articulação clara e indissociável entre a lógica mais geral de localização da firma bancária e o processo de estruturação e reestruturação das cidades, conformando um quadro particular de constituição do espaço e das lógicas espaciais deste setor nas cidades.

## 7. REFERÊNCIAS

- ABREU, D.S. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista: Presidente Prudente**. Presidente Prudente: FFCLPP, 1972.
- BRANCO, M. L. G. C. Algumas considerações sobre a identificação de cidades médias. In: SPOSITO, M. E. B.(Org.), et al. **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.
- BANCO CENTRAL DO BRASIL. Portal Bancos. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/?PORTALBANCOS>. > Acesso em: 20 set. 2013.
- CASTELLS, M. La galáxia Internet - reflexions sobre internet, empresa y sociedad. Madri: Arete, 2001, p. 235 a 274.
- CARLOS, A. F. A. O consumo do espaço. In: CARLOS, A.F.A (Erg); et al. **Novos Caminhos da geografia**. São Paulo: Contexto, 2010.
- CORRÊA, R. L. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. B. **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2002.
- CORRÊA, R. L. Diferenciação sócio-espacial, escala e práticas espaciais. *Cidades, Presidente Prudente*, vol.4, n.6, p.62-72, 2007.
- DIAS, L. C. ; LENZI, Maria Helena ; CORIGLIANO, L. de S. T. . Reorganização espacial de redes bancárias no brasil: concentração financeira e expansão territorial. *Revista Geografica de America Central (Online)*, v. 2, p. 1-15, 2012.
- DIAS, Leila Christina ; LENZI, Maria Helena . Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: processos adaptativos e inovadores. *Caderno CRH (UFBA. Impresso)*, v. 22, p. 97-117, 2009.
- DIAS, L. C. . Redes de informação, grandes organizações e ritmos de modernização. *Etc (UFF)*, v. n.2,v1, p. 1-4, 2007.
- FEBRABAN. Federação Brasileira de Bancos. Busca Banco. Disponível em: <<http://www.buscabanco.org.br/>> Acesso em 03 mar. 2014.

GOES, Eda Maria; SPOSITO, M. Encarnação Beltrão . A insegurança e as novas práticas espaciais em cidades brasileiras. In: XIII Coloquio Internacional de Geocrítica, 2014, Barcelona. Actas del Coloquio Internacional de Geocrítica, 2014. v. 1. p. 1-17.

IBGE Cidades@. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA online. 2010. **Apresenta informações censitárias dos municípios brasileiros**. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/>> Acesso em: 29 abr. 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Região de influência das cidades 2007 (REGIC)** Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

MONTESSORO, C.C.L. Presidente Prudente: a instalação dos shopping centers e a (Re)estruturação da cidade. In: SPOSITO, M.E.B. (org.). **Textos e Contextos para a leitura de uma cidade média**. Presidente Prudente [s.n], 2001.

OLIVEIRA, J. S. As logicas espaciais do sistema bancário: reestruturação da cidade na cidade de Presidente Prudente – SP. Presidente Prudente: relatório de pesquisa apresentado à FAPESP, 2014.

PETISCO, A.C. A. Espaços desiguais: ocupação do território e estrutura urbana de São José do Rio Preto. In: CARVALHO, J. G. (Org.). **Dimensões regionais e urbanas do desenvolvimento socioeconômico de São José do Rio Preto**. São José do Rio Preto: Editora Microlins Brasil, 2007.

RANGEL-GARROCHO, C. F.; CAMPOS-ALANÍS, J. Organización espacial del sistema bancario dentro de la ciudad: estrategia territorial, accesibilidad y factores de localización. *Economía, Sociedad y Territorio*, México, vol.5, n. 33, p. 413 – 453, mai./ago. 2010.

SALGUEIRO, T. B. **Lisboa, Periferia e Centralidades**. Oeiras: Celta, 2001.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1994.

SICSÚ, J., CROCCO, M. L. **Em Busca de uma Teoria de Localização das Agências Bancárias: algumas evidências do caso brasileiro**. Revista Economia (Anpec), v.4, n.1, p. 85-112, 2003.

SCHERMA, Ricardo. A. **Topologias Bancárias no Período da Globalização**. In: 1º Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo, 2008, Rio Claro. Anais do 1º Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo, 2008.

SPOSITO, M. E. B.; et al. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, M. E. B.(Org.); et al. **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SPOSITO, M. E. B. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: SPOSITO, M. E. B.(Org.); et al. **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SPOSITO, M. E. **O chão em Presidente Prudente: a lógica de expansão territorial urbana**. 1983. 230f. Dissertação (Mestrado em geografia) – UNESP Rio Claro. Rio Claro.

SPOSITO, M. E. **O chão arranha o céu: a lógica de (re)produção monopolista da cidade**. 1991. 359f. Tese (Doutorado em geografia) – USP. São Paulo.

SPOSITO, E. S. Cidades médias e eixos de desenvolvimento no Estado de São Paulo: Metodologia e abordagem. In: SPOSITO, M. E. B.(Org.); et al. **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SPOSITO, M. E. B. Centro e centralidades no Brasil. In: FERNANDES, J. A. V. R. (Org.) ; SPOSITO, M. Encarnação Beltrão (Org.). **A nova vida do velho centro nas cidades portuguesas e brasileiras**. 1a.. ed. Porto: CEGOT, 2013. v. 1. 299p .

SPOSITO, M.E.B. Novas formas comerciais e redefinição da centralidade intra-urbana. In: SPOSITO, M.E.B. (org.). **Textos e Contextos para a leitura de uma cidade média. Presidente Prudente** [s.n], 2001.

VIDEIRA, S.L. **Globalização financeira: um olhar geográfico sobre a rede dos bancos estrangeiros no Brasil**. Guarapuava: Unicentro, 2009.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: studionobel: Fapesp: Lincoln Instituto, 2001.

WHITACKER, A. M. **A produção do espaço urbano em Presidente Prudente: uma discussão sobre a centralidade urbana**. 1997. 318f. Dissertação (Mestrado em geografia) – FCT/UNESP. Presidente Prudente.

WHITACKER, A. M. **Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto - SP**. 2003. 238f. Tese (Doutorado em geografia) – FCT/UNESP. Presidente Prudente.

**APÊNDICE I – Análise comparativa entre as lógicas espaciais do sistema bancário em cidades médias: estudo das cidades de Presidente Prudente, Brasil, e Lleida, Espanha.**

1. Elementos para análise comparativa das lógicas espaciais do sistema bancários nas cidades de Presidente Prudente, Brasil e Lleida, Espanha.

Este estudio forma parte de las actividades de investigación desarrolladas durante el período de Bolsa de Estágio no Exterior (BEPE), desarrollada en lo período de 11/05/2015 a 11/07/2015, y financiada dela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), teniendo como objetivos principales el análisis de la estructura organizacional del sistema bancario español, su reestructuración reciente y las consecuencias de estas transformaciones en la ciudad de Lleida, España, buscando entender la lógicas espaciales que han estado en vigor durante el proceso de reestructuración de la banca en este país, la lógica selectividad espacial adoptó para el cierre de oficinas y cómo estas dinámicas afectan la producción del espacio urbano en la ciudad de Lleida, y, también, construir análisis comparativos de los procesos que implican la lógica espacial del sistema bancario y de la producción del espacio urbano en la ciudad de Lleida, España, y Presidente Prudente, Brasil.

Por lo tanto, en esta sección serán presentados apenas una parte de los resultados de las investigaciones desarrolladas en lo período de estancia de estudios, así, intentaremos hacer un análisis que permita establecer paralelismos entre la lógica espacial del sistema bancario en las ciudades de Presidente Prudente y Lleida, destacando los siguientes puntos: aspectos de la ordenación del sector bancario; lógica de selectividad espacial adoptada por el sector; y las características de distribución de este sector en la región de influencia de estas ciudades.

Así, para empezar este análisis es importante señalar algunas similitudes y diferencias entre la organización más general del sistema bancario en Brasil y España, sobre todo, teniendo en cuenta los recientes cambios que han ocurrido, en el caso de España, a partir de su reestructuración posterior a la crisis, ya que estos procesos han tenido impactos significativos en la lógica espacial de las instituciones en este país, por lo tanto, como ya se ha analizado en detalle anteriormente, en 2008 España tenía una característica importante en cuanto a la organización del sector bancario, que contaba con la presencia de las Cajas de Ahorro que, más allá de los intereses estrictamente económicos, mantuvo la lógica de acercamiento a sus clientes con un enfoque en lo

financiamiento de familias, pequeñas y medianas empresas y otras actividades y proyectos con finalidad social, por lo tanto el crecimiento y expansión de estas entidades en el territorio ha proporcionado en el ámbito local, como hemos visto con respecto a la ciudad de Lleida, tasas más altas de bancarización y la dispersión espacial de oficinas por la ciudad y, por otro lado, en el nivel general de la organización del sistema bancario español, proporcionado una mayor descentralización del sector, lo que hizo posible que más instituciones estuvieran actuando como intermediarios financieros y, a lo mismo tiempo, permitiendo a las cajas de ahorro consolidarse como una alternativa a los bancos convencionales.

Además, como en Brasil, otras entidades que conforman el sector bancario español son los bancos y las cooperativas de crédito, siendo que los primeros han expandido sus redes y fortalecido su hegemonía después de las normativas destinadas a empezar la reestructuración financiera que condujo a la casi extinción de las Cajas de Ahorro, proporcionando procesos de centralización del sistema bancario a partir de las diversas fusiones y adquisiciones desde 2009, lo que ha impactado notablemente territorio, ya que la lógica espacial de los bancos son diferentes a las Cajas de Ahorro.

Así, lo que podemos decir es que todo un proceso de centralización similar tuvo lugar en Brasil en dos momentos principales y también con importantes repercusiones territoriales, lo primero desde la década de 1950 con la entrada masiva de capital extranjero que generó, en la banca, procesos de adquisición, en particular de los bancos regionales que mantenían vínculo importante con el desarrollo local y regional de las áreas más distantes de la capital y, por lo tanto, fueron adquiridos por bancos extranjeros y nacionales más capitalizados (DIAS, 2009) lo que, prácticamente, conduce a la desaparición de los primeros.

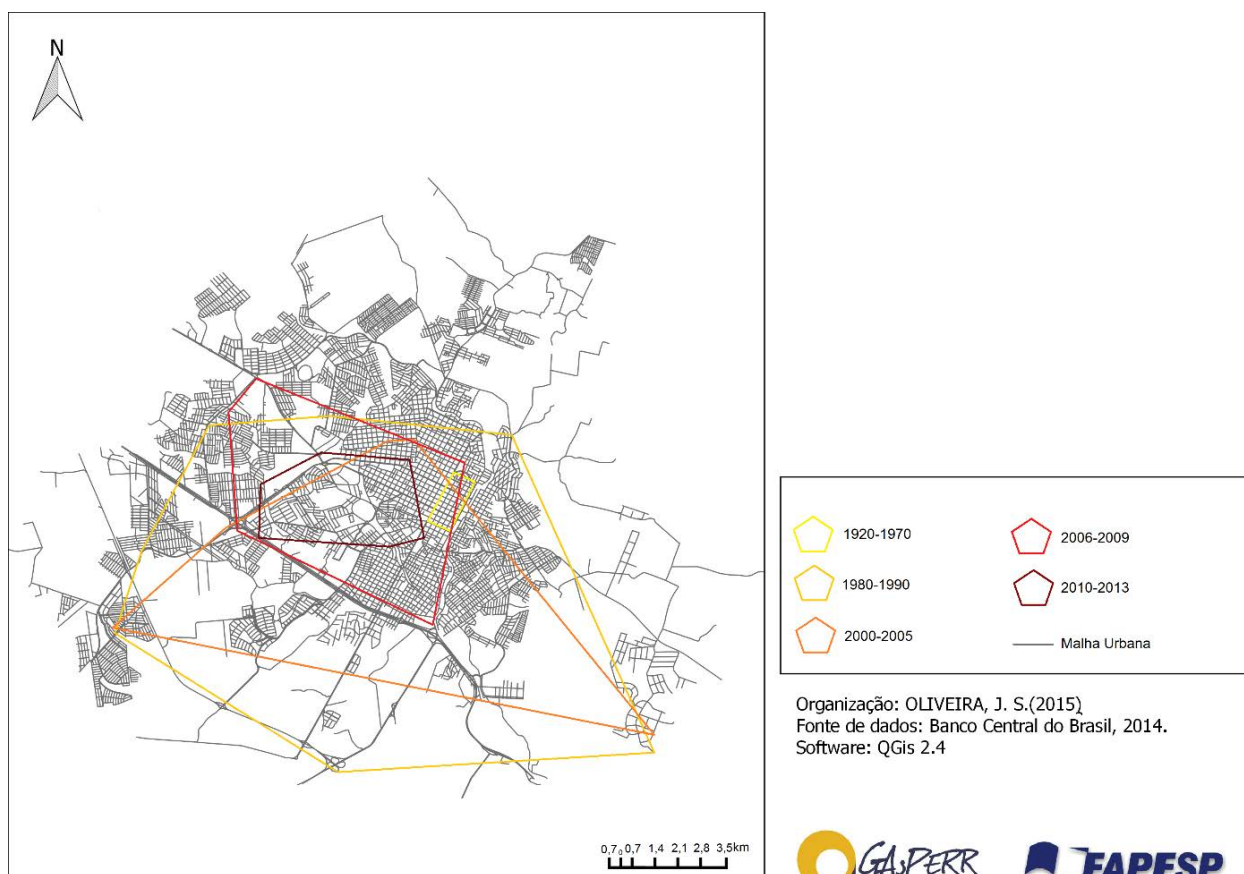
Sin embargo, es lo segundo momento, desde la desregulación financiera iniciada por los Estados Unidos en la década de 1970 que impulsó la *globalización financiera* (Chesnais, 1998), que ocurren los cambios más profundos en el sector bancario brasileño, con una centralización intensa de lo sector que, a partir de las fusiones y adquisiciones, hizo la composición de lo sector pasar de 244-160 instituciones (DIAS, 2009).

Así, en general, actualmente en Brasil y España los bancos se caracterizan por ser las instituciones hegemónicas en la composición de lo sector, y es importante destacar que, en Brasil, hay la presencia de instituciones bancarias públicas y privadas, sin embargo, salvo algunas excepciones, sus lógicas espaciales son muy similares y

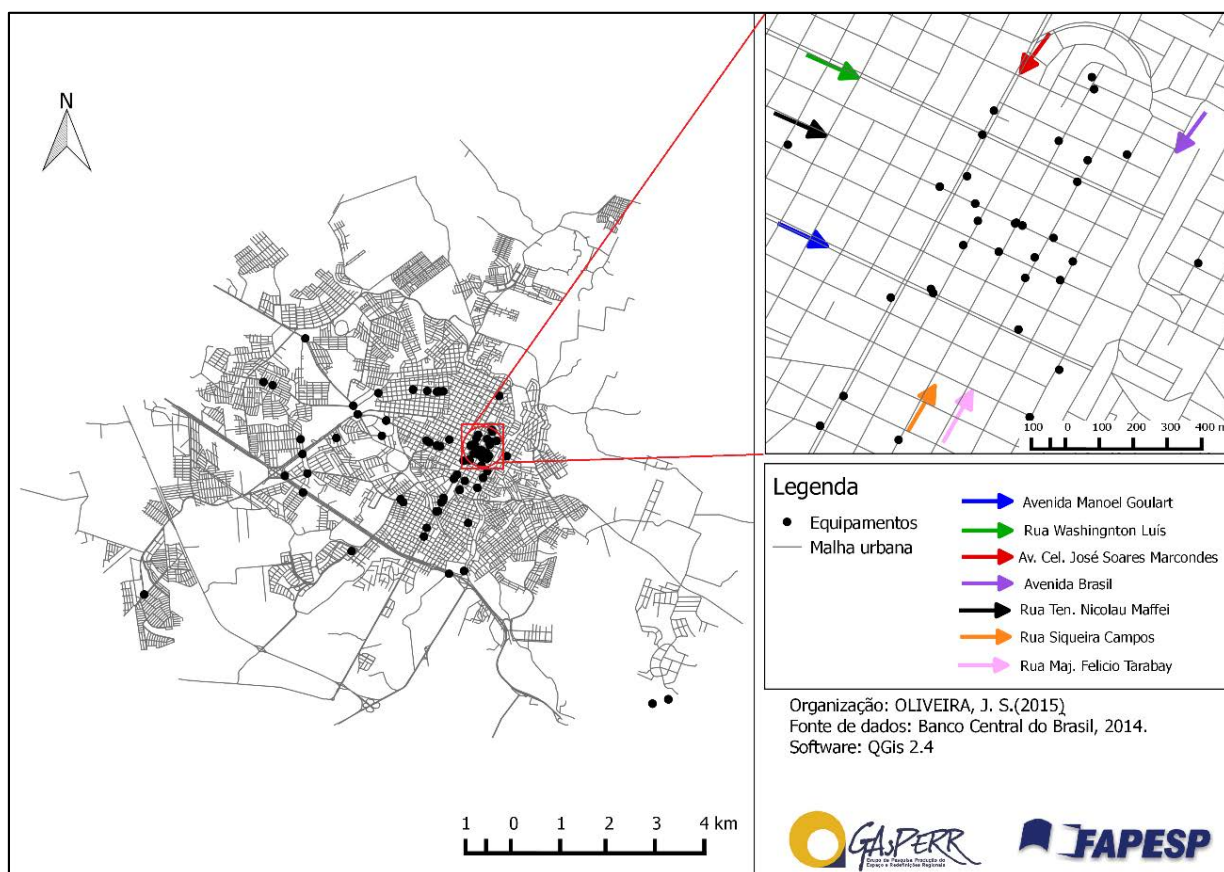
estrechamente vinculadas a sus intereses económicos y reproducción óptima de su capital (SICSÚ & CROCCO, 2003).

Por otro lado, en lo que respecta específicamente a la lógica de ubicación de este sector en las ciudades se puede decir que, en Presidente Prudente, históricamente hay una mayor concentración de oficinas en el sector sur de la ciudad, principalmente en el centro tradicional y algunos otros ejes importantes, tanto del punto de vista viario cuanto desde el punto de vista de la concentración de equipos de comercio y servicios, sin embargo, poco a poco, la continua expansión del sector en esta ciudad ha proporcionado una mayor dispersión de las oficinas por el territorio, todavía, se centra en las áreas donde reside una población con mayor poder adquisitivo y no cubriendo a las zonas residenciales donde reside la población más pobre, una tendencia que refuerza la exclusión financiera en la ciudad.

Mapa 27 - Síntesis de la evolución espacial del sector bancario en la ciudad de Presidente Prudente, 2014.



Mapa 28 - Situação actual de distribuição de los equipos bancarios en la ciudad de Presidente Prudente, 2014.

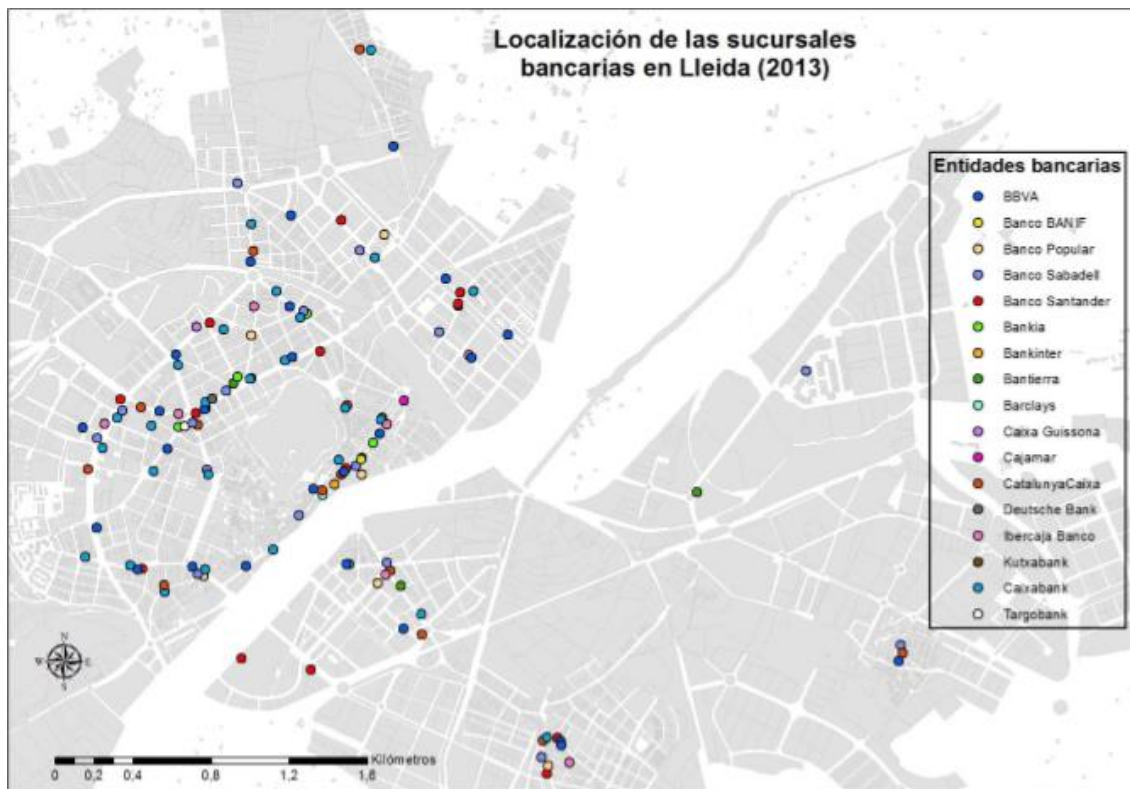


Por otro lado, cuanto a la organización del sector bancario en la ciudad de Lleida, se puede ver una mayor dispersión de las oficinas y, por lo tanto, una oferta más amplia de servicios bancarios, en particular debido a la presencia de oficinas en prácticamente todos los barrios y, incluso con el proceso reciente de cierres de oficinas causados por la reestructuración de lo sector, la ciudad todavía tiene altos niveles de bancarización y una estructura espacial bancaria que proporciona un mayor acceso a los servicios para las personas que viven en zonas alejadas del centro tradicional.

Además, en el caso de Lleida, la principal zona de concentración de sucursales está fuera del principal eje de comercio y servicios de la ciudad (Carrer Mayor), de modo que se encuentra en una vía paralela a este (Rambla Ferran), a diferencia de la ciudad de Presidente Prudente, donde, históricamente, el sector bancario se encuentra en la zona central de la ciudad, ocupando las zonas más privilegiadas y valorada, ya que “(...) existe um grau de inércia na localização de centros financeiros uma vez que tais localizações coincidem com a localização de riquezas antigas que, originalmente, inspiraram confiança no sistema bancário” (DOW, 1999, P.41) citado por (SICSÚ E CROCCO, 2003).



Mapa 29 - Distribución y localización de las sucursales bancarias en Lleida, 2013.



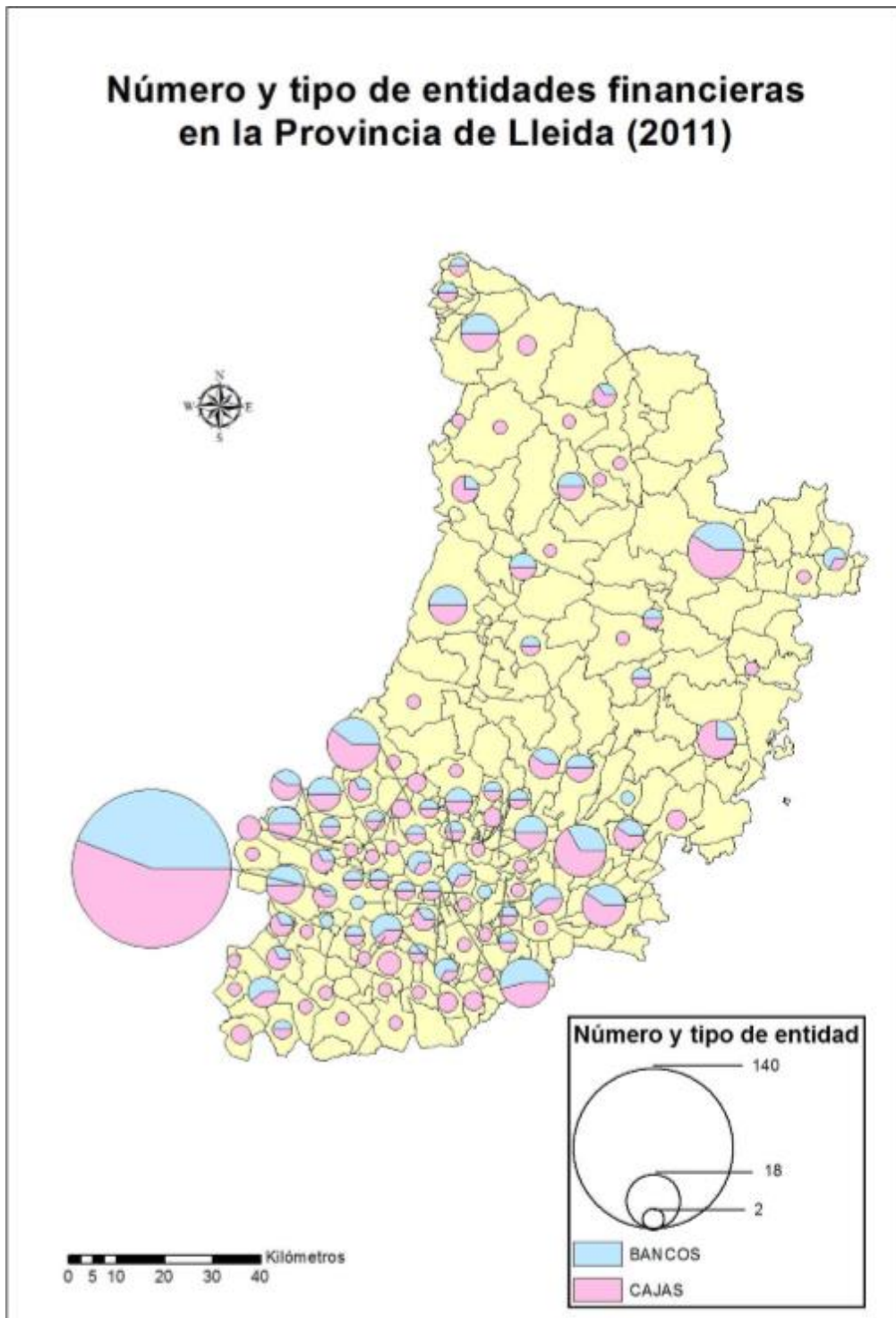
Extraído de: JESÚS, 2014, pg. 65

Como último punto, en lo que respecta a la estructura de la organización regional del sector bancario en el caso de Presidente Prudente ha, sobre todo, una alta concentración de equipamientos en esta ciudad en comparación con otros municipios que conforman su área de influencia, y, en muchos de ellos no hay al menos una oficina, lo que refuerza el atractivo de Presidente Prudente con respecto a la disponibilidad y variedad en la oferta de servicios bancarios, generando un importante desequilibrio económico de la región ya que, como destacado por Scherma:

Num mundo onde as finanças são o motor dos territórios, é evidente a necessidade, cada vez maior, de que os lugares sejam dotados de agências bancárias, pois através dessas modernas próteses, desenvolvem-se os mais diferenciados processos de intermediação financeira. (SCHERMA, 2008, p.1193).

Por otro lado, en el caso de la provincia de Lleida, como se ha visto anteriormente, la mayoría de los municipios cuentan con al menos dos oficinas, por lo tanto, esta región tiene una distribución espacial de equipos que permite un mayor acceso, a lo conjunto de municipios, a servicios bancarios.

Mapa 30 - Número y tipo de entidades financieras en la Provincia de Lleida, 2011.



Extraído de: JESÚS, 2014, pg. 47

En resumen, a pesar de las dos ciudades poseen un sistema bancario multicéntrico, en Lleida las áreas de concentración de establecimientos bancarios son en mayor número e con una mayor cobertura espacial, principalmente de los barrios, en relación a Presidente Prudente, que presenta, comparativamente, un sistema bancario aún muy

concentrado en la área central de la ciudad y en las áreas orientadas a las zonas residenciales donde reside una población de mayor poder adquisitivo.

## **2. Metodologías utilizadas**

Para las investigaciones desarrolladas durante la estancia de investigación en el extranjero fue necesaria una revisión bibliográfica de los temas centrales que guían los objetivos de esta investigación, a fin de comprender los aspectos y elementos de la organización del sistema financiero y bancario en España, los factores centrales de la crisis económica e sus repercusiones en lo sector bancario; aspectos relacionados a la reestructuración del sistema bancario español en lo escenario post crisis y las repercusiones espaciales de estas transformaciones en la ciudad de Lleida, siendo que, para este último tema nos basamos ampliamente en la obra de FERNANDEZ (2014) que desarrolló investigaciones recientes sobre los rebatimientos de la reestructuración financiera en la composición del sector bancario en la ciudad de Lleida.

También fue fundamental, para componer el análisis desarrollado, la análisis de datos secundarios, la mayor parte disponible en las obras revisadas, a fin de comprender más profundamente las repercusiones espaciales de la reestructuración del sistema bancario en la ciudad de Lleida y, además, los datos fueran importantes para elaborar paralelos comparativos entre la lógica espacial del sector bancario en ciudades medias en Brasil y España, tomando como caso de estudio, respectivamente, las ciudades de Presidente Prudente y Lleida.

Por último podemos destacar los trabajos de campo realizados en Lleida, que se constituirán como una herramienta importante para entender mejor la materialización de la lógica espacial del sector bancario en la ciudad bajo las nuevas lógicas de ubicación de oficinas dado la reestructuración del sector en España, además de permitir un mayor contacto con la lógica espacial de este sector y algunas dinámicas de la ciudad. Además, para la observación de campo, tal como se describe en la Parte I de este informe, fue utilizada una metodología de recuento del número de usuarios de los bancos en un período de 10 minutos, a fin de establecer un parámetro de comparación entre las diferentes áreas donde se realizó el trabajo de campo.

### 3. Conclusiones

Así lo que podemos evaluar basándose en las investigaciones llevadas a cabo durante la etapa de investigación en el extranjero, y también a partir de las investigaciones en el país, es que la forma de organización y la lógica espacial del sistema bancario impacta notablemente el territorio, ya que, como se destaca en GARROCHO-RANGEL E CAMPOS-ALANÍS(2010), “La intermediación financiera, mediante la banca comercial, es un servicio fundamental para el funcionamiento eficiente de la economía, y para que los beneficios de su crecimiento se difundan entre todos los integrantes de la sociedad.” (p. 413). Ante esta perspectiva, la propagación del sistema bancario, desde la instalación de sus equipamientos y sus opciones de ubicación en las zonas urbanas, son fundamentales para el funcionamiento eficiente de la economía, por lo tanto, los procesos de reestructuración sufridos por el sector bancario español y los numerosos cierres de oficinas fueron generadas transformaciones profundas en las lógicas espaciales y en la organización de este sector en diferentes escalas.

Con esto, otro punto clave para entender las repercusiones espaciales de lo proceso de reestructuración del sector bancario español, es el movimiento de contracción de sucursales y oficinas bancarias que sigue una lógica estrictamente selectiva, por otra parte, esta lógica de selectividad se asocia con la lógica económica y la realización óptima de la reproducción del capital financiero, dado que los largos procesos de adquisición y fusión entre las instituciones financieras y la casi desaparición de las cajas de ahorro, ha condicionado cambios significativos desde el punto de vista de la organización más general de este sector hasta su distribución en la ciudad de Lleida.

Por lo tanto, sobre la base de estos cambios a nivel local, como se analiza en la ciudad de Lleida, se puede ver un gran número de cierres de oficinas que han afectado principalmente a los barrios, ya que en este proceso de reestructuración del sector las instituciones bancarias tienden a favorecer la concentración de oficinas en la zona central, en detrimento de los barrios, ya que el centro de la ciudad se configura como la área más estratégica, por otra parte, los cambios han generado impactos negativos, especialmente la población de más edad que depende mucho más del servicio personal en las oficinas, por no tener fácil acceso a los servicios bancarios online, sin embargo, esta reducción de oficinas en los barrios también puede dar lugar a un incremento de lo uso de servicios online, principalmente por la población más joven, impulsando así la tecnificación y la informatización creciente del sector bancario con respecto a los servicios financieros que

ofrece en la internet, lo que conduce a cambios importantes en las prácticas cotidianas de los habitantes urbanos en el uso del tiempo y el espacio.

En lo que respecta a la comparación entre el sector bancario en Brasil y España puede destacar, primero, que existen diferencias importantes desde el punto de vista de la organización histórica del sector, es decir, la particularidad de España en la posesión de las Cajas de Ahorro en la composición de su sistema financiero marca un aspecto clave para la comprensión de la lógica espacial del sistema bancario de este país, ya que esas instituciones tenían lógicas de acercamiento a sus clientes lo que permitió una mayor dispersión de oficinas por ciudad. Además, los dos países pasaran y, en el caso de España es aún en curso, procesos de centralización del sector en momentos distintos, entretanto, con consecuencia para la organización del sector parecidas, como visto anteriormente.

En lo que se refiere a la lógica espacial del sector en las ciudades de Presidente Prudente e Lleida, es posible observar lógicas muy distintas, que están directamente relacionados, también, con procesos muy distintos de producción y organización del espacio urbano en las ciudades, siendo que, en Presidente Prudente, los equipos bancarios se concentran en el centro tradicional y en el área de la ciudad, centrándose en las mejores ubicaciones, tanto de la perspectiva viaria cuanto de la concentración de actividades de comercio y servicios, y también dando prioridad a la proximidad a las áreas donde reside una población de mayor poder adquisitivo, por lo tanto, hay muy pocas oficinas en los barrios más alejados del centro.

Por otro lado, en la ciudad de Lleida, a pesar de haber sufrido un impacto importante dada la reciente reestructuración del sector bancario, las oficinas aún están bien distribuidas por toda la ciudad, con la presencia de estos en casi todos los barrios y, con respecto a la zona principal de la concentración de los bancos en Lleida, a diferencia del caso de Presidente Prudente, esto está fuera del eje central de comercio y servicios de la ciudad, sin embargo, con respecto a la ubicación de oficinas en los barrios, se puede ver que éstas se concentran en los principales ejes de comercio y servicios de estos barrios, o que indica que, en ambas ciudades, existe una estrecha relación entre la ubicación lógica del sector bancario y las áreas funcionales en que se concentran las actividades de comercio y servicios.

En resumen, la diferencia más general entre la selectividad espacial de este sector entre los dos países es que, en Brasil, el sistema bancario ya está altamente concentrado y en continuo proceso de expansión y, por tanto, la selectividad espacial actúa para la instalación de nuevas sucursales, en España, debido a la crisis económica que enfrenta el

sistema bancario, que ha sido objeto de una reestructuración intensa, y, por tanto, su lógica de selectividad espacial ha favorecido cierre de sucursales en todo el país (ALONSO Y OTROS, 2014).

En suma, lo que puede desprender de forma más sintética de todas las investigaciones llevadas a cabo en el extranjero es que la crisis financiera que afectó de manera profunda el sector bancario español, en particular la cajas de ahorro, ha generado una reestructuración que no se limita a lo ámbito económico, ya que este proceso sigue impactando profundamente el territorio, generando nuevas lógicas de organización espacial del sistema bancario en diferentes escalas, siendo que, en la escala de la ciudad, genera importantes cambios en la red de oficinas y sucursales, debido a los numerosos cierres, o que redundaría en impactos relevantes desde el punto de vista de lo acceso a servicios bancarios por parte de la población, fortaleciendo algunos aspectos de la exclusión financiera y llevando, en última instancia, a la redefinición de las prácticas espaciales en el uso del tiempo y el espacio de ciudadanos.

#### **2.4 Referencial bibliográfico**

BELLET, C., SPOSITO, M.E.B. Reestructuración y cambio en dos centros comerciales tradicionales. Visiones comparadas: Presidente Prudente (Brasil) y Lleida (España). In: BELLET S.,C. (Org.); [MELAZZO, E.S.](#) (Org.) ; SPOSITO, M.E.B. (Org.) ; LLOP, Josep M. (Org.) . **Organización, producción y consumo en ciudades medias/intermedias**. 1. ed. Lleida: Universidad de Lleida, 2015. v. 1. 515p.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

DIAS, Leila Christina ; LENZI, Maria Helena . **Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: processos adaptativos e inovadores**. *Caderno CRH (UFBA. Impreso)*, v. 22, p. 97-117, 2009.

FERNANDEZ, A. F. J. **La repercusión de la crisis en las entidades financieras: el caso de Lleida**. Trabajo de fin grado. Departamento de Geografía y Sociología. Universitat de Lleida. 2014.

GÁMIR ORUETA, A. (1987): “**La localización de las oficinas bancarias en Madrid**”. En *Ciudad y Territorio*. Pág. 93-111.

LOGROÑO, M.P.A., CAMPOS, À. P., VIDAL, R.P., ESCOLANO, C.L., GRACIA, J.L.R. La crisis financiera española en el contexto internacional y sus particularidades. In: PUEBLA, J. M. A., HERNÁNDEZ, J.L.S. (coords.). **Geografía de la crisis económica en España**. València: JPM ediciones, 2014.

MATEACHE, P. (2012): **Las oficinas bancarias y el proceso de reestructuración en marcha**. ATKearney.

RANGEL-GARROCHO, C. F.; CAMPOS-ALANÍS, J. **Organización espacial del sistema bancario dentro de la ciudad: estrategia territorial, accesibilidad y factores**

**de localization.** *Economía, Sociedad y Territorio*, México, vol.5, n. 33, p. 413 – 453, mai./ago. 2010.

SÁNCHEZ DEL RIO, R. (1977): “Un modelo genérico de localización de sucursales bancarias”. En *Ciudad y Territorio*. Pág. 85-93.

SCHERMA, Ricardo. A. **Topologias Bancárias no Período da Globalização.** In: 1º Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo, 2008, Rio Claro. Anais do 1º Simpósio de Pós-Graduação em Geografia do Estado de São Paulo, 2008.

SICSÚ, J., CROCCO, M. L. **Em Busca de uma Teoria de Localização das Agências Bancárias: algumas evidências do caso brasileiro.** Revista Economia (Anpec), v.4, n.1, p. 85-112, 2003.

## APÊNDICE II – Materiais complementares à compreensão da metodologia

Para facilitar e tornar mais prática a aplicação das enquetes elaboramos um quadro (Quadro1) para organização das respostas dos usuários que responderam às questões.

### Modelo de enquete 1 - ENQUETE SOBRE PERFIL DOS USUÁRIOS QUE UTILIZAM SERVIÇOS BANCÁRIOS

1. De onde você vem?
  - ( ) a pé
  - ( ) de carro
  - ( ) de moto
  - ( ) de ônibus
  - ( ) outro \_\_\_\_\_.
3. Qual operação mais realiza?
  - ( ) saque
  - ( ) depósitos
  - ( ) consulta de saldo
  - ( ) pagamento de contas
  - ( ) investimento
  - ( ) consulta à gerente
  - ( ) outros \_\_\_\_\_.
4. Com que frequência utiliza essa agência ou caixa eletrônico?
  - ( ) Diariamente
  - ( ) Mais de uma vez por semana
  - ( ) Semanalmente
  - ( ) Mais de uma vez por mês
  - ( ) Mensalmente
  - ( ) Esporadicamente
5. Porque utiliza essa agência ou caixa eletrônico em especial?  
\_\_\_\_\_.
6. Você só vem ao centro para utilizar o banco?
  - ( ) Sim
  - ( ) Não. \_\_\_\_\_.
7. Qual seu nível de escolaridade?

- sem nível de escolarização
- ensino fundamental incompleto
- ensino fundamental completo
- ensino médio incompleto
- ensino médio completo
- ensino superior incompleto
- ensino superior completo

Outras considerações:

Tabela 1 – Modelo de quadro e legenda para aplicação das enquetes.

	Sexo	Idade	De onde vem	Como se desloca	Frequência	Operação que mais realiza	Vai ao centro só para utilizar o banco?	Escolaridade	Porque utiliza esse caixa/agência?
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
9									
10									
11									
12									
13									
14									
15									
16									
17									
18									
19									
20									
21									
22									
23									
24									
25									
26									
27									
28									
29									
30									
31									
32									



33									
34									
35									
36									
37									
38									
39									
40									
41									

LEGENDA			
1 – Sexo:  (F) Feminino (M) Masculino	2- Idade:  (N°)	3 – De onde vem  (Bairro)	4 – Como se desloca até o centro  (A) A pé (C) Carro (O) ônibus (M) Moto (T) Taxi
5 - Com que frequência vai ao banco no centro:  (D) diariamente (MS) Mais de uma vez por semana (S) Semanalmente (MM) Mais de uma vez por mês (M) Mensalmente (E) esporadicamente / de vez em quando.	6- Quais operações mais realiza  (S) saque (D) depósito (P) pagamento de contas (C) consultas (G) Gerente.	7 - Vai ao centro só para ir ao banco, o que mais faz:  (SC) sim, compras (ST) sim, trabalho (SL) sim, lazer (SO) sim, outro (N) não	8 – Qual seu nível de escolaridade:  (SC) Superior completo (SI) Superior Incompleto (MC) Ensino médio completo (MI) Ensino médio incompleto (FC) Fundamental completo (FI) fundamental incompleto (SF) sem formação.

**APÊNDICE III – Tabelas de bairros de origem dos usuários de bancos nas áreas de concentração analisadas.**

Tabela 2 – Presidente Prudente. Bairro de origem dos usuários de bancos no centro da cidade, 2014.

BAIRRO/CIDADE	N° RESPOSTAS	BAIRRO/CIDADE	N° RESPOSTAS	BAIRRO/CIDADE	N° RESPOSTAS
BOSQUE	6	SÃO BENTO	2	JD. SATÉLITE	1
JD. MARACANÃ	4	SÃO LUCAS	2	ANITA TIEZI	1
MONTALVÃO	4	VL. MARINA	2	JARDIM JEQUITIBÁ	1
ALVARES MACHADO	3	BONGIOVANI	2	MARÉ MANSA	1
ANA JACINTA	3	VL. FURQUIM	2	MARISA	1
BRASIL NOVO	3	JD. VALE DO SOL	2	MARUPIARA	1
ITAPURA II	3	CECAP	1	MORUMBI	1
JD. AVIAÇÃO	3	DISTRITO INDÚSTRIAL	1	PQ. FURQUIM	1
JD. EUDORADO	3	ENEIDA (DISTRITO)	1	PQ. SÃO MATEUS	1
VL. NOVA	3	FLORESTA (DISTRITO)	1	PQ. PRIMAVERA	1
EUCLIDES DA CUNHA	2	JD. AUGUSTO DE PAULA	1	PQ. WATAL	1
FLÓRIDA PAULISTA	2	JD. ALVORADA	1	REGENTE FEIJÓ	1
GUANABARA	2	JD. EVEREST	1	RIBEIRÃO DOS ÍNDIOS	1
HUMBERTO SALVADOR	2	JD. CAMBUY	1	SANTO ANASTÁCIO	1

JD. CINQUENTENÁRIO	2	JD. DAS ROSAS	1	SANTO ESPEDITO	1
JD. NOVO BONGIOVANI	2	JD. ESPLANADA	1	VALE VERDE	1
VILA AURÉLIO	2	JD. ITAIPÚ	1	VILA FORMOZA	1
PIRAPOZINHO	2	JD. LEONOR	1	VILA OCIDENTAL	1
PQ. CEDRAL	2	JD. MONTE ALTO	1	VL. DUBUS	1
PQ. JOSÉ ROTA	2	JD. PLANALTO	1	VL. LUSO	1
RESIDENCIAL SÃO PAULO	2	JD. SANTA FÉ	1	VL. RAMOS	1

Tabela 3 – São José do Rio Preto. Bairro de origem dos usuários e bancos no centro da cidade, 2015.

BAIRRO/CIDADE	Nº RESPOSTAS	BAIRRO/CIDADE	Nº RESPOSTAS	BAIRRO/CIDADE	Nº RESPOSTAS
BADY BASSIT	1	ADODONEO	1	RES. NATO VETORASSO	1
BOA BISTA	4	ALTOS DAS ANDORINHAS	1	VILA AEROPORTO	1
CONJ. HAB. NOVA ESPERANÇA	1	ANA CÉLIA	1	VILA BANCÁRIO	1
GUAPIAÇU	1	BOM JARDIM	1	VILA DIVA	2
JD. CAPARROZ	1	CENTRO	1	VILA BOA ESPERANÇA	1
JD. DAS OLIVEIRAS	2	CIDADANIA	1	SANTO ANTÔNIO	2
JD. MARACANA	1	DUAS VENDAS	1	SÃO MARCOS	1
JD. MARIA LÚCIA	5	ELDORADO	3	JD. SORAIA	1
JD. MUGNAINI	2	ENGENHEIRO SHIMIDT	2	ANCHIETA	1
JD. NAZARETH	4	ESTÂNCIA BELA VISTA	1	SÃO DEOCLESIANO	1
JD. PLANALTO	1	HIGEANÓPOLIS	1	NOVA ESPERANÇA	2
JD. SÃO PAULO	2	JD. MARAJÓ	1	PQ. DA LIBERDADE	3
JD. SIMÕES	1	JD. MORUMBI	1	PQ. INDÚSTRIAL	1
JD. TARRAF I	1	JD. ITAPEMA	1	VILA IDEAL	1
PQ. DO SOL	2	JD. NUNES	2	VILA TONINHO	1
PQ. SÃO MIGUEL	2	JD. SUZANO	1	ESTÂNCIA SANTA CATARINA	1
REDENTORA	1	JD. SANTO ANTÔNIO	1	SÃO FRANCISCO	1
SOLO SAGRADO	3	JOÃO PAULO II	1		

Tabela 4 – São José do Rio Preto. Bairros de origem dos usuários de bancos na Avenida Brigadeiro Faria Lima, 2015.

BAIRRO/CIDADE	Nº RESPOSTAS	BAIRRO/CIDADE	Nº RESPOSTAS
BOA VISTA	2	LUZ DA ESPERANÇA	1
CIDADE NOVA	1	MARIA LÚCIA	1
COND. GREEN FIELDS	1	NATO VETORASSO	1
HIGEANÓPOLIS	1	PQ. SÃO MIGUEL	1
JD. MORUMBI	1	RES. PORTO SEGURO	1
JD. PRIMAVERA	1	SÃO FRANCISCO	1
SÃO DEOCLESIANO	1	SÃO JOÃO	1
SÃO MANOEL	1	SÃO MARCO	1
SÃO PAULO	1	TARRAF	1
		VIVENDAS	1

Tabela 5 – Presidente Prudente. Bairros de origem dos usuários de bancos na Avenida Coronel José Soares Marcondes, 2015.

<b>BAIRRO/CIDADE</b>	<b>N° RESPOSTAS</b>	<b>BAIRRO/CIDADE</b>	<b>N° RESPOSTAS</b>
Jardim Bongiovani	6	Vila Maristela	1
Álvares Machado	3	Presidente Bernardes	1
Jardim Bela Dária	2	Residencial São Paulo	1
Vila Matilde	1	Damha	1
Jardim aquinópolis	1	Residencial Monte Carlo	1
Jardim Paulistano	1	Cobral	1
		Grupo educacional esquema	1